

36/7

JULHO

1983

A BLANONA

Número especial com os
discursos da Conferência Geral
de abril de 1983





Relatório da 153.^a Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e procedimentos dos dias 2 e 3 de abril de 1983, no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade de Lago Salgado, Utah.

“O Presidente Kimball está impossibilitado de estar conosco pessoalmente”, disse o Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência, ao abrir a conferência geral de abril deste ano.

“Entretanto, ele a preside e encontra-se em seu apartamento no hotel do outro lado da rua, de onde acompanha por meio de circuito fechado de televisão. . . Ele se veste todos os dias. Está fraco e seu corpo cansado. Recentemente comemorou seu octogésimo oitavo aniversário, e sente os efeitos da idade avançada e efeitos acumulados das intervenções cirúrgicas a que se submeteu no passado. Que exemplo magnífico tem sido para todos nós. A Igreja inteira acelerou seu ritmo e alongou seus passos atendendo ao seu chamado claro e sonoro. Tem sido para nós o profeta cuja visão e revelação se estendeu aos povos de toda a terra, independente de nação, cor ou condição de vida, oferecendo livremente as incomparáveis bênçãos do Evangelho de Jesus Cristo a todos os que

o aceitarem. Ele envia seu amor e bênçãos a todos vós.”

Assim se iniciou a 153.^a Conferência Geral Anual da Igreja. Tanto o Presidente Kimball como o Presidente Marion G. Romney, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, não estiveram presentes no Tabernáculo devido a problemas de saúde.

“O Presidente Romney”, disse o Presidente Hinckley, “está igualmente tendo dificuldades. Ele, também, sente os efeitos da idade e processo natural de desgaste das dezenas de anos de atividade vigorosa e incansável, promovendo a obra do Senhor.”

As cinco sessões da conferência geral deste ano foram conduzidas pelo Presidente Hinckley e pelo Presidente Ezra Taft Benson, presidente do Quorum dos Doze. A conferência teve três sessões no sábado — matutina, vespertina e sessão do sacerdócio, à noite — e duas sessões no domingo, de manhã e à tarde. De acordo com o previamente anun-

ciado, não houve a sessão de bem-estar no sábado pela manhã, e a sessão do sacerdócio iniciou-se às 18h00 e não às 19h00 como era costumeiro. Com o término da reforma do Assembly Hall, este pôde receber os participantes excedentes da conferência.

Na sexta-feira, 1.º de abril, realizou-se o seminário para representantes regionais durante o dia, e à noite, uma reunião para representantes regionais e presidentes de estaca. O seminário concentrou-se em conselhos de liderança para os duzentos e doze representantes regionais, chamados em todas as partes do mundo.

As sessões da conferência foram transmitidas para mil trezentas e noventa e cinco capelas por circuito de áudio, mil, duzentas e sessenta nos Estados Unidos e Canadá; cento e vinte na Austrália e Nova Zelândia; onze nas Filipinas e Coréia;

quatro na República Dominicana e Porto Rico). Além disso, mais quinhentas e quarenta e nove sedes de estacas nos Estados Unidos acompanharam a conferência pela televisão via satélite pela antena permanente. Vinte capelas no Vale do Lago Salgado acompanharam a conferência por televisão, graças a antenas portáteis receptoras de satélite. Cinquenta e seis estações de televisão comercial transmitiram parte ou toda a conferência, assim como mais de duas mil transmissoras de televisão por cabo; quarenta e sete emissoras de TV do Canadá também transmitiram parte da conferência e sessenta e uma estações de rádio dos Estados Unidos transmitiram parte ou toda a conferência. Além disso, imediatamente após a conferência houve disponibilidade de *video tapes* em diversos outros idiomas.

— Os Editores.





*Aspectos Gerais
da 153.^a conferência
da*

^ IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS
DIAS



**A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA**

Spencer W. Kimball
Marion G. Romney

**Gordon B. Hinckley
CONSELHO
DOS DOZE:**

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

Neal A. Maxwell
**COMITÊ DE
SUPERVISÃO:**

M. Russel Ballard
Loren C. Dunn

Rex D. Pinegar
Charles Didier

George P. Lee
F. Enzo Busche

**EXECUTIVO DO
"INTERNATIONAL
MAGAZINE":**

M. Russel Ballard,
Editor;

Larry A. Hiller,
Editor Gerente;

David Mitchell,
Editor Associado;

Bonnie Saunders,
Seção Infantil;

Roger Gylling,
Desenhista.

**EXECUTIVO DE
A LIAHONA:**

José Maria Carleto,
Diretor Responsável;

Paulo Dias Machado,
Editor;

Victor Hugo da C. Pires,
Assinaturas;

Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

Índice por Assunto

Os assuntos a seguir foram abordados nos discursos que começam na página indicada:

Arbítrio 108

Arrependimento 54, 61, 96

Autoconceito 100

Autocontrole 54, 108

Blasfêmia 119

Bravura 41

Caridade 92, 123

Casamento 84

Chaves 36,

Controle 54,

Currículo da Igreja 112

Dádivas 92

Dizimo 45

Ensino 112

Escrituras 108, 112

Esperança 14,

Espiritualidade 123

Família 67, 71, 74, 127

Fraternidade 31, 48

Jesus Cristo 7, 26, 100, 104

Liderança 79

Missão da Igreja 7, 48

Obediência 31, 61, 88, 123, 133

Otimismo 119

Paciência 14

Pais 67, 71, 74, 127

Palavra de Sabedoria 88

Páscoa 26, 104

Perdão 96, 115

Procrastinação 54

Profanidade 119

Profetas 36, 52

Reativação 79

Ressurreição 26, 104

Restauração 41

Sacerdócio 21, 36, 61, 79

Sacramento 21

Serviço 48

Sobrepesar 84

Sucessão 36

Tentação 84

Tribunais da Igreja 115

Últimos Dias 61

Unidade 31, 52

Oradores da Conferência por ordem alfabética:

Ashton, Marvin J. 54

Ballard, Russell M. 112

Benson, Ezra Taft 7, 79, 88

Brewerton, Ted E. 119

Brown, Victor L. 100

Burton, Theodore M. 115

De Jager, Jacob 123

Derrick, Royden G. 41

Dunn, Loren C. 52

Faust, James E. 74

Haight, David B. 21

Hinckley, Gordon B. 7, 84, 133

Holland, Jeffrey R. 67

Holland, Matthew 71

Howard, F. Burton 96

Hunter, Howard W. 26

Larsen, Dean L. 61

Maxwell, Neal A. 14

McConkie, Bruce R. 36

Monson, Thomas S. 92

Packer, Boyd K. 108

Paramore, James M. 48

Perry L. Tom 127

Petersen, Mark E. 104

Rector, Hartman Jr. 45

Romney, Marion G. 31

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 1.500,00;** para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: **US\$ 5,00;** aérea, **US\$ 10,00.** Preço de exemplar avulso em nossa agência **Cr\$ 150,00.** As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matriculas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição e Fototitulação: Linoart Ltda. - Rua 13 de Maio, 71 - Fone: 256-1588 (PABX). Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manuel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Moreto, 2.430.

1	Relatório da 153.ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	1
2	SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO	
	Apoio aos Oficiais da Igreja	7
	"Não Tosquenejará Nem Dormirá", Presidente Gordon B. Hinckley	7
	"Resplandeceis como Astros no Mundo!", Elder Neal A. Maxwell	14
	O Sacramento, Elder David B. Haight	21
	Evidências da Ressurreição, Elder Howard W. Hunter	26
	Unidade, Presidente Marion G. Romney	31
3	SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO	
	Relatório Estatístico	34
	As Chaves do Reino, Elder Bruce R. McConkie	36
	Bravura no Drama da Vida, Elder Royden G. Derrick	41
	Para que Tenhais Raízes e Ramos, Elder Hartman Rector Jr.	45
	O Evangelho de Jesus Cristo e as Necessidades Básicas das Pessoas, Elder James M. Paramore	48
	Receber Um Profeta, Elder Loren C. Dunn	52
	imediatamente, Elder Marvin J. Ashton	54
4	SESSÃO DO SACERDÓCIO	
	Uma Geração Real, Elder Dean L. Larsen	61
	No Calor de Seus Braços, Jeffrey R. Holland	67
	Pés Enlameados e Camisas Brancas, Matthew Holland	71
	Como Enriquecer a Vida Familiar, Elder James E. Faust	74
	Um Apelo ao Sacerdócio: Apascenta as Minhas Ovelhas, Presidente Ezra Taft Benson	79
	Derrotar os Golias de Nossa Vida, Presidente Gordon B. Hinckley	84
5	SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO	
	Um Princípio com Promessa, Presidente Ezra Taft Benson	88
	"Anônimo" Elder Thomas S. Monson	92
	Arrependimento, Elder F. Burton Howard	96
	Encontrar a Própria Identidade, Bispo Victor L. Brown	100
	Criador e Salvador, Elder Mark E. Petersen	104
6	SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO	
	Arbítrio e Controle, Elder Boyd K. Packer	108
	Ensino — Não Há Maior Chamado, Elder M. Russell Ballard	112
	Perdoar É Divino, Elder Theodore M. Burton	115
	Profanidade e Blasfêmia, Elder Ted E. Brewerton	119
	Conquistar Maior Espiritualidade, Elder Jacob de Jager	123
	Instrui ao Menino, Elder L. Tom Perry	127
	"Não Tenhais Receio de Praticar o Bem", Presidente Gordon B. Hinckley	132
7	DESTAQUES DA SESSÃO DE LIDERANÇA	
	Auto-Suficiência Individual	135

Participação adicional: Na sessão matutina de sábado, as orações foram proferidas pelo Elder Robert L. Simpson e Elder John H. Groberg; na sessão vespertina de sábado, pelo Elder W. Grant Bangert e Elder Vaughn F. Featherstone; na sessão de sacerdócio, pelo Elder Joseph B. Wirthlin e Elder Ronald E. Poelman; na sessão matutina de domingo, pelo Elder Gene R. Cook e Elder Hugh W. Pinnock e na sessão vespertina de domingo, pelo Elder F. Enzo Busche e Elder George P. Lee. Devido a problemas de saúde, estiverem ausentes o Presidente Spencer W. Kimball e Presidente Marion G. Romney.

Fotos deste número ficaram a cargo dos Serviços Fotográficos de Comunicações Públicas: Eldon K. Linschoten, fotógrafo-chefe; Jed A. Clark e Michael M. McConkle.

A foto da capa foi tirada por Jed A. Clark.



Apoio dos Oficiais da Igreja

Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

Registramos com pesar o falecimento do Presidente N. Eldon Tanner, que por ocasião de seu passamento servia como primeiro conselheiro na Primeira Presidência. Após a morte do Presidente Tanner, o Presidente Spencer W. Kimball designou o Presidente Marion G. Romney seu primeiro conselheiro, e o Presidente Gordon B. Hinckley seu segundo conselheiro, ato posteriormente aprovado pelo Conselho da Primeira Presidência e Quorum dos Doze. Em vista disso, é proposto que apoiemos o Presidente Marion G. Romney como primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e o Presidente Gordon B. Hinckley como segundo conselheiro na Primeira Presidência. Todos a favor, queiram manifestar-se; se alguém discordar, que se manifeste.

Com exceção dos irmãos que acabamos de apoiar, e registrando o falecimento de nosso querido amigo e irmão, o Elder LeGrand Richards do Quorum dos Doze, não houve nenhuma modificação nas Autoridades Gerais desde a última conferência. É proposto, portanto, que apoiemos todas as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja, conforme presentemente constituídos.

Todos a favor, queiram manifestar-se.

Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal.

JULHO DE 1983

“Não Tosquenejará nem Dormirá”



Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na
Primeira Presidência

“Deus tece sua tapeçaria segundo seu próprio grandioso desígnio. . . Não precisamos temer. Não nos devemos preocupar. O imperativo é sermos encontrados cumprindo nosso dever.”

Espero que tenhais apreciado o magnífico número apresentado pelo coro — “Guardando Israel, Ele Não Tosquenejará Nem Dormirá”. É um trecho do *Elias* de Mendelssohn, com letra adaptada de de um salmo. (Vide Salmo 121:4.)

Ao estarmos reunidos nesta grande conferência mundial de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, gostaria de usar como tema essas maravilhosas e confortantes palavras. Oro pela orientação do Santo Espírito.

O Presidente Kimball não pode estar conosco em pessoa. Todavia, está presidindo e nos assistindo em seu apartamento no hotel por circuito fechado de televisão. Não se encontra no hospital, conforme correm rumores, nem lá esteve nos últimos meses. Não está em coma, conforme dizem alguns. Veste-se

todos os dias, mas está fraco e seu corpo cansado. Recentemente, comemorou o octogésimo oitavo aniversário e sente os efeitos da idade avançada e das intervenções cirúrgicas a que se submeteu no passado. Que magnífico exemplo ele tem sido para todos nós. Ele deu ímpeto a esta obra de maneira extraordinária. A Igreja inteira acelerou seu ritmo e alongou seus passos, atendendo ao seu chamado claro e sonoro. Ele tem sido nosso profeta, um profeta cuja visão e revelação chegou aos povos de toda a terra, independente de nação, cor ou condição de vida, oferecendo liberalmente as bênçãos inestimáveis do Evangelho de Jesus Cristo a todos que queiram aceitá-lo. Ele envia seu amor e bênçãos a todos vós. Estive com ele ontem, quando mo disse. Nós o amamos e oramos por ele, nossos corações inclinam-se para ele com afeição e nossos rogos por ele ascendem a nosso Pai nos céus.

O Presidente Romney têm igualmente problemas. Também sente os efeitos da idade e processo natural de desgaste de dezenas de anos trabalhando vigorosa e incessantemente na promoção da obra do Senhor. Pediu que fosse dispensado de falar. Ouvimos uma mensagem preparada por ele, lida por seu filho, o Bispo George J. Romney.

Sentimos muito a ausência do Presidente N. Eldon Tanner, que serviu como conselheiro de quatro presidentes da Igreja. Ele faleceu no dia 27 de novembro próximo passado. Nos meses anteriores a sua morte, continuou, apesar de estar enfermo, a nos brindar com sua experiência, sabedoria e inspiração.

Sentiremos, nesta conferência, igualmente falta do ardente testemunho do Elder LeGrand Richards, do Conselho dos Doze. Durante qua-

renta e cinco anos postou-se neste púlpito do Tabernáculo prestando testemunho da veracidade desta "obra maravilhosa e um assombro". (Isaías 29:14.) Milhões sentiram-se tocados pela eloquência e sinceridade de seu testemunho.

Sentimos profundamente a ausência desses grandes líderes. A ausência deles coloca sobre nós outros uma assombrosa responsabilidade. Sou grato ao Senhor por suas bênçãos sustentadoras. Agradeço aos meus irmãos do Conselho dos Doze sua imensa bondade, força e sabedoria. Por vinte anos fiz parte desse quorum único e maravilhoso de homens capazes e devotados, cada um deles chamado por Deus e investido com o santo apostolado. Amo-os como irmãos meus. Cada um deles porta as chaves desta dispensação em reserva, assegurando assim uma transição serena na liderança da Igreja.

Sou grato por meus irmãos do Primeiro Quorum dos Setenta e do Bispado Presidente. Irmãos e irmãs, existe unidade na liderança da Igreja. Penso que essa unidade nunca foi mais forte.

O divino gênio da organização desta obra e dos chamados à liderança é evidente. As Autoridades Gerais são indivíduos, cada um com sua própria personalidade. Cada um traz para suas obrigações uma ampla variedade de experiência e bagagem. Ao serem debatidos assuntos nos conselhos superiores da Igreja, todos têm liberdade de expor seu ponto de vista. Ao observar-se esse interessante processo em funcionamento, é fascinante testemunhar o poder do Santo Espírito influenciando esses homens. Divergências iniciais, nunca bruscas embora perceptíveis, vão-se atenuando e fun-

dindo até chegarem à unidade. “Minha casa é uma casa de ordem”, diz o Senhor. (Ver D&C 132:8.) Observando esse processo em funcionamento, experimento uma constante renovação da fé.

Externo meu sincero apreço igualmente a vós, meus irmãos e irmãs pelo mundo afora, membros da Igreja, onde quer que estejais. Oro que sejais amparados e abençoados, que haja paz em vossos lares e vossos corações, e que “o puro amor de Cristo” se faça sentir em vossa vida. (Morôni 7:47.)

Recentemente, ao lidar mentalmente com um problema que achava muito importante, ajoelhei-me em oração. Veio-me à mente uma sensação de paz e as palavras do Senhor: “Sossegai e sabei que eu sou Deus.” Abrindo as escrituras, reli estas palavras reconfortantes ditas ao Profeta Joseph Smith há cento e cinquenta anos: “Que se confortem vossos corações no que diz respeito a Sião; pois toda a carne está em minhas mãos; sossegai e sabei que eu sou Deus.” (D&C 101:16.)

Deus tece sua tapeçaria segundo seu próprio grandioso desígnio. Toda a carne está em suas mãos. Não temos a prerrogativa de dar-lhe conselhos. Temos a responsabilidade e oportunidade de estar em paz na na mente e coração, e de saber que ele é Deus, que esta é sua obra e que ele não permitirá que malogre.

Não precisamos temer. Não precisamos preocupar-nos. Não devemos especular. O imperativo é sermos encontrados cumprindo nosso dever individual nos chamados que recebemos. E como, em sua maior parte, os santos dos últimos dias estão andando na fé e trabalhando com convicção, a Igreja cresce consistentemente cada vez mais.



Aproveito a ocasião para dizer a todos que a Igreja avança com grande força e poder. Asseguro-vos que o trabalho no escritório da Primeira Presidência anda normalmente e está em dia. Nada está sendo negligenciado e nenhuma ação adiada. Estamos trabalhando sob direta designação e com autorização do presidente da Igreja, com o qual nos reunimos freqüentemente. O mesmo se dá com o trabalho dos Doze, dos Setenta, do Bispo Presidente e organizações auxiliares.

Agradecemos ao Senhor, de quem é esta causa, pelo maravilhoso progresso que estamos tendo. A fé fortalecida do povo mostra-se na freqüência crescente à reunião sacramental, ao templo e no pagamento de dízimos e ofertas, que se tornam uma expressão de seu amor ao Senhor e das generosas bênçãos deste, mesmo nestes tempos de dificuldades econômicas.

Falando neste Tabernáculo cem anos atrás, na conferência geral de abril de 1883, dizia o Presidente Joseph F. Smith: “Bem, enquanto os santos dos últimos dias se contentarem em obedecer aos mandamentos de Deus, apreciarem os privilégios e bênçãos que gozam na

Igreja e usarem seu tempo, talentos e meios em honra ao nome de Deus, para edificação de Sião e estabelecimento da verdade e justiça na terra, nosso Pai Celeste está obrigado por juramento e convênio a protegê-los contra qualquer inimigo e a ajudá-los a vencerem todo obstáculo que possa ser levantado contra eles e lançado em seu caminho.” (*Journal of Discourses*, 24:176.) Estas palavras são tão pertinentes hoje como o eram um século atrás.

O Onipotente está abençoando sua Igreja e seu povo. Ele vela por eles. Não tosqueneja nem dorme ao guiá-los, dirigi-los e realizar “suas maravilhas a sua própria e misteriosa maneira”.

Alguns se preocupam com o fato de que o presidente da Igreja será, provavelmente, sempre um homem idoso, ao que eu respondo: “Que grande bênção!” A obra desta dispensação foi iniciada tendo como instrumento o Profeta Joseph Smith. Este era, na época, jovem e vigoroso, um homem cuja mente não estava apegada às tradições de seu tempo. Tinha a mente jovem, a qual o Senhor podia modelar como argila molhada ao dar início à obra.

O sucessor de Joseph era relativamente moço quando assumiu a terrível responsabilidade de conduzir um povo inteiro pelo sertão para colonizarem uma nova terra.

Mas agora, os fundamentos de nossa doutrina estão assentados e estamos firmemente estabelecidos como povo, pelo menos até que o Senhor ordene nova mudança. Não necessitamos de inovações. Necessitamos é de devoção e apego aos princípios divinamente enunciados. Necessitamos de lealdade ao nosso líder, que foi escolhido por Deus. Ele é nosso profeta, vidente e re-

velador. Jamais ficaremos sem um profeta, se formos dignos de tê-lo. Ele não precisa ser jovem. Ele tem e continuará dispondo de homens mais jovens para viajarem pelo mundo a serviço do ministério. Ele é o sumo sacerdote presidente, repositório de todas as chaves do santo sacerdócio e a voz de revelação de Deus ao seu povo.

Diz um velho provérbio: “Juventude para ação. Idade para sabedoria.”

A meu ver, é profundamente confortador saber que num futuro previsível teremos um presidente que foi disciplinado e treinado, provado e testado, cuja fidelidade à obra e integridade na causa foram temperadas na forja do servir, cuja fé amadureceu e cuja intimidade com Deus foi cultivada durante muitos anos.

Eu não me preocupo. Sinto-me honrado pela oportunidade de servir com aquele que é atualmente o pro-



feta de seu povo. E quando chegar a hora da mudança, seja esta quando for, de acordo com a vontade do Senhor, apoiarei sem reservas aquele que o Senhor escolher pelo processo por ele estabelecido para a sucessão em seu reino, pois sei que esta é a obra de Deus e que este vela por ela agora como tem feito no decorrer dos anos. Ele não comete enganos.

Tenho tido oportunidade de observar esse extraordinário processo em ação.

Hoje é uma espécie de aniversário para mim. Foi na conferência geral de abril vinte e cinco anos atrás, que fui apoiado como autoridade geral, como assistente dos Doze. Foram grandes e impressionantes minhas oportunidades nesse quarto de século. Meu ministério levou-me a muitos países, a vários lugares onde pude ver com meus próprios olhos paz e guerra, prosperidade e terrível miséria, liberdade e opressão. Tenho visto milagres produzidos pela fé. Tenho testemunhado evidências de autêntica bondade e grandeza em homens e mulheres vivendo nas condições mais diversas. Tenho observado de maneira muito íntima e maravilhosa o poder do Onipotente operando entre seus filhos. Tenho notado os fatores que conduzem ao sucesso ou não no crescimento da Igreja e desenvolvimento de seus membros.

Quando me tornei autoridade geral há vinte e cinco anos, havia na Igreja duzentas e cinquenta e uma estacas. Hoje são mil quatrocentas e duas. Tínhamos duas mil trezentas e sessenta e duas alas e ramos independentes. Hoje temos treze mil seiscentas e dezesseis. Pelas estatísticas lidas na conferência de abril de 1958, o número de membros chegava a um milhão, quatrocentos e

oitenta e oito mil em 31 de dezembro de 1957, contra cinco milhões, cento e sessenta e cinco mil em 31 de dezembro de 1982. Crescimento maravilhoso! Usando uma expressão popular: "Devemos estar fazendo a coisa certa." Não, não fizemos. Foi o Senhor quem organizou e dirigiu as forças produtoras de tão farta colheita.

Esta obra possui uma consistência e continuidade extraordinária de se ver e experimentar. Sua força e poder residem na capacidade de todo membro e pesquisador sincero de saber por si próprio, pelo poder do Santo Espírito, que ela é verdadeira. Os críticos podem passar a vida inteira tentando negar ou denegrir ou lançar dúvidas; todos, porém, que perguntam a Deus com fé, têm a garantia de que pela voz do Espírito obterão a certeza de que esta obra é divina.

Não precisamos temer o futuro desde que nos apeguemos aos princípios revelados. Disse o Profeta Joseph Smith certa vez "...éldeles... fossem cheios de mansuetude, de prudência, pregando Jesus Cristo e a sua crucificação; não para contender com as pessoas por causa de sua fé ou sistemas religiosos, mas para seguir um curso firme." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pág. 106)

Gosto das palavras "seguir um curso firme". Espero que nunca nos esqueçamos delas. A Igreja vem-se fortalecendo consistentemente porque os que nos antecederam seguiram um curso firme. Existe quem gostaria de que debilitássemos nossa força buscando objetivos não pertinentes à principal missão da Igreja. Somos constantemente convidados, sim, mesmo instados a acompanhar outros nesta ou naquela cau-



sa. Existem certas causas que merecem nossa participação, que estão diretamente relacionadas com a Igreja e sua missão, e o bem-estar de seu povo. Mas a escolha delas precisa ficar a critério daqueles chamados a liderar. Tais causas são poucas, uma vez que precisamos poupar nossas forças e recursos para a obrigação bem maior de seguir um curso constante na edificação do reino de Deus na terra.

Nossa grande e fundamental mensagem ao mundo é que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo; que ele deu a vida em sacrifício por toda a humanidade; que se levantou do túmulo na primeira manhã de Páscoa, “as primícias dos que dormem” (I Cor. 15:20); que “assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (I Cor. 15:22); que ele vive, nosso Senhor e Mestre ressurreto.

Como tenho dito deste púlpito,

ele nos deu uma missão tríplice: Primeiro, pregar o evangelho restaurado a toda nação, tribo, língua e povo; segundo, a edificação dos santos na fé, incentivando-os a andarem em obediência aos mandamentos do Senhor em tudo que fizerem; e terceiro, a grande obra da salvação dos mortos. Essa imensa missão abrange todas as gerações da humanidade — os que já se foram, todos os que vivem hoje e aqueles que ainda estão por nascer. Ela transcende qualquer raça, nação ou geração. É uma causa sem paralelos. Os frutos dela têm conseqüências infinitas. . . No cumprimento dessa missão precisamos seguir um curso constante e inflexível, não o abandonando jamais.

Temos de intensificar e ampliar nosso esforço missionário. O Presidente Kimball tem reclamado repetidas vezes uma aceleração dessa obra.

Sei que nossos rapazes têm a gra-

ve obrigação de preparar-se pelo estudo para ocuparem cargos de responsabilidade no mundo. O tempo deles é precioso. Mas não hesito em prometer-lhes que o tempo gasto servindo como fiel e dedicado missionário somente aumentará sua qualificação para cargos de responsabilidade no futuro. Independente da profissão que escolheram, estarão melhor qualificados em sua capacidade de expressar-se, seus hábitos de industriiosidade, no valor que dão à instrução, na integridade de sua vida e reconhecimento de uma fonte mais alta de força e poder do que possuem naturalmente.

Temos de ser mais esforçados e eficientes seguindo esse curso constante, instruindo e aperfeiçoando a vida de nosso próprio povo. Temos de apegar-nos aos primeiros princípios, dar prioridade em nosso ensino ao que tem mais valor.

“E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo:

“Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

“E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.



“Este é o primeiro e grande mandamento.

“E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

“Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.” (Mateus 22:35-40.)

Esta deve ser a base de nossa instrução: Amar a Deus e amar e servir o próximo — vizinhos, familiares e todos com quem convivemos. Tudo que ensinarmos deve condizer com estes dois padrões ensinados pelo Senhor. Se assim fizermos, esta obra continuará progredindo. E nos tornaremos como a cidade edificada sobre um monte, cuja luz é impossível de esconder. (Veja Mateus 5:14.)

Então, num espírito de amor e consagração, temos que nos dedicar à obra de redenção dos mortos servindo nos templos do Senhor. Esse serviço aproxima-se mais da obra divina do Filho de Deus, que deu sua vida por outros, do que qualquer outro serviço que conheço.

Meus irmãos e irmãs, se seguirmos um curso firme no cumprimento dessa grande e tríplice responsabilidade, seremos co-participantes com o Pai Celestial na realização de seus propósitos eternos. Vós e eu poderemos falhar como indivíduos e perder a bênção. Mas a obra dele não falha. Sempre haverá quem se levante para realizá-la. Ele declarou: “Como pensei, assim sucederá, e como determinei, assim se efetuará.” (Isaías 14:24.)

Testifico-vos nesta manhã, que ele, velando por Israel, não tosqueneja nem dorme. Que Deus nos ajude a sermos fiéis à grande confiança que depositou em nós, eu oro humildemente, invocando as bênçãos do Senhor sobre vós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

“Resplandeceis como Astros no Mundo!”



Elder Neal A. Maxwell

do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Somos guardiães e possuidores
de um evangelho de radiosa
e realística esperança.*

*Esperança pela qual muitos
anseiam mais profundamente do
que podemos imaginar.”*

Há muitos anos, vimos testemunhando — na literatura, nos filmes e música — expressões crescentes de um profundo senso do que se convencionou chamar de desespero existencial, uma desesperança que está além de qualquer esperança. Convenhamos que o cenário humano também apresenta muitos indivíduos que cuidam alegremente de sua vida, imunes a esses sentimentos. Os holocaustos e guerras, porém, cobraram pesado tributo de esperança ao homem do século vinte. Diz um eminente cientista: “O mais pungente problema da vida moderna é, provavelmente, a sensação do homem de que a vida perdeu seu sentido, . . . ponto de vista . . . não mais limitado à *avant garde* filosófica ou literária. Está-se espalhando por todos os grupos sociais e econômicos, e afeta todas as manifestações da vida.” (Rene Du-

bos, *So Human an Animal*, New York: Scribners, 1968, p. 14f.)

Não é preciso questionarmos a relutância ou sinceridade com que certos indivíduos desesperados chegaram a tal conclusão errada. De fato, a gente sente compaixão e desejo de estender-lhes a mão em súplica sincera!

Num drama recentemente mostrado na televisão, a cena final num cemitério ilustrava perfeitamente essa confusão e falta de propósito, quando uma personagem lamentava punientemente:

“A vida de todos os homens . . . é malograda, tumultuada, angustiada, sem romantismo, pontuada de gritos, imbecilidades, agonias e morte? Quem sabe? . . . Eu não sei . . . Por que as pessoas não podem ter o que querem? As coisas para contentar todo mundo estão aí; no entanto, todos conseguem só a coisa errada. Eu não sei. Está além do meu alcance. É tudo escuridão.” (“The Good Soldier”, dramatização do conto de Ford Madox Ford.)

Mas essa pungência não garante a exatidão do ponto de vista. Além disso, afirmações equivocadas e não contestadas às vezes assumem uma aura imerecida de verdade. Embora uma resposta a tal desesperança possivelmente não cause convicção ao descrente, ela poderá proteger o crente da destruição silenciosa de suas próprias convicções.

Além do mais, conforme observou corretamente um antigo profeta, tristeza e maldade se reforçam mutuamente, pois o “desespero vem por causa da iniquidade”. (Morôni 10:22.)

Comparemos, pois, algumas dessas lamentações com revelações de Deus. As expressões de desespero, com divinos anúncios de esperança.

Os temores de extinção, com a garantia da ressurreição. O provincialismo, com o universalismo do Evangelho de Jesus Cristo. Então veremos como são míopes os mortais, como crianças brincando numa árvore fingindo que estão corajosamente sós!

As lamentações: O homem vive “num universo abandonado”, num universo “sem dono” que “não se importa com as esperanças e temores” do homem, num “império do acaso” no qual o homem é vítima da “marcha inclemente de poderes inconscientes”. (Bertrand Russell, “A Free Man’s Worship”, em *Mysticism and Logic and Other Essays* London: George Allen and Unwin Ltd., 1950, p. 57.)

As revelações: “O Deus que formou a terra... não a criou vazia mas a formou para que fosse habitada.” (Isaías 45:18.)

“Porque ele é o nosso Deus, e nós o povo do seu pasto e ovelhas da sua mão.” (Salmo 95:7.)

“Porque eis que esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.)

“Os homens existem para que tenham alegria.” (2 Néfi 2:25.)

“Até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados.” (Mateus 10:29-30.)

Não só os cabelos de nossa cabeça estão contados, mas também os planetas: “Mas eu só te darei um relato desta terra e dos seus habitantes. Porque eis que há muitos mundos que pela palavra do meu poder deixaram de existir. E há muitos que hoje existem e são incontáveis para o homem; mas para mim todas as coisas estão contadas, porque são minhas e eu as conheço.” (Moisés 1:35.)

Os temores: A humanidade está

fadada à extinção... não há nada que possamos fazer. Não existe vida pessoal além do túmulo; não existe nenhum deus. “O destino não conhece ódio nem piedade.” (James Thomson/‘B.V.’/, *The City of Dreadful Night and Other Poems*, London: Bertram Dobell, 1899, pp. 29-30, 35-36.)

As confirmações: “E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados;

“E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.” (Mateus 27:52-53; ver também 3 Néfi 23:9-11.)

“Onde estás, ó morte, o teu aguilhão? Onde estás, ó inferno, a tua vitória? (I Cor. 15:55.)

“Oh! Quão grande é o plano de nosso Deus!” (2 Néfi 9:13.)

Alguns se desesperam, como diz Pedro, por ignorância voluntária (ver 2 Pedro 3:5), ou, como afirma Néfi, “não procuram o saber, nem entendem o grande entendimento”. (Ver 2 Néfi 32:7.) Para estes, a filosofia pessimista é “agradável à mente carnal”. (Alma 30:53.) Por quê? Porque a conduta permissiva floresce em meio à desesperança. Sendo os apetites humanos encarados erroneamente como a única realidade autêntica e o “agora” como o único momento que importa, por que dominar qualquer impulso ou postergar qualquer gratificação? Por esta razão: imortalidade e responsabilidade são interligadas!

Sim, existem pessoas que vivem sem esperança e que, tendo chegado a uma conclusão errada, ainda assim mantêm conduta certa. Nessas pessoas decentes a luz de Cristo continua acesa, ainda que despercebida. (Ver D&C 84:46.) Não fosse assim,



O Templo de Salt Lake visto dos degraus do Tabernáculo. A conferência teve início em meio a um clima de primavera, mas uma tempestade de neve logo cobriu tudo.

desprezaríamos Gandhi e admiraríamos Hitler, ao invés do contrário!

Esse pessimismo generalizado não significa necessariamente que os “cristãos” voltarão a ser perseguidos como nos tempos do Império Romano. Contudo, há os Césares modernos que não permitirão que seus cidadãos dêem a Cesar somente o que lhe cabe — e a Deus tudo o que é Seu. (Ver Mateus 22:21.)

Esse senso de desespero é intensificado ainda pela comprovada futilidade do materialismo. Mais riqueza não bastará se o homem demonstrar menos bondade. Igualmente, o mero acúmulo de conhecimento sem propósito e de informação sem sabedoria, constitui aprendizagem contínua sem jamais chegar ao conhecimento da verdade. (Ver 2 Tim. 3:7.)

Afligidos pela angústia, alguns andam de lá para cá em busca da verdade sem saber onde encontrá-la. (Ver Amós 8:11-12, D&C 123:12.) Um destes errantes proeminentes foi descrito por um colega: “É estranho como é persistente . . . em andar de lá para cá . . . Não consegue crer nem se sente confortável descrendo.” (Nathaniel Hawthorne, 20 de novembro de 1856, em *English Notebooks*, ed. Randall Stewart, New York: MLA, pp. 432-33.)

Eis o cenário do qual fazemos parte. Muitos rejeitam as escrituras, a memória moral da humanidade e então declaram absolutamente a ausência de absolutos. Outros rejeitam a luz do evangelho e depois se queixam da crescente escuridão. Outros ainda, se afastam de Deus e lamentam a solidão do universo.

Alguns seguem o caminho daquele que deseja abertamente a miséria da humanidade (ver 2 Néfi 2:27), e depois deploram seu descontentamento.

O genuíno cristão, é lógico, não encara a vida como uma experiência fácil: “A cruz precede a coroa, e amanhã é segunda-feira!” (C.S. Lewis, *The Weight of Glory*, New York: Macmillan, 1980.) Com firme esperança, contudo, podemos viver alegremente em meio à insegurança. A vida é uma prova que o homem tem de vencer pela fé, seguindo o caminho estreito e apertado — que irá requerer um esforço pessoal — mas o caminho está aí!

E a morte não é aniquilamento final da personalidade e individualidade do homem! Dizia sabiamente o Presidente Brigham Young que a preservação da individualidade e inteligência humana pela expiação e ressurreição “é o maior dom concedido à humanidade”. (*Journal of Discourses*, 5:53.)

Exatamente como o Profeta Joseph Smith, ao traduzir, processou verdades mais profundas do que até ele se dava conta — nós somos guardiães e possuidores de um evangelho de radiosa e realística esperança. Esperança pela qual muitos anseiam mais profundamente do que podemos imaginar. Às vezes, servimos mal a causa do Senhor ao cumprirmos superficialmente nossos deveres para com a Igreja, sem que nos preocupemos com o progresso das pessoas envolvidas e ao não usarmos de empatia para com os que se debatem no desespero.

Na verdade, vivemos e andamos numa “rua repleta de esplêndidos estranhos” a quem devemos amar e servir mesmo que não se interessem por nós!

Por isso, visto pelo olho da fé, o panorama da história não é prova de um mundo sem propósito. Pelo contrário, vemos vagas sucessivas de seres humanos modificando o cenário mortal, vezes sem conta.

E, por mais eloquentes que sejam certos atores desesperados nesse drama humano, sem a luz do evangelho eles enxergam apenas uma porção minúscula de uma cena, e às vezes nem sequer o ato inteiro. E, certamente, não a peça completa. Estão convidados a entender os propósitos e instruções do Autor desta peça dramática. Porém, quando Este finalmente “aparecer no palco, a peça terminou”!

Enquanto isso não acontecer, não devemos imputar a Deus as falhas do homem! “Lembra-te, lembra-te de que não é a obra de Deus que se frustra, mas a dos homens.” (D&C 3:3.)

De fato, os sucessos e malogros do homem eram conhecidos pelo Senhor desde o princípio, e foram por ele levados em conta ao elaborar seu plano de salvação. (Ver 1 Néfi 9:6.) Seus propósitos serão plenamente alcançados.



Justiça, amor, misericórdia e verdade acabarão prevalecendo no universo presidido pelo Senhor, que é um Tutor firme bem como amoroso. Esta escola mortal é aquela da qual disseram solenemente o Pai e o Filho: “E prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar.” (Abraão 3:25.)

O Senhor sabe que o desenvolvimento individual exige arbítrio e oportunidade. Não existe outro meio.

Não admira que apóstolos e profetas nos aconselhem a não nos afastarmos da esperança do evangelho, pois ela é a “âncora da alma” (Hebreus 6:19) dos homens, “tornando-os firmes e inquebrantáveis, sempre abundando em boas obras”. (Êter 12:4; ver também Col. 1:23.)

É necessário, portanto, que os discípulos dedicados resplandeçam, como diz Paulo, como astros do mundo (ver Fil. 2:15); iluminando o vale

dos últimos dias previsto por Joel: “Multidões, multidões no vale da decisão! porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão.” (Joel 3:14; ver também Apo. 16:16; Zac. 14:2.)

A própria maneira dessas pessoas iluminadas assumirem diariamente a sua cruz é um sermão por si só. (Ver Lucas 9:23.) Elas vivem não em desespero mudo mas em calma inspiração, constituindo o que Paulo chamaria de sua “defesa e confirmação do evangelho”. (Fil. 1:7.)

A vida delas representa uma história menor e mais silente dentro da maior e mais ruidosa história humana, uma peça jubilosa e animadora dentro do drama de desespero que se encena neste planeta.

Primeira cena: Um presidente de missão é chamado de última hora para substituir outro presidente de missão que faleceu. Num desses casos, uma esposa fiel traz de volta o corpo do marido falecido enquanto que outra, recém-operada, atende de bom grado ao chamado para acompanhar o marido para longe de casa. As duas irmãs enfrentam o duro desafio com confiança, doçura, e sem reclamar. Elas compreendem que o pecado é a única verdadeira tragédia!

Um outro quadro: Um jovem presidente de missão, sua esposa e cinco filhos vivem em condições austeras. São obrigados a levar água fervida no carro quando rodam horas e horas sob um sol inclemente a fim de se reunirem com missionários e santos dispersos. Filhos adotivos de outra cultura vivem agora num lar em que se aplica uma cultura celestial, no qual a mãe é a única professora das crianças. Essa família cuida de suas obrigações sem recla-



mar e sem perceber como são especiais! Sabem que estão incluídos nesta declaração tranquilizadora: "... toda a carne está em minhas mãos; sossegai e sabeis que eu sou Deus". (D&C 101:16)

A seguir, um militar sediado na Alemanha, reúne sollicitamente seus companheiros em sua caminhoneta para irem a uma conferência especial para Jovens Adultos. Como não consegue encontrar um deles a tempo, deixa parte de suas magras economias para que esse amigo possa comprar uma passagem de avião e não perder essa conferência tão proveitosa. Esse benfeitor obedeceu, intrinsecamente, ao segundo grande mandamento, rejeitando o dito desesperado de que "inferno são os outros".

Outro quadro mostra uma jovem ginasta que ficou paralítica devido a uma queda. Tornou-se uma testemunha em cadeira de rodas. Como é grande e como edifica a alma do

próximo! Sua limitação é como uma escavação, a construção de um reservatório destinado a conter, um dia, as bênçãos compensatórias sem medida de um Deus generoso em extremo. (Ver Mal. 3:10.)

Outra cena: Viúvas e viúvos aguardando paciente e confiantemente a hora de poderem reunir-se a seus companheiros eternos. Enquanto isso, cuidam de suas obrigações. Como Alma e Paulo, aprenderam a viver, contentes na condição que lhes coube. (Ver Alma 29:3,6; Fil. 4:11.)

Igualmente admiramos profundamente os injustiçados que, não obstante, continuam fazendo o certo, recusando-se a deixarem tomar-se pela amargura. Que outros acusem Deus levianamente (ver Jó 1:22). Essas almas fiéis são caridosas e misericordiosas, assim como José do Egito com seus irmãos faltosos: "E agora, pois, não vos entristeçais,



nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face.” (Gên. 45:5.) Esses santos demonstram perdão onde outros cultivariam ressentimento!

A gente fica humilhado pela submissão espiritual da jovem mãe de vinte e seis anos fadada a morrer, compreensivelmente preocupada com a criação dos dois filhos, um dos quais deu à luz tão recentemente com risco da própria vida. O bebê nasceu bem, mas a mãe valente não pôde recuperar-se. Tendo fé como uma criança, essa jovem irmã nos comovia indagando: “Se devo morrer, como poderei ajudar meu marido e meus pais quando me virem morrendo?” Certamente ela (e outros em situação semelhante) se enquadra perfeitamente no retrato de santo traçado pelo Rei Benjamin, “disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai.” (Mosiah 3:19.)

Pessoas assim são como um ser-

mão contínuo de santidade, para nós. A luz do evangelho infundiu tanta alegria na alma delas, que qualquer nuvem escura foi dissipada. (Alma 19:6.) Com paciente esperança e trabalhando em amor, elas terminam o trabalho que o Senhor lhes deu para fazer.

Mesmo que ventos e tempestades acometam esses santos fiéis, eles vencerão o mundo — e não o contrário. Que outros vacilem; eles não! Que outros duvidem e fiquem amuados; eles não. Que alguns escarneçam ruidosamente do templo; eles acorrem caladamente ao templo a fim de servir a quem o templo pertence!

Deus vos abençoe, irmãos e irmãs fiéis, por resplandecerdes como “astros no mundo” (Fil. 2:15), como uma luz que dissipa o desespero. Vós dais a um mundo espiritualmente analfabeto grandes lições de gramática do evangelho, incluindo esta: A morte não é um ponto de exclamação, mas uma simples vírgula!

No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.



O Sacramento



Elder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Em nossa conduta diária
devemos refletir a renovação
e o compromisso espiritual
assumido no domingo.”*

Desejaria que todos pudessem criar-se numa cidade pequena. Tenho memórias tão boas de minha meninice. Naquelas deliciosas noites de verão e inverno, nós é que criávamos grande parte de nossas atividades e divertimentos. Foram dias maravilhosos.

O prédio mais importante em nossa cidade, além da escola, era a capela da ala, com sua imponente tribuna elevada de dois patamares. A tribuna era ampla e no primeiro patamar havia a mesa do secretário numa extremidade, um piano na outra e, bem no meio, a mesa do sacramento. Na parte mais alta ficava o púlpito com sua cobertura de veludo vermelho e as cadeiras primorosamente esculpidas e assentos estofados igualmente em veludo vermelho, para o bispado ou autoridades visitantes. A parede dos fundos da capela ostentava duas belas pinturas a óleo, uma do Templo de Kirtland e a outra, do Templo de Salt Lake. Todos os presentes tinham uma visão perfeita do impo-

nente púlpito e, logicamente, da mesa do sacramento.

As reuniões sacramentais eram ocasiões especiais. O Senhor ensina que é “conveniente que a igreja se reúna amiúde para partilhar do pão e vinho em memória do Senhor Jesus”. (D&C 20:75.) Nós, do Sacerdócio Aarônico, sabíamos que era especial. Éramos bem instruídos. Sabíamos exatamente o que fazer. Aprendêramos em casa e nas reuniões do quorum a grande honra que nos era feita como portadores do santo sacerdócio de Deus, que nos autorizava a realizar ordenanças sagradas do evangelho.

Ainda me lembro perfeitamente como admirávamos, quando diáconos, os dois sacerdotes sentados no primeiro patamar da tribuna elevada, para abençoarem o sacramento da Ceia do Senhor. Eles ficavam à vista de todos na capela e estou certo de que sentiam a importância da ocasião. Estavam sempre limpos e vestidos com suas melhores roupas, e bem preparados.

Os membros do bispado, sentados em suas cadeiras especiais, ficavam acima dos sacerdotes. Todos podiam vê-los. Os sacerdotes agiam e apresentavam-se com a mesma dignidade do bispado.



Nós, diáconos e mestres, ficávamos sentados no primeiro banco, preparados para distribuir o sacramento. Recordo ainda como brilhavam as bandejas de pão e faiscavam os copinhos de água. Tudo na mesa do sacramento, incluindo as toalhas, estava imaculado e pronto a tempo.

Esperava-se que todos cantassem o hino sacramental. E todos cantavam-no. As crianças eram ensinadas não só a serem reverentes, como a conhecer a letra dos hinos mais cantados. Ainda vejo a Irmã Ella Jack, que regia a música, postada entre a mesa do sacramento e o piano, esperando atenta até que todos tivessem um hinário e estivessem prontos para cantar. Ela cuidava particularmente que os meninos do Sacerdócio Aarônico tivessem hinários. E todos nós cantávamos. Estávamos aprendendo, ainda garotos, que para sentir o Espírito precisava haver uma mudança em nosso coração, e que para estarmos em harmonia com ele nessa ocasião sagrada, era preciso cantarmos o hino sacramental. Cantando pessoalmente a letra, nossa alma preparava-se para entender essa sagrada ordenança. Na Última Ceia, os primeiros apóstolos cantaram com o Senhor. Diz Mateus: “E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras.” (Mateus 26:30.)

E quando cantávamos na reunião sacramental:

*Em humildade, nosso Salvador,
Concede-nos teu Espírito, agora.
Ao abençoarmos esta água e pão,
Em teu santo nome, neste dia
santo.*

*Não me deixes esquecer, ó
Salvador,
Como sangraste e morreste por
mim,*

*Com o coração transpassado na
cruz do Calvário.*

*Enche nosso coração com doce
misericórdia,
Ensina-nos tolerância e amor:
Que nossas preces consigam a ti
subir
Em tua santa morada celeste.
Então, quando provarmos ser
dignos
Do teu sacrifício divino, Senhor,
Permite que voltemos à tua
presença,
E sejamos iluminados por tua
glória.*

(Hymns, n.º 49; hino não vertido para o português; tradução livre e aproximada. N. do T.)

Essas palavras ficavam gravadas em nosso coração por terem sido pronunciadas pessoalmente. Quando unimos expressões celestes à melodia celeste surgem na alma pensamentos celestiais.

Terminado o hino sacramental, os sacerdotes ajoelhavam-se na banquetta de veludo vermelho para abençoar a água e o pão. Não tínhamos a oração impressa em cartões, mas a seção 20 de Doutrina & Convênios ficava sempre aberta, caso houvesse necessidade. Na época não havia microfones. Os sacerdotes eram instruídos a lerem pausada e claramente, para que todos pudessem ouvir e entender as palavras da sagrada oração que recebemos do Senhor, palavra por palavra.

Os consultores de quorum nos ensinavam na reunião do sacerdócio o caráter sagrado da ordenança do sacramento — como devíamos pensar no Salvador, em seu sacrifício por nós — a importância de nos apresentarmos bem arrumados e vestidos e de decidirmos nesse momento de calma reflexão, guardar melhor

todos os mandamentos. Observávamos atentamente nossos sacerdotes oficiando nessa sagrada ordenança, bastante semelhante àquela primeira vez, e ouvíamos pronunciarem a bênção divina sobre o pão e a água, em lembrança da carne e do sangue de nosso Salvador. Quando o sacerdote invoca publicamente nosso Pai Eterno, poderá, se devidamente sintonizado espiritualmente, visualizar na mente o Pai Celeste ouvindo amorosamente sua humilde súplica:

“Ó Deus, Pai Eterno, nós te rogamos em nome de teu Filho, Jesus Cristo, que abençoes e santifiques este pão para as almas de todos os que partilharem dele, para que o comam em lembrança do corpo de teu Filho e testifiquem a ti, ó Deus, Pai Eterno, que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho, e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele lhes deu, para que possam ter sempre consigo o seu Espírito.” (D&C 20:77.)

Desejaria que os rapazes do Sacerdócio Aarônico de toda a Igreja pudessem ouvir o Élder Howard W. Hunter abençoando o sacramento no templo. Ele é uma testemunha especial de Cristo. Quando o ouço rogar ao Pai Celeste que abençoe o sacramento, sinto a profunda espiritualidade de sua alma. Cada palavra é clara e significativa. Ele não tem pressa. Está ali como porta-voz de todos os apóstolos dirigindo-se ao Pai Celestial. Cada palavra da ordenança do sacramento é vital. Todos os presentes na reunião sacramental devem ouvir claramente todas as palavras e meditar no convênio que acabam de fazer, e em sua dignidade pessoal.

A ordenança da Ceia do Senhor foi instituída pelo próprio Salvador,

segundo os evangelistas. Comenta o Élder James E. Talmage:

“Enquanto Jesus estava ainda à mesa com os Doze, tomou um pão e tendo reverentemente dado graças e pela bênção o santificado, deu um pedaço a cada um dos apóstolos, dizendo: ‘Tomai, comei, isto é o meu corpo’... Então, tomando um copo de vinho, deu graças e o abençoou, e lhes deu com a ordem: ‘Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados...’ Dessa forma simples mas impressiva, foi instituída a ordenança conhecida desde essa época como o sacramento da Ceia do Senhor. O pão e o vinho, devidamente consagrados pela oração, tornam-se os emblemas do corpo e sangue do Senhor, para serem comidos e bebidos reverentemente, e em memória dele.” (*Jesus o Cristo*, pp. 576-77.)

Esta santa ordenança foi posteriormente ensinada aos nefitas pelo próprio Salvador. Depois de ensiná-los e curar seus doentes, “Jesus ordenou aos seus discípulos que lhe trouxessem um pouco de pão e vinho...”

“E... Jesus tomou do pão e repartiu-o, abençoando-o; e deu-o a seus discípulos, mandando que comessem.

“E quando eles acabaram de comer... mandou que dessem à multidão.” (3 Néfi 18:1, 3-4.)

O Salvador instruiu-os a “distribuí-lo ao povo de minha igreja, bem como a todos os que crerem e forem batizados em meu nome.

“E sempre cuidareis de fazer isto, tal como eu fiz, da mesma forma como eu repartí o pão, abençoei-o e vo-lo dei...”



Presidência da Junta Geral das Moças; da esquerda para a direita: Irmã Norma B. Smith, segunda conselheira, Irmã Elaine A. Cannon, presidente, e Irmã Arlene B. Darger, primeira conselheira.

“E isso fareis sempre, a todos os que se arrependerem e forem batizados em meu nome; e o fareis em memória do meu sangue, que derramei por vós, a fim de que testifiqueis ao Pai que sempre vos lembrais de mim. E se lembrardes sempre de mim, tereis meu Espírito convosco.

“E eu vos ordeno que façais estas coisas. E, se as fizerdes sempre, bem-aventurados sereis, porque estareis edificadas sobre a minha rocha.” (3 Néfi 18:5-6, 11-12.)

A oportunidade semanal de participar do sacramento da Ceia do Senhor é uma das mais sagradas ordenanças de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e mais uma indicação de seu amor a todos nós. À participação do sacramento estão associados princípios fundamentais para o progresso e

exaltação do homem no reino de Deus e para a modelagem de nosso caráter espiritual. Em nossa conduta diária devemos refletir a renovação e o compromisso espiritual assumidos no domingo. Possivelmente não reconhecemos a profunda importância espiritual que essa ordenança nos oferece pessoalmente. É possível que uma atitude impensada de formalidade rotineira da nossa parte, nesse momento sagrado, prejudique nosso crescimento espiritual?

De um domingo para outro, todos nós temos palavras ou atos ou pensamentos que lamentamos e gostaríamos de eliminar de nossa alma. Talvez tenhamos errado contra alguém ou o tenhamos injuriado; ou, se ainda temos ressentimento, devemos arrepender-nos, conseguir o perdão da pessoa ofendida ou com a qual

estamos ressentidos, para depois nos prepararmos humildemente, com espírito contrito, para participar dignamente do sacramento. Se estivermos sinceramente arrependidos, poderemos ser perdoados e curados espiritualmente. Vós já o experimentastes e eu também.

O Senhor ensina por revelação que “os membros deverão manifestar diante da igreja e dos élderes, por comportamento e conversa piedosa, . . . vivendo em santidade diante do Senhor”. (D&C 20:69.)

O Senhor ensina ainda: “Não permitireis, sabendo-o, que ninguém participe indignamente de minha carne e do meu sangue.” (3 Néfi 18:28.)

Anos atrás, dizia o Élder Melvin J. Ballard:

“Sou testemunha de que existe um espírito assistindo à administração do sacramento, o qual aquece a alma dos pés à cabeça. Vocês poderão sentir as feridas do espírito a serem curadas e aliviar-se o fardo que os oprime. O conforto e a felicidade chegam à alma que é digna e se sente verdadeiramente desejosa de partilhar do alimento espiritual.” (Vida e Ensinamentos de Jesus e seus Apóstolos, Cap. 12, pág. 95.)

Durante a administração e distribuição do sacramento, os presentes têm oportunidade de pensar nos preciosos dons disponíveis por causa de seu sacrifício por nós, pois o sacramento é abençoado e santificado para que todos participem dele em lembrança do Filho de Deus. (Ver D&C 20:77.)

Usualmente uma vez por semana, temos oportunidade de estar na reunião sacramental por pouco mais de uma hora, e refletir sobre a vida do Salvador, lembrar-nos com profunda gratidão e reverência de

sua vida de pureza, bondade e amor; e meditar no seu grande sacrifício expiatório e participar do pão partido, símbolo de sua carne dilacerada, e tomar da água, simbolizando o sangue derramado por nós na cruz.

O Salvador ensinou aos nefitas: “Vim ao mundo para fazer a vontade do Pai, porque ele me enviou.

“E o Pai me enviou para que eu fosse levantado sobre a cruz. . . para que. . . pudesse atrair a mim todos os homens.” (3 Néfi 27:13-14.)

Ao participarmos do sacramento e meditarmos em seu sacrifício por todos nós, assumimos o solene compromisso de guardar os mandamentos que ele nos deu, a fim de que, assim fazendo, possamos ter conosco o seu Espírito. Participando do sacramento todos os domingos, receberemos o incentivo e força para guardar os mandamentos de Deus, viver retamente, virtuosamente e honestamente. Jesus o resumiu assim: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lucas 10:27.)

É a isto que se compromete todo aquele que participa do sacramento. Viver os mandamentos de Deus obriga a pessoa a uma vida de bondade — bondade para com a sociedade e genuíno serviço à humanidade, excluindo de sua vida todo ódio, inimizade, imoralidade, egoísmo, embriaguez, ciúmes e desonestidade.

Possamos sentir a alegria da frequência regular à reunião sacramental, e sentir as bênçãos do progresso eterno em nossa vida pessoal por meio do cumprimento sincero, em espírito e ação, das palavras sagradas do sacramento.

O Profeta Joseph Smith ensina: “A

leitura das experiências alheias... jamais poderá dar a nós um entendimento de nosso estado e de nossa verdadeira relação com Deus. O conhecimento dessas coisas só pode ser obtido pela experiência, mediante as ordenanças que Deus estabeleceu para esse propósito. Se por cinco minutos pudessemos contemplar o que há nos céus, aprenderíamos mais do que se lêssemos tudo o que já se escreveu sobre o assunto.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 316.)

O sacramento é uma ordenança que nos permite sentir a relação pessoal com Deus e amplia nosso conhecimento e entendimento dele e de seu Filho Unigênito.

A recompensa pessoal pelo cumprimento dos convênios e obrigações na ordenança do sacramento é a companhia do Santo Espírito de Deus. Este é a luz que conduz à vida eterna. As virtudes divinas associadas à participação da Ceia do Senhor são ter sempre em mente sua vida divina; amar o Senhor de todo o coração, poder, mente e força; e trabalhar para que se cumpra seu supremo propósito — a vida eterna do homem.

Presto-vos humilde testemunho de que isto é verdade, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.



Evidências da Ressurreição



Elder Howard W. Hunter

do Quorum dos Doze Apóstolos

Algumas evidências e o “curso de ação que, seguido, proporciona o conhecimento da veracidade das boas-novas do evangelho”.

A mensagem que apresento hoje a esta conferência e a todos que escutam seu desenrolar é importante para toda pessoa vivente. Não é uma mensagem nova. Se fordes um membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a ouvistes repetidas vezes. Se não sois membro, talvez ouvistes as palavras antes mas quem sabe hoje, mais impressionados com as novas evidências, vos sentireis inclinados a torná-las uma fé motivadora.

A mensagem de que falo fez parte de todas as mensagens que já ouvistes hoje. É simples, bela e magnífica. Talvez não consiga apresentá-la de maneira perfeita e muitos possivelmente não a compreenderão plenamente. Podemos ter dificuldade em expô-la de maneira apropriada, mas a mensagem em si tem sido considerada a maior, mais emocionante, mais significativa e importante que haveremos de ouvir. Ela tem

a ver com as “boas-novas” — o Evangelho de Jesus Cristo.

Especificamente, é que Jesus de Nazaré, o mesmo que nasceu de Maria em Belém, uns dois mil anos atrás, é o Salvador de toda a humanidade. Sabemos e testificamos ao mundo, que ele viveu uma vida perfeita e exemplar, que sofreu por nossos pecados no Jardim de Getsêmani, que entregou a vida por nós sendo crucificado, e que ressuscitou depois de três dias, conforme havia dito. A parte final dessas boas-novas é que ele voltará um dia, no futuro, a fim de reunir os seus.

Esta é igualmente a mensagem do Apóstolo Paulo na epístola aos santos de Corínto: Que Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado e tornou a levantar-se no terceiro dia. Eis suas palavras:

“Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes e no qual também permaneceis.

“Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão.

“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que o Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras.

“E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as escrituras.” (I Cor. 15:1-4.)

Nesta Páscoa nossos pensamentos voltam-se para os acontecimentos que compõem o que é, possivelmente, a parte mais emocionante das boas-novas das quais testificamos. Refiro-me aos acontecimentos que se seguiram à crucificação do Salvador. Os evangelistas descrevem o sepultamento apressado do Senhor devido ao início do sábado; a desco-

berta, na madrugada, do sepulcro vazio por Maria e outras mulheres fiéis; a informação do anjo: “Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito.” (Mateus 28:6); a mensagem transmitida por Maria a Pedro e João, de que o corpo fora tirado do sepulcro; a verificação por Pedro e João de que o sepulcro estava realmente vazio; e finalmente, os dois breves diálogos de Maria, primeiro com os dois personagens de branco junto ao sepulcro, e depois com aquele que julgava ser o hortelão, mas compreendendo logo tratar-se do próprio Mestre.

Estes são os acontecimentos que confirmam o messianismo de Jesus. É nestes acontecimentos que os cristãos fundamentam sua esperança de vida após a morte. Em nosso mundo moderno, de vida tão diversa e distante dos acontecimentos da manhã da primeira Páscoa, muitos encontram dificuldades em acreditar nessas coisas e com elas identificar-se. Para estes, temos mais boas-novas. Existe um meio de saber com certeza, além de muitas evidências capazes de ajudar quem procura conhecer e entender a verdade. Gos-



Elder Theodore M. Burton do Primeiro Quórum dos Setenta.

taria de compartilhar brevemente convosco, nesta manhã, primeiro algumas dessas evidências, e depois, o curso de ação que, seguido, proporciona o conhecimento da veracidade dessas coisas.

Enquanto estava em Jerusalém, Jesus fez um de seus mais admiráveis discursos quando falou sobre pastores e ovelhas, referindo-se a si próprio como o Bom Pastor que conhece suas ovelhas e é conhecido pelas ovelhas do seu aprisco. Dizia ele:

“Eu sou o bom Pastor e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido.

“Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai e dou minha vida pelas ovelhas.

“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor.” (João 10:14-16.)



Quem eram essas “outras ovelhas” não pertencentes ao aprisco da Palestina, que ouviram a voz do Senhor e receberiam a luz do evangelho como o resto de suas ovelhas? Ele referia-se aos remanescentes da casa de José que viviam no continente americano e cujos antepassados haviam saído de Jerusalém cerca de seis séculos antes da sua época, viajando para o Novo Mundo.

Depois de sua crucificação e subsequente ressurreição, o Senhor de fato visitou essas outras ovelhas, como disse que faria; e a elas disse o Cristo ressurreto aqui nas Américas:

“Sois aqueles de quem falei: Tenho também outras ovelhas, que não são deste redil; a essas também me convém conduzir; e ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e um pastor.

“E não me compreenderam porque pensaram que eu me referia aos gentios.” (3 Néfi 15:21-22.)

Aos que estão familiarizados com a vida e os ensinamentos do Mestre pelos conhecimentos obtidos da Bíblia, será interessante saber que existe igualmente um registro de sua aparição ao povo no Hemisfério Ocidental — às outras ovelhas às quais se referiu. Intitula-se O Livro de Mórmon, segundo o profeta que compilou e condensou os anais dos povos que viveram no continente americano. O Livro de Mórmon é mais uma testemunha de Cristo e registra seus ensinamentos dados ao rebanho do Novo Mundo. É também o registro dos acontecimentos históricos durante mais de mil anos de andanças e lutas desse povo e dos profetas que os dirigiam e ensinavam.

Damo-nos conta da força e poder

dos numerosos testemunhos dos profetas que viveram no mundo, conforme o registro bíblico. Nossas boas-novas são de que as palavras dos profetas que viveram no Novo Mundo nos dão informações adicionais sobre as coisas espirituais, como também um testemunho corroborador que apóia e condiz com o que já sabemos pela Bíblia.

A vós que não conheceis bem o Livro de Mórmon mas buscais sinceramente a verdade eu digo que sua leitura terá um profundo efeito em vossa vida. Ampliará vosso conhecimento da relação de Deus com o homem, dando-vos maior desejo de viver em harmonia com os ensinamentos do evangelho. Além disso, vos fornecerá um poderoso testemunho de Jesus.

As perguntas: "Como posso saber se essas coisas são verdadeiras?" e "Como posso saber, com certeza, que o Salvador vive?", são respondidas por Morôni, um dos grandes profetas do Livro de Mórmon. Ele nos mostra como comprovar a veracidade do Livro de Mórmon e esse mesmo processo nos conduzirá a toda verdade e ajuda seguramente aquele que deseja conhecer a realidade da ressurreição de Jesus. Diz ele:

"E quando receberdes essas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo.

"E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas." (Morôni 10:4-5.)

Se tendes o desejo sincero de

saber e estais dispostos a viver de acordo com todos os mandamentos dados por ele, este conselho de Morôni resultará na confirmação espiritual das verdades do evangelho.

Nesta Páscoa, sinto fortemente a importância de minha comissão de testificar da realidade da ressurreição do Salvador. Meus irmãos e irmãs, existe um Deus nos céus que nos ama e se preocupa convosco e comigo. Nós temos um Pai nos céus que nos mandou seu Unigênito na carne a fim de ser um exemplo para nós, assumir os pecados do mundo e depois ser crucificado pelos pecados do mundo e ressuscitar. Foi ele quem disse:

"Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer;

"Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri;



Elder David B. Haight do Quórum dos Doze Apóstolos.



“Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar —

“Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens.” (D&C 19:16-19.)

E disse mais: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

“E todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu nisto?” (João 11:25-26.)

É realmente uma maravilhosa mensagem — haverá vida após a morte; nós podemos voltar a viver com nosso Pai nos céus em virtude do sacrifício que o Salvador fez por nós, e em virtude de nosso próprio

arrependimento e obediência aos mandamentos.

No glorioso amanhecer da Páscoa, quando os pensamentos do mundo cristão estão voltados, durante alguns breves momentos, para a ressurreição de Jesus, expressemos ao Pai Celestial nosso apreço pelo grande plano de salvação que providenciou para nós. Devemos dedicar-nos e apegar-nos abnegada e cuidadosamente aos princípios da retidão. Assim fazendo, lembremos de que o tempo de preparação está chegando ao fim, que logo o Salvador estará de volta. Conforme diz o Apóstolo Paulo: “Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará.” (Hebreus 10:37.)

Que possamos ser encontrados dignos em sua vinda, é minha oração em seu nome. Amém.

Unidade



Presidente Marion G. Romney

Primeiro conselheiro na
Primeira Presidência

(Lido por seu filho, George J. Romney)

"Aqueles que professam aceitar o evangelho mas ao mesmo tempo criticam e recusam-se a seguir o conselho do profeta, assumem uma posição indefensável."

Um dos temas centrais do Evangelho de Jesus Cristo é a unidade. As escrituras ensinam que entre os membros da Igreja devem prevalecer a igualdade e a união.

Certamente vos lembrais de que na noite da Última Ceia, quando o Salvador se reuniu com seus apóstolos, ele orou que fossem um com ele, assim como ele era um com o Pai. Orou não só por eles, como "também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;

"Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste." (João 17:20-21.)

O objetivo sempre foi a unidade, união e igualdade entre os membros da Igreja de Cristo. Como exemplo, chamo vossa atenção para o registro de Enoque, como ele e seu povo atingiram um estado de união, en-

quanto o resto do mundo estava em guerra.

"E caiu uma maldição sobre todo o povo que lutava contra Deus.

"E daquele tempo em diante, houve guerras e derramamento de sangue entre eles; mas o Senhor veio e habitou com o seu povo e eles viveram em retidão.

"O temor do Senhor caiu sobre todas as nações, tão grande era a glória do Senhor que cobria seu povo. E o Senhor abençoou a terra...

"O Senhor chamou a seu povo Sião..." Por quê? *"Porque era uno de coração e vontade, e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles."* (Moisés 7:15-18, grifo nosso.)

Durante seu ministério mortal, Jesus ensinou a mesma doutrina a seus discípulos. Após sua ascensão, "todos foram cheios do Espírito



Elder Hartman Rector Jr., do Primeiro Quórum dos Setenta.

Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus.

“E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns.” (Atos 4: 31-32.)

Depois do ministério do Salvador ressurreto entre os nefitas, “o povo inteiro foi convertido ao Senhor sobre toda a face da terra, tanto nefitas como lamanitas; e não havia contendidas nem disputas entre eles, e procediam retamente uns com os outros.

“E tinham todas as coisas em comum; portanto, não havia ricos nem pobres, escravos nem livres, mas eram todos livres e participantes do dom celestial. (4 Néfi 2-3; grifo nosso.)

Hoje, nós somos a Igreja de Cristo e o Senhor espera que cheguemos

a essa mesma unidade e nos diz: “Sede um; e se vós não sois um, não sois meus.” (D&C 38:27.)

Certos membros supõem ser possível estar em plena harmonia com o espírito do evangelho e plenamente integrado na Igreja e, ao mesmo tempo, estar em desarmonia com seus líderes e o conselho e orientação dados por eles. É uma posição totalmente inconsistente, pois a Igreja não é dirigida apenas pela palavra escrita mas também pela revelação contínua, e o Senhor dá essa revelação através de seu profeta escolhido. Segue-se, portanto, que aqueles que professam aceitar o evangelho mas ao mesmo tempo criticam e recusam-se a seguir o conselho do profeta, assumem uma posição indefensável. Essa atitude leva à apostasia. Não é nova. Era a regra nos dias de Jesus e nos dias do Profeta Joseph Smith.

É bom recordarmos a grande lição ensinada pelo Senhor aos nefitas sobre esse assunto quando iniciou seu ministério entre eles, dizendo:

“Não haverá disputas entre vós como agora tem havido, nem discordareis mais entre vós sobre pontos da minha doutrina, como até agora tendes discordado.

“Pois em verdade, em verdade vos digo que aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do demônio, que é o pai da discórdia e leva a cólera aos corações dos homens, para contenderem uns com os outros. (3 Néfi 11:28-29.)

Só existe um meio de sermos unidos, e esse meio é buscar o Senhor e a sua justiça. (Vide 3 Néfi 13:33.) A unidade é alcançada, seguindo a luz que vem de cima e não a confusão vinda de baixo. Enquanto os homens dependerem de



Francis M. Gibbons, secretário da Primeira Presidência, o qual apresentou o relatório estatístico durante a conferência.

sua própria sabedoria e seguirem seus próprios caminhos, rejeitando a orientação do Senhor, eles não conseguem viver em união. Tampouco chegarão à união seguindo homens sem inspiração.

O caminho para a unidade é aprender a vontade do Senhor e depois fazê-la. Até que seja entendido e observado este princípio fundamental, não haverá união e paz na face da terra. O poder benéfico da Igreja no mundo depende da medida em que nós, seus membros, observamos esse princípio.

A principal causa dos problemas mundiais de hoje é que os homens não procuram conhecer a vontade do Senhor para depois cumpri-la. Antes procuram resolver seus problemas com sua própria sabedoria e a sua própria maneira. Na primeira seção de Doutrina & Convênios, revelada como prefácio do livro de mandamentos, o Senhor aponta, com ênfase, isto como causa das calamidades que previa para os habitantes da terra. Escutai esta ressoante declaração:

“Pois se desviaram dos meus estatutos e quebraram o meu eterno convênio;

“Não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio caminho.” (D&C 1:15-16.)

Irmãos e irmãs, não dependais do conselho de homens nem confieis no braço da carne (vide D&C 1:19), mas buscai o Senhor para estabelecer sua justiça (Vide D&C 1:16.)

Nós, da Igreja, podemos chegar à unidade e união, dando-nos uma força além de tudo que gozamos até agora, se obtivermos um entendimento mais profundo dos princípios do evangelho e chegarmos à confor-

midade de interpretação das atuais condições e tendências do mundo. Isto conseguiremos estudando a palavra do Senhor, inclusive a dada por meio do profeta vivo.

É este o caminho para alcançar a unidade. Se estudarmos a palavra do Senhor que nos chega através das obras-padrão e pelas instruções do profeta vivo, e não endurecermos o coração, mas nos humilharmos e desenvolver o desejo genuíno de compreender sua aplicação em nossas condições particulares, e depois perguntarmos ao Senhor com fé, crendo que receberemos (vide D&C 18:18), tudo isso enquanto guardamos diligentemente os mandamentos do Senhor, certamente nos será indicado o caminho que devemos seguir e poderemos enfrentar o mundo como sólida unidade.

Sem dúvida alguma, nós necessitamos dessa unidade e dessa força neste dia em que vivemos. Temos uma grande oportunidade, oportunidade maior do que nunca de subir rumo aos céus, de obter o espírito do evangelho. E isto conseguiremos desenvolvendo entre nós a unidade requerida pelas leis do reino celestial.

Se, por conveniência momentânea, colocarmos Deus de lado para seguir os ensinamentos de homens, nós o estaremos negando.

Somente um povo unido e cumpridor dos mandamentos de Deus poderá esperar a proteção que só ele poderá dar quando caírem as chuvas e soprarem os ventos e assaltarem a casa. (Vide Mateus 7:25.)

Estou certo de que, quando integrados na obra do Senhor, somos capazes de fazer tudo o que ele requer desde que estejamos unidos. Que assim seja, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Relatório Estatístico de 1982

**Apresentado por
Francis M. Gibbons
Secretário da Primeira Presidência**

Para informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência emitiu o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1982.

(O número de membros é estimativo, baseado nos relatórios de 1982 disponíveis até a data da conferência.)

Unidades da Igreja

Número de estacas	1 392
Número de distritos	336
Número de missões	180
Número de alas	8 888
Número de ramos em estacas	2 699
Número de ramos em missões	2 029

(Estes dados estatísticos demonstram um aumento de 71 estacas e 523 alas e ramos no ano de 1982.)

Número de países independentes com alas e ramos organizados	89
Número de territórios, colônias e possessões com alas e ramos organizados	16

Membros da Igreja

Número total de membros ao fim de 1982	5 165 000
--	-----------

Crescimento da Igreja em 1982

Número de crianças registradas	124 000
Número de crianças batizadas	67 000
Número de conversos batizados	207 000

Estatística Social

Taxa de nascimentos por mil	28.1
Número de pessoas casadas por mil	12.2
Número de mortes por mil	3.9

Sacerdócio

Diáconos	227 000
Mestres	168 000
Sacerdotes	325 000
Élderes	436 000
Setentas	32 000
Sumo Sacerdotes	180 000

Missionários

Missionários de tempo integral	26 300
--------------------------------------	--------

Sociedade Genealógica

Número de nomes liberados em 1982 para as ordenanças no Templo	2 462 700
---	-----------

Templos

Número de endowments realizados em 1982:	
Pelos vivos	48 000
Pelos mortos	4 418 000
Templos em funcionamento	19
Templos projetados ou em construção	22
Templos fechados durante o ano	1

Sistema Educacional

Total de matrículas durante o ano letivo de 1981-82:	
Seminários e Institutos	320 500
Escolas da Igreja, Faculdades e Universidades	70 100

Serviços de Bem-Estar

Pessoas assistidas pelos Serviços Sociais SUD	83 700
Pessoas colocadas em empregos remunerados	22 300
Horas de trabalho doadas aos serviços de bem-estar	393 500
Mercadorias distribuídas pelos armazéns (em Kgs.)	46 473 568

Membros Preeminentes Falecidos Durante o Ano

Presidente N. Eldon Tanner, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência; Élder LeGrand Richards, Membro do Conselho dos Doze Apóstolos; John G. Lahaderne, presidente da Missão Itália Catania; Charles R. Hansen, presidente da Missão Califórnia Oakland; Terry Lavelle Crapo, representante regional; Lavere Arnold Ricks, representante regional; James David King, presidente da Estaca Paradise Valley Arizona; J. Spencer Cornwall, ex-regente do Coro do Tabernáculo; Bertha Reeder Richards, presidente da Junta Geral das Moças de 1948 a 1961; Percy K. Fetzner, patriarca e ex-presidente de templo, estaca e missão; Monte L. Bean, preeminente líder da Igreja e filantropo; Dr. Albert Ray Olpin, ex-presidente da Universidade de Utah; Clare Middlemiss, secretária pessoal do Presidente David O. McKay durante 35 anos; W. Creed Haymond, renomado atleta e líder da Igreja; Dr. Barney Clark, o primeiro homem a receber um coração artificial.

As Chaves do Reino



Elder Bruce R. McConkie
do Quorum dos Doze Apóstolos

“As chaves do reino de Deus . . . são dadas pelo espírito de revelação a todo homem que for ordenado apóstolo e designado membro do Conselho dos Doze”, sendo “exercidas em sua plenitude por um só homem na terra, de cada vez.”

Vou falar sobre como operam as chaves do reino, incluindo de onde vieram, quem as porta agora e qual o seu destino futuro.

O relato divino começa na primavera de 1829. É o dia 15 do memorável mês de maio. O profeta do Senhor vive agora o vigésimo quarto ano de sua provação mortal e está ditando escritura sagrada ao seu escrevente. A santa palavra fala do batismo, sem o qual nenhum homem pode ver ou entrar no reino dos céus.

O Espírito do Senhor repousa sobre o vidente e seu auxiliar. Eles anseiam pelo batismo como almas famintas clamando por alimento. A Providência divina dirige-os para um local deserto às margens do Rio Susquehanna, perto de Harmony, Pensilvânia. Ali abrem sua alma ao Deus que mandou seu próprio Filho

impoluto batizar-se como exemplo para todos os homens.

Segue-se o milagre. Abrem-se os céus. Um anjo desce das esferas celestes para comungar com seus conservos na mortalidade. É João Batista, ressurreto, aquele que foi decapitado por Antipas há mais de mil e oitocentos anos no tenebroso calabouço de Maqueronte.

É aquele João, filho único do sacerdote Zacarias e a pia Isabel, que aos oito dias de idade fora ordenado a derrubar o reino dos judeus.

É aquele João procurado por multidões em Betânia, em busca do poder purificador do batismo; o amado Batista que, a fim de cumprir toda a justiça, imergiu o próprio Filho de Deus nas águas lodosas de um miserável rio palestino.

É aquele João a quem os céus se abriram e viu o Espírito Santo descer na forma corporificada de uma pomba, pousar sereno sobre Aquele de quem dizia a Voz Divina: “Este é o meu Filho amado em quem me comprazo.” (Mateus 3:17.)

Agora em glória ressurreta, falando em nome do Messias pelo qual se deixou martirizar, ele confere aos amigos mortais do Sacerdócio de Aarão a chave da ministração dos anjos e do batismo por imersão para remissão dos pecados. (Ver D&C 13.)

Agora, pela primeira vez em quase mil e setecentos anos, existem na terra homens mortais capazes de atuar como representantes do Senhor Jesus na administração da salvação dos homens. Aproxima-se a hora em que o negror das trevas será dissipado pela luz dos céus, iluminando mais uma vez nosso inculto planeta.

Mas isto é apenas o princípio de um grandioso desígnio. Outros mensageiros voltam a descer das esferas



de luz e glória. Pedro, Tiago e João, em sua época portadores desse sacerdócio e das chaves sempre pertencentes à presidência do reino terreno, visitam Joseph Smith e Oliver Cowdery.

Esses antigos apóstolos, amigos e confidentes do Senhor Jesus na mortalidade; essas santas almas que comeram e beberam com ele depois de ressuscitar da morte; essas testemunhas vivas do único que morreu para que todos pudessem viver, fazem então uma coisa maravilhosa: Conferem ao profeta moderno e seu companheiro o sacerdócio que é segundo a ordem do Filho de Deus, que permanece sacerdote para sempre. Este Sacerdócio de Melquisedeque é a maior e mais sagrada ordem dada aos mortais agora e sempre. Inclui, como sempre incluiu, o poder e autoridade do santo apostolado.

Com ele, os mortais que tanto se

debatem logo voltarão a organizar, por mandamento divino, a Igreja e o reino de Deus na terra, recebendo certas chaves de quase infinita importância.

Eles recebem as chaves do reino, cuja virtude lhes dá o poder de organizar, presidir, governar e dirigir o reino de Deus na terra, que é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Recebem também as chaves da dispensação da plenitude dos tempos, a gloriosa era de restauração e renovação na qual Deus tenciona reunir todas as coisas unicamente em Cristo; a era de revelação, dons e milagres na qual operará a restauração de todas as coisas mencionadas por todos os santos profetas desde o princípio do mundo. (Ver D&C 27:12-13; 81:2.)

Tendo o evangelho da salvação e assim comissionados, os homens

mortais podem mais uma vez estabelecer o reino de Deus na terra e pregar o evangelho por todo o mundo e a todo o povo. O reino é, pois, estabelecido no dia seis de abril de 1830; desde então todo membro fiel vem devotando seu tempo, talentos e meios à difusão da verdade entre os outros filhos de nosso Pai.

Mas isto ainda não basta; faltam mais outras chaves. Num maravilhoso dia de abril de 1836, aparecem Moisés, Elias e Elaiás, trazendo cada um as chaves e poderes que exerceram como mortais em sua dispensação. É um dia semelhante àquele outro miraculoso no Monte da Transfiguração há mil e oitocentos anos. (Ver Mateus 17:1-13.)

Foi então que, no cume nevoso de um monte, depois de o Pai haver falado de uma nuvem, Moisés e Elias, ambos levados aos céus sem

provarem a morte, vieram ao templo feito sem mãos, entregar suas chaves e poderes a Pedro, Tiago e João para o seu tempo e época.

E o mesmo se repete agora com esses mesmos antigos homens dignos. Eles aparecem mais uma vez em nossos dias; desta vez, num templo edificado com o dízimo e sacrifício dos santos, esses mesmos profetas antigos, agora em glória ressurreta, restauram suas chaves e poderes.

Moisés, que na majestade do Sacerdócio de Melquisedeque livrara Israel da escravidão egípcia e a conduziu para a prometida Palestina, traz de volta essas mesmas chaves, que habilitam os mortais a resgatar as ovelhas perdidas de Israel do Egito do mundo, conduzindo-as para a prometida Sião, onde começarão a cair de seus olhos as escuridões escravizantes.



Um coro formado por jovens da área de Salt Lake, cantou na sessão de sábado à tarde da conferência.

Essas chaves habilitam aqueles que as retêm a conduzir toda a Israel, inclusive as dez tribos, de todas as nações da terra, vindo como afirma a palavra profética, um a um e dois a dois à casa do monte do Senhor para serem investidos com poder do alto.

O homem Eliaías retorna com o “Evangelho de Abraão”, o grande convênio pelo qual os fiéis têm promessas de progresso eterno, promessas de que pelo casamento celestial, sua posteridade eterna será tão numerosa como as areias da praia ou as estrelas no céu. Eliaías faz a promessa — recebida em outros tempos por Abraão, Isaque e Jacó — de que no homem moderno e sua semente serão abençoadas todas as gerações. E agora oferecemos as bênçãos de Abraão, Isaque e Jacó a todos os que quiserem recebê-las.

Elias traz as chaves do poder selador, poder que habilita o homem de agora a ver selado para sempre nos céus o que ligar aqui na terra. (Ver D&C 110:11-16.) Por causa da vinda de Elias, os batismos que realizamos na terra terão eficácia, virtude e força na eternidade. Eles nos tornam literalmente membros do reino terreno que é a Igreja, e do reino dos céus que é a esfera celestial na qual estão Deus e Cristo.

E assim, no decorrer do tempo, dá-se “uma união completa e perfeita, e uma solda de dispensações, e chaves, e poderes, e glórias... desde os dias de Adão até o tempo atual.” (D&C 128:18.)

No meridiano dos tempos, Jesus ordenou os Doze na costa de Capernaum; deu as chaves do reino a Pedro, Tiago e João no monte santo; e mais tarde deu essas mesmas chaves a todos os Doze. (Ver Mateus 18:18.)

Em nossa dispensação, o Sacerdócio de Melquisedeque veio em 1829 e homens foram ordenados ao santo apostolado em fevereiro de 1835; diversas chaves foram dadas em várias ocasiões, principalmente a 3 de abril de 1836; e isto continuou até que todos os rios do passado fluíram para o oceano do presente e o homem mortal tivesse todas as chaves e poderes já investidos no homem em todas as épocas, desde Adão até agora.

Como ponto alto, todas as chaves do reino são conferidas aos Doze no inverno de 1844, recebendo então o que as revelações chamam de plenitude do evangelho, junto com o poder de conferir essa plenitude eterna a outros.

Depois de assim investidos e habilitados, o Profeta diz aos Doze: “Selei sobre vossas cabeças todas as chaves do reino de Deus. Selei sobre vós toda chave, poder (e) princípio que o Deus dos céus me revelou. Agora, independente de onde eu possa ir ou o que possa fazer, o reino é confiado a vós. Porém, ó vós apóstolos do Cordeiro de Deus, meus irmãos, este reino está sobre vossos ombros; agora tendes de reter vossos ombros e sustentar o reino. Se não o fizerdes sereis condenados.” (Ver *Discourses of Wilford Woodruff*, sel. por G. Homer Durham, Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1946, p. 72.)

E assim se cumpriu a palavra divina do Senhor dita anteriormente aos Doze: “Pois a vós, os Doze, e àqueles, a Primeira Presidência, que são convosco designados vossos conselheiros e vossos líderes, é dado o poder deste sacerdócio, para os últimos dias e pela última vez, dias nos quais se encerra a dispensação da plenitude dos tempos.



Elder L. Tom Perry do Quórum do Doze Apóstolos.

“O qual poder possuis em conexão com todos aqueles que receberam uma dispensação em qualquer tempo, desde o começo da criação.

“Pois na verdade vos digo que dos pais desceram as chaves da dispensação, que recebestes, e, por último, a vós foram enviadas do céu.” (D&C 112:30-32.)

E assim ficou também estabelecido o sistema de sucessão do Senhor na presidência. As chaves do reino de Deus — o direito e poder de presidência eterna pela qual é governado o reino terreno — essas chaves, tendo sido reveladas dos céus, são dadas pelo espírito de revelação a todo homem ordenado apóstolo e designado membro do Conselho dos Doze.

Mas, sendo o direito de presidência, as chaves só podem ser exercidas em sua plenitude por um só homem na terra, de cada vez. É sempre o apóstolo sênior, o apóstolo presidente, o sumo sacerdote presidente, o élder presidente. Só ele pode dirigir todos os demais, direção da qual ninguém está isento.

Assim, embora investidas em to-

dos os Doze, as chaves são usadas por eles apenas em parte, a menos e até que um deles chegue à condição de mais antigo, o que o torna o ungido do Senhor na terra.

Segue-se que quando Joseph Smith — martirizado por assassinos — deixou de respirar, Brigham Young, sendo o seguinte em antiguidade no reino terreno, tornou-se automaticamente seu oficial presidente.

A inspiração subsequente do Irmão Brigham é o alento de poder enchendo os pulmões do previamente ungido servo do Senhor. A Igreja não fica sem oficial presidente nem por um instante.

Quando o Presidente Kimball for chamado a prestar contas de seu tão grande e sublime ministério, no mesmo instante as chaves passarão para o outro apóstolo eleito pelo Senhor. E assim continuará o sistema de sucessão divino, até a vinda do Senhor Jesus Cristo numa nuvem de glória para reinar pessoalmente na terra.

Não devemos temer o futuro. Esta é a obra do Senhor, o seu reino, cujos negócios governa como quer. As chaves, uma vez conferidas ao homem na terra, estão agora investidas nos seus eleitos.

E assim como vive o Senhor e como Cristo é verdadeiro, e como a verdade prevalecerá, testifico que esta obra prosseguirá até encher toda a terra, e até que o conhecimento de Deus cubra a terra como as águas cobrem o mar.

Bem, este testemunho presto-vos em meu nome e no de todos os élderes fiéis do reino e todas as santas irmãs que tão valorosamente estão ao lado deles, e acima de tudo, eu o faço no sagrado e santo nome do Senhor Jesus Cristo. Assim, seja, amém.

Bravura no Drama da Vida



Elder Royden G. Derrick
da Presidência do Primeiro
Quorum dos Setenta

*“Devemos procurar tornar-nos
semelhantes ao Senhor Jesus
Cristo agindo como ele agiria.”*

William Shakespeare tinha razão ao escrever: “O mundo inteiro é um palco, e todos os homens e mulheres meros atores.” (*Como Quiseres*, II ato, cena 7.) Gostaria de apresentar-vos um drama que não é ficção, mas realidade fundamentada em certos fatos.

Que Deus vive é um fato como também que Jesus Cristo foi e é um ser divino. Que o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith no Bosque Sagrado é um fato, como também que Joseph Smith foi um profeta de Deus. É um fato que Deus revelou sua vontade através de profetas seus nos dias bíblicos, e continua fazendo-o hoje.

O texto desse drama foi escrito antes do mundo existir. Seu autor revelou indícios de cenas futuras a pessoas que os compartilham com todos que queiram ouvir.

Dois mil e seiscentos anos atrás, por exemplo, foram mostradas a uma personagem importante da peça

algumas cenas do “que há de ser no fim dos dias”. (Daniel 2:28.) A Daniel foi revelada a interpretação do sonho do Rei Nabucodonosor, do qual diz: “Mas nos dias destes reis,” referindo-se aos últimos tempos, “o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre.” (Daniel 2:44.)

As cenas de que falam esses indícios se desenrolam agora no centro do palco.

Aos quatorze anos e meio, Joseph Smith dirigiu-se ao bosque e orou ao Pai Celeste, querendo saber qual das igrejas existentes era a verdadeira. Apareceram-lhe Deus, o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. Disse o Pai: “*Este é o meu Filho Amado, Ouve-o!*” (Joseph Smith, 2:17). Depois, Jesus Cristo informou àquele garoto de quatorze anos que não havia na terra a verdadeira igreja de Deus e que fora escolhido como instrumento nas mãos de Deus para restaurar a Igreja de Jesus Cristo e seus princípios verdadeiros. Nas cenas seguintes, “o Deus do céu levantou o reino” do qual dizia Daniel, o profeta, que “não seria jamais destruído”.

Joseph Smith permitiu que páginas manuscritas da tradução do Livro de Mórmon caíssem em mãos alheias, perdendo-se. Isto desagradou o Senhor que lhe disse: “As obras, os desígnios e os propósitos de Deus não podem ser frustrados, nem podem fracassar.” (D&C 3:1.)

“Lembra-te... de que não é a obra de Deus que se frustra, mas a dos homens.” (D&C 3:3.)

“Eis que tu és Joseph e foste escolhido para fazer a obra do Senhor,



Presidente Ezra Taft Benson, Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos.

mas devido à transgressão, se não te acautelares, cairás.” (D&C 3:9.)

Não tivesse Joseph estado à altura, o Senhor teria escolhido outro para tomar o seu lugar. Mas ele estava à altura, conforme atestam outras revelações de Deus, elogiando-o por sua fidelidade.

O Senhor afirmou que este reino, que seria estabelecido nos últimos dias, “não seria jamais destruído”. Não precisamos questionar se a igreja estabelecida por Deus malogrará ou não. Ela não cairá! Pois Deus assim o decretou!

Daniel profetizou ainda que o “reino não passará a outro povo”. (Daniel 2:44.) Não podemos juntar-nos a nenhum movimento ecumênico, pois fazendo-o, teremos de transigir quanto a princípios. Isto não podemos fazer, pois foi o Se-

nhor quem estabeleceu os princípios nos quais alicerçou sua Igreja, e não temos o direito de modificá-los.

Dezoito meses após a organização da Igreja, em seguida a visitas de seres celestes que conferiram a Joseph Smith autoridade para agir em nome de Deus, o Senhor declarou: “As chaves do reino de Deus são entregues aos homens na terra” e que esse reino “rolará adiante até que encha toda a terra.” (D&C 65:2.)

Vislumbres de outras cenas do drama foram desvendados a outros profetas como Isaías, Jeremias, Ezequiel e João, o Revelador da história bíblica, além de outros, como Néfi, Alma, Helamã, Mórmon, Morôni e outros do Livro de Mórmon.

O astro da peça é Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Muitos acontecimentos de sua vida foram o

cumprimento de cenas mostradas previamente aos antigos profetas. Amanhã, comemoramos a mais importante cena de todas — a ressurreição de Jesus Cristo, o qual sofreu e morreu em expiação pelos pecados dos homens.

O número de pessoas no elenco é ilimitado. “Se tendes desejo de servir a Deus, sois chamado ao trabalho.” (D&C 4:3.) Para passar no teste de admissão, é preciso arrepender-se, ser batizado e guardar os mandamentos de Deus. Qualquer pessoa está convidada a participar, pois diz o Profeta Néfi: “(Ele) convida a todos para que venham a ele e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios.” (2 Néfi 26:33.)

A aceitação do Evangelho de Jesus Cristo depende da atitude. Dizia William James, famoso autor e psicólogo norte-americano: “A maior descoberta do meu tempo é que os homens podem modificar suas condições mudando de atitude mental.” (Richard Evans, *Richard Evan's Quote Book*, Cidade do Lago Salgado: Publishers Press, 1971, p. 161.)

Em Provérbios lemos: “Porque, como imaginou na sua alma, assim é.” (Provérbios 23:7.) O escritor americano Henry David Thoreau (1817-1862) sustenta esse mesmo conceito, dizendo: “O homem torna-se aquilo em que pensa o dia inteiro.”

Nós temos o livre arbítrio. Podemos decidir que personagem representamos nesse drama — que espécie de pessoa somos ou viremos a ser.

Quando era um jovem missionário na Escócia, o Presidente David O. McKay sentia-se desacomodado e saudosos de casa. Caminhando por uma rua com seu companheiro, reparou na inscrição numa pedra: “Seja lá o que fores, faze bem a tua parte.” Daquele momento em diante, ele começou a desempenhar bem seu papel de missionário e tornou-se um dos grandes. Foi uma experiência útil que o ajudou nos numerosos chamados que recebeu mais tarde. (Ver *Cherished Experiences from the Writings of President David O. McKay*, Deseret Book, 1955, p. 174.)

Se queremos ser uma pessoa íntegra, agimos como se fôssemos íntegros e seremos uma pessoa íntegra. Se queremos ser uma pessoa caridosa e amável, agimos como se tivéssemos essas qualidades e seremos uma pessoa assim. O Salvador aludia a esse princípio quando perguntou: “Que classe de homens deveis ser?”, respondendo a própria pergunta: “Deveis ser como eu sou.” (3 Néfi 27:27.)

Procuremos tornar-nos semelhantes a ele, agindo como ele agiria.

Deus não escolhe o tipo de vida que vivemos. Somos nós que o fazemos pensando como pensamos. Se quereis desempenhar o papel, representai-o simplesmente. Que papel estais representando agora? De um membro valente? De um membro morno, sem convicções? Sois simples espectadores? Ou estais entre os que combatem a Igreja de Deus?

No drama da vida há recompensa para a bravura. Diz o Salvador: “E... terás a vida eterna, que é o maior de todos os dons de Deus.” (D&C 14:7.) É difícil conceber a vida eterna como um lugar de ale-

gria e felicidade sem aqueles que amamos nesta vida. Dependendo de nossa bravura, nossa vida futura incluirá nosso cônjuge, filhos, pais — sim, nossa posteridade, bem como nossos antepassados.

O que posso fazer para ajudar meus filhos a se qualificarem para a vida eterna? Faz alguns anos, o Departamento Missionário fez um levantamento para verificar o que acontece aos missionários quando voltam. A pesquisa abrangeu os missionários que haviam voltado de um a dez anos antes, com uma margem de erro de apenas três por cento, mostrando que sua fidelidade era realmente exemplar e louvável. Foi um relatório muito mais favorável do que seria de esperar.

Há poucas semanas, visitei uma estaca formada por famílias jovens. Perguntei aos líderes do sacerdócio quantos deles haviam cumprido missão. Surpreendeu-me que todos levassem a mão. Na semana seguinte, visitei uma estaca composta de membros mais maduros e que se destaca entre as estacas da Igreja. Fiz a mesma pergunta. Todos os homens da reunião, com exceção de dois, levantaram a mão.

A conclusão? Não que para ser um líder do sacerdócio todo homem precisa ter cumprido missão; mas aqueles que o fizeram honrosamente adquirem uma compreensão do evangelho e uma autodisciplina que resulta em dedicação e compromisso com aquilo que sabem ser verdade.

Devemos organizar nosso plano familiar de modo a prever uma missão para cada filho, e casamento no templo para cada filho e filha. Planejar a missão do filho pode começar em seu nascimento, quando iniciamos um programa de poupança

missionário, o qual contribuirá consideravelmente para que esteja financeira, moral, física e mentalmente preparado quando atingir a idade de cumprir missão. Entretanto, devemos acima de tudo ensinar nossos filhos a “orar e a andar em retidão perante o Senhor”. (D&C 68:28.)

Como posso ajudar meus antepassados a qualificarem-se para a vida eterna? Ajudando meus pais e avós a compreenderem o evangelho, serem batizados e receberem as ordenanças salvadoras no templo de Deus. Assegurando que meus pais, avós, bisavós falecidos, e tão longe alcance minha pesquisa genealógica, tenham recebido pessoal ou vicariamente no templo as necessárias ordenanças para ganhar a vida eterna. Fazendo isso por nossa posteridade e antepassados, estabeleceremos uma família infinita, uma dinastia de vidas justas que proporcionará alegria e felicidade neste mundo e “vida eterna no mundo vindouro, até mesmo glória imortal”. (Moisés 6:59.)

Aproxima-se a cena final desse grande drama. O reino de Deus avança em preparação para a segunda vinda de Cristo, quando descerá a cortina do palco da vida e o Salvador dirá a cada um dos valentes: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.” (Mateus 25:21.) E assim o reino de Deus prosseguirá para sempre nas eternidades futuras. Como diz o Profeta Daniel: “E será estabelecido para sempre” (Daniel 2:44), tendo vós e eu sido julgados e recompensados segundo a parte que desempenhamos fielmente nesta vida — do que testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Para que Tenhais Raízes e Ramos



Elder Hartman Rector Jr.
do Primeiro Quorum dos Setenta

“O dízimo é um dos princípios fundamentais da exaltação; um princípio de grandes promessas e que proporciona alegria e felicidade.”

Roubará o homem a Deus?” (Malaquias 3:8.) Esta sem dúvida é uma das perguntas mais diretas já feitas nas escrituras. As implicações de uma resposta afirmativa são que aqueles que roubam a Deus serão por este amaldiçoados e queimados como palha na segunda vinda do Senhor. Ver (Malaquias 3:9; 4:1.)

A pergunta foi feita à antiga Israel através do Profeta Malaquias, mas não se aplica unicamente a ela. Aplica-se obviamente aos nefitas e lamanitas deste continente também, pois o Senhor ressurreto repetiu ao visitá-los por volta de 34 A.D. (Ver 3 Néfi 24:8-9.) Presumo que a Israel moderna esteja igualmente incluída, pois sem dúvida o Senhor nos adverte com praticamente as mesmas palavras quando fala da queima que precederá a segunda vinda, e o dízimo parece ser um critério impor-

tante no julgamento. (Ver D&C 64:23-24.)

Por outro lado, àqueles que pagam o dízimo (dão ao Senhor o *seu* décimo) é prometido que as janelas do céu serão abertas e suas bênçãos serão abundantes. (Ver Malaquias 3:10.) Além disso, o Senhor “repreenderá o devorador para que não (lhes) consuma o fruto da terra”. (Malaquias 3:11.) Esta é uma bênção de grande magnitude.

A obediência aos mandamentos do Senhor, incluindo o importante mandamento do dízimo, proporciona muitas bênçãos. Nem sempre sabemos como o Senhor nos abençoará. Possivelmente a experiência a seguir, vivida por quase todos nós, sirva de ilustração.

Alguma vez já ficastes atrás de um carro rodando a passo de tartaruga, com o motorista atento a tudo por que passa, sabendo que nesse passo jamais alcançareis o farol verde? Então, de repente, ele acelera o suficiente apenas para passar no amarelo, obrigando a gente a parar no vermelho? Eis uma grande prova de paciência. A gente chega mesmo a destratá-lo mentalmente. Todavia, pode muito bem ser que com essa parada no vermelho, o Senhor nos esteja protegendo de um acidente mais adiante, ainda que o façamos de má vontade. Pensando assim, a gente passa a sentir-se grato em lugar de irritado ou zangado, o que é muito melhor para nossa digestão.

Há muitos anos, esse princípio foi-me inculcado indelevelmente. Na época eu residia no estado da Virgínia e num belo dia de outono, resolvi colher nozes fora da cidade. Da minha casa até a estrada densamente arborizada onde pretendia ir buscar

as nozes, eu tinha de passar por dezesseis semáforos. Parei em quinze. No último, já bem fora da cidade, eu tinha perfeita visão em ambas as direções. Nenhum carro à vista. Pensei comigo: “Ora que bobagem parar. Os semáforos existem para proteger as pessoas, mas estou absolutamente sozinho aqui. Por que, então, parar?” Então *não* parei! Não acelerei, apenas me mantive dentro do limite estabelecido de velocidade. Chegando no tal caminho arborizado, não havia visão além da curva, situação comum lá para os lados da Virgínia. Diminuí a marcha e entrei. No mesmo instante vinha um carro saindo em sentido contrário e por falta de visão, nós dois colidimos a uns oito quilômetros por hora. Não houve danos graves e pelo que me lembro a substituição da grade e faróis custou-me uns cento e sessenta e oito dólares.

Ora, se eu tivesse parado no último semáforo, o acidente não teria acontecido. Eu disse: “Senhor, entendi a mensagem. Na verdade não precisava dar-se a tanto trabalho, mas eu entendi.” Na volta, devo dizer que parei dezesseis vezes com o carro amassado.

Parece-me que o Senhor exige obediência para recebermos suas bênçãos, as quais incluem a repreensão do devorador. “Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam *todas* as bênçãos. E quando de Deus recebemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia. (Ver D&C 130:20-21; grifo nosso.) Isto se aplica até mesmo ao sinal de parar, suponho.

“Que nenhum homem desobedeça às leis da terra,” diz o Senhor, “pois

o que guarda as leis de Deus não tem necessidade de desobedecer às leis da terra.” (D&C 58:21.)

E Malaquias continua: “E a vide no campo vos não será estéril.” (Evitaremos o desperdício.) “E todas as nações vos chamarão de bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos.” (Malaquias 3:11-12.)

É um fato até que nossa aparência melhora quando pagamos o dízimo. A alegria que o dizimista sente no coração se reflete no semblante.

Então o Senhor parece lamentar-se:

“Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos e em andar em luto diante do Senhor dos Exércitos?

“Ora pois, nós reputamos por bem-aventurados os soberbos; também os que cometem impiedade se edificam; sim, eles tentam ao Senhor, e escapam.” (Malaquias 3:13-15.)

Alguma vez já observastes o barco na entrada do vizinho não-membro, pensando: “Ele não paga dízimo e talvez nem vá à igreja no domingo. Pode assistir aos melhores jogos na televisão no domingo. Não precisa fazer nada do que eu tenho de fazer e ainda assim está-se saindo muito bem, talvez melhor do que eu.” Já tivestes pensamentos assim? Bem, se tivestes, imagino que o Senhor se refira exatamente a isto nestas passagens assombrosas:

“Então aqueles que temem ao Senhor falam cada um com o seu companheiro.” (Como estamos fazendo agora. Já percebestes que os que amam o Senhor estão sempre conversando uns com os outros? Em

reuniões seguidas?) “E o Senhor atenta e ouve; e há um memorial escrito diante dele, para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome.” (Malaquias 3:16 e 3 Néfi 24:16.)

Então, de repente, entendemos! Existe um registro — sem dúvida alguma. Uns recebem sua recompensa agora; os outros a estão reservando nos céus; e os mortos serão julgados pelo que está escrito nos livros. (Ver Apocalipse 20:12.) A seguir o Senhor dá a sua palavra, a qual não pode quebrar, pois certamente “Eu, o Senhor, estou obrigado *quando* fazeis o que eu digo”. (D&C 82:10; grifo nosso.) E eis a promessa do Senhor: “E eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei serão para mim particular tesouro; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho, que o serve.” (Malaquias 3:17.) Sem dúvida, é difícil não mostrar parcialidade pelo filho que nos serve, se ele o faz bem. Suponho que não haja nada de errado em sentir-se assim com respeito ao próprio filho. O Senhor parece achar que não.

O Senhor prossegue: “Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que o não serve.” (Malaquias 3:18.) Isto será fácil de verificar pelos livros.

Agora vem a parte mais importante da questão do dízimo: “Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno,” diz o Senhor; “e todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo.” (Malaquias 4:1.)

Em outras palavras, os que pagam

o dízimo terão raízes e ramos no último dia; e os que não pagam, não os terão. Bem, quais são nossas raízes? Alex Haley escreveu um livro sobre a busca de suas “raízes”. Obviamente, nossas raízes são nossos antepassados. E quem são nossos ramos? São nossos filhos. Por conseguinte, os que andam em santidade perante o Senhor, o que inclui pagar o dízimo, terão uma família eterna no último dia. E os que não pagam o dízimo, não terão nenhuma.

O pagamento do dízimo é necessário para se receber as bênçãos do templo. O homem que guardasse todos os mandamentos do Senhor exceto o dízimo, não poderia casar-se no templo para o tempo e toda a eternidade; por conseguinte, não teria raízes nem ramos no último dia.

Uma vez que não pode haver exaltação sem família, não há exaltação sem dízimo; então a coisa se torna realmente séria. Pensando a respeito, nós sabemos que é verdade.

O dízimo, pois, é um dos princípios fundamentais da exaltação. E em consequência, além de o Senhor abrir as janelas dos céus e repreender o devorador para que não prejudique aquele que paga o dízimo, na verdade coloca-o em situação muito melhor do que se não o tivesse pago. É um princípio de grandes promessas e que proporciona alegria e felicidade eternas.

Quem, pois, pode dar-se ao luxo de não dar ao Senhor o seu décimo? Certamente nem nós nem eu, do que presto testemunho. Pois o disse o Senhor Deus. E nas palavras do Rei Benjamin: “Ele é invariável no que disse.” (Mosiah 2:22.) Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

O Evangelho de Jesus Cristo e as Necessidades Básicas das Pessoas



Elder James M. Paramore
do Primeiro Quorum dos Setenta

*O evangelho pode dar-nos
paz e conforto, ajudar-nos a
reconhecer que nossa vida tem
propósito e importância, e
que pertencemos a alguém.*

Meus queridos e maravilhosos irmãos e irmãs, conto com vossa fé e orações nestes poucos minutos que estou diante de vós. Há poucos anos, antes de nossa partida para uma missão na Bélgica, nossa família saiu em férias. Chegando a certo hotel, nossos filhos enfiaram as roupas de banho antes de podermos descarregar o carro. Ao passar pela piscina, fiquei impressionado pelo aviso: "Não Deixem Crianças Sozinhas." Embora tendo lido avisos similares antes e deixado de atendê-los muitas vezes, naquele dia fui induzido a ficar e vigiar as crianças. (O que não agradou nem um pouco minha esposa, que estava descarregando o carro.) Dali a instantes, uma das meninas estava em dificuldades na parte profunda da piscina. Pulei na água com roupas e tudo e consegui agarrá-la justamente a tempo. Nesse dia percebi seu frenético embora inaudível

pedido de socorro, do qual jamais me esquecerei.

As pessoas têm necessidades básicas nem sempre tão óbvias como essa experiência; mas elas existem e suas vozes chamam quase inaudíveis, se pudermos e quisermos ouvi-las — sinais e vozes silenciosas dizendo por toda a parte: "Sinto que existe algo em alguma parte que eu preciso, que me dará paz e conforto, e me fará saber que a vida tem propósito e importância, e que pertenço a alguém."

Após anos de estudo e milhares de casos, um psiquiatra chegou à conclusão — embora não fosse cristão — de que o Evangelho de Jesus Cristo é a maior influência isolada capaz de tornar as pessoas mais felizes, saudáveis e realizadas. Ficou tão impressionado com sua descoberta que se tornou um dedicado adepto de Jesus Cristo e escreveu um livro intitulado *The Return to Religion* (A Volta à Religião). Pensando nisso, lembrei-me da declaração do Salvador: "Por todas as palavras que procediam da boca de Deus, começaram os homens a exercer fé em Cristo; e assim, pela fé, aderiram a todas as coisas boas." (Mo-rôni 7:25.)

Irmãos e irmãs, é por esse conhecimento dos céus contido no Evangelho restaurado de Jesus Cristo e nossa total, implícita fé e apego a ela que satisfazemos as necessidades básicas das pessoas.

Todo mundo tem necessidade de pertencer. Um cachorrinho novo lá em casa passou a primeira semana

inteira latindo por sentir falta da mãe; quando alguém de nós o pegava, ele se sentia seguro e querido, parte de um todo — e parava de latir.

Quando tinha uns dez ou onze anos, eu sentia uma necessidade desesperada de pertencer; e para mim, o simples fato de pertencer a um time de beisebol com um uniforme, dava-me essa segurança e senso de pertencer. O Evangelho de Jesus Cristo é capaz de satisfazer essa grande necessidade de todo homem, mulher e criança — de toda família e toda pessoa só. Toda pessoa que se filia a esta Igreja imediatamente se considera parte dela, não importa quem seja nem onde esteja. Há nela uma fraternidade que ultrapassa as fronteiras de países e línguas, ligando todos os homens. As verdades do evangelho, a fraternidade, irmandade e participação ativa nele, satisfazem esses anseios e transpõem todas as barreiras.

Recordo uma história que se contava durante a II Guerra Mundial. Um soldado SUD alemão foi ferido por uma bala americana e seu estado era grave. Ele pediu ao seu superior: “Por favor, pegue uma bandeira branca e procure do outro lado um élder mórmon para administrar-me.” Que pedido bizarro numa guerra entre dois inimigos mortais. Entretanto, vendo suas condições e ansioso por satisfazer o que parecia seu último pedido, o superior pegou a bandeira branca e atravessou as linhas inimigas a procura de um élder mórmon. Acabou encontrando um soldado mórmon que o acompanhou, colocou as mãos sobre a cabeça do ferido e ordenou em nome do Senhor que continuasse vivo até que chegasse socorro médico. Existe esse senso de pertencer que é satisfeito



Élder James M. Paramore do Primeiro Quórum dos Setenta.

pelo Evangelho de Jesus Cristo — primeiro ao nosso Pai Celeste, depois à nossa família que pode tornar-se uma unidade eterna; em seguida aos membros de todas as partes, na terra.

Há alguns anos, um casal aposentado (os Krugers) mudou-se para o oeste dos Estados Unidos para ali viver seus últimos anos. Viajavam de ônibus e pararam em Provo, Utah, por algum tempo. Não tinham um destino definido e, visitando a cidade de táxi, gostaram do que viram e sentiram. No dia seguinte compraram uma casa. Vinham do Meio-oeste onde, depois de viverem na mesma casa mais de quarenta anos, não conheciam praticamente ninguém. Chegando a nossa área, dentro de poucas horas havia ofertas de alimentos, ajuda e amizade. Eles não



Elder James E. Faust do Quórum dos Doze Apóstolos.

acreditavam no que lhes acontecia. Agora pertenciam a outras pessoas calorosas e compassivas — seres que realmente os amavam e procuravam proporcionar-lhes segurança, calor e o genuíno amor de Cristo. Já não eram mais os mesmos. Pertenciam a uma família maior; eram mais felizes do que jamais haviam sido.

O Apóstolo Paulo, ele próprio um converso a Cristo e suas verdades, aprendeu pessoalmente não só as grandes verdades que edificaram todo seu ser e modificaram sua vida, mas também que pertencia ao corpo de Cristo — ao povo do reino de Deus na terra que se amava e servia uns aos outros com coração e espírito abertos, por causa do amor que sentiam. Ouvi suas palavras descrevendo como é: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus.” (Efésios 2:19.)

Membros contam que jamais foram estrangeiros onde quer que estivessem — Itália, Oslo, Cidade do México, Portland ou Orem, Utah. Sentiam-se pertencer no minuto que diziam ser membros de A Igreja de

Jesus Cristo. Todos os que vivem nesta terra necessitam desse senso de aceitação proporcionado pelo Evangelho de Jesus Cristo e sua Igreja. Mesmo que um membro viva sozinho, nunca está só. Ele pertence, contribui, nunca é esquecido.

Recentemente, na Holanda, o presidente da missão teve um grave ataque cardíaco que o deixou às portas da morte. Embora fosse um estrangeiro ali, pertencia à casa de Deus e literalmente milhares de pessoas da Holanda e outros países, além dos apóstolos do Senhor, ajoelharam-se e rogaram por sua vida — se fosse a vontade de Deus que vivesse. Imaginaí só — e isso acontece centenas de vezes todos os dias na face da terra. Ele pertencia à família de Deus; sentiu seus jejuns, preces e carinho. E sua esposa? Ela pertencia-lhe como nunca julgara possível. Eu estava lá. Fui testemunha. E houve tantos chamados dos que pertencem à casa de Deus que ela acabou literalmente exausta.

Quando o presidente melhorou e eu parti, meu coração transbordava. Sim, pela preservação de sua vida, mas também pelo privilégio de pertencer à Igreja de Jesus Cristo aqui na terra.

Em verdade, em sua Igreja estamos sempre em casa — em casa nas coisas que acreditamos, nos padrões que prezamos, no espírito de que necessitamos e na ajuda, segurança e pertencer que nela existe. Ao falar estas palavras, penso no quorum de élderes de Genebra, Suíça, que tem o projeto de fazer a mudança de todos os membros que se mudam dentro da ala, gratuitamente. (Eles não conseguem fugir de nós quando mudam!) Em toda a parte, santos dos últimos dias abrem seu coração, casas, bolsos, vidas a serviço e amor

ao próximo. Não por imposição, mas pelo amor e alegria que sentem por Deus e uns pelos outros. Na verdade, esta é a essência do evangelho ensinado e vivido pelo Salvador. Lembrai-vos de suas palavras: “Sede um; e se vós não sois um, não sois meus.” (D&C 38:27.) “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40.)

“O fruto do Espírito é caridade, gozo... (e) bondade.” (Gálatas 5:22.) Todo o que pertence a sua Igreja *deseja* — não por ser dirigido de forma organizada ou imposta — servir, amar, ajudar, socorrer e cuidar de outros com bondade e genuína preocupação. De maneira humilde, abnegada, cada um de nós pode ser uma luz para outros que talvez secreta ou silenciosamente estejam almejando ou mesmo orando para encontrar esse senso de pertencer. Meus irmãos e irmãs, esse tipo de cuidado, de assistência jamais se consegue por imposição ou programa; é uma decorrência desse senso interior de pertencer; sentindo seu poder, alegria e bondade, passamos a preocupar-nos com todos os filhos de Deus.

Lembro-me de um irmão inativo do sacerdócio que, num momento de oração, entrevista e convite para servir, sentiu o amor e real preocupação de seus líderes, e chorou abertamente pela oportunidade de emendar-se e pertencer ao espírito e fraternidade que sentia. Nós pertencemos a essas verdades, essa fraternidade, essas promessas — como também à organização da Igreja de Jesus Cristo. Somos realmente necessários e aprendemos servindo-o. Crescemos em compaixão, sabedoria, no caráter, apreço e força, quando nos engajamos zelosamente na



Élder Boyd K. Packer do Quórum dos Doze Apóstolos.

sua causa. (Ver D&C 58:27.) Nós nos tornamos mais semelhantes a ele. Começamos — se o servirmos com coração puro e desprendido — a aprender os caminhos do Senhor. Tornamo-nos mais sensíveis às necessidades alheias.

Líderes, sigamos o conselho de Morôni, quando diz: “E depois de terem sido recebidos para batismo... eram contados entre o povo da Igreja de Cristo; e seus nomes eram registrados, a fim de que se guardasse memória deles e fossem alimentados pela boa palavra de Deus... (E trocavam) palavras relativas ao bem-estar de suas almas.” (Morôni 6:4,5.) Estendamos a mão a cada membro, para que possa pertencer à casa de Deus.

E membros, estendamos a mão com toda a energia e amor que temos, primeiro ajudando cada membro de nossa família e depois os membros da Igreja — sem exceção — e finalmente os homens de toda parte, para que todos tenham o grande privilégio e honra e bênção de pertencer ao reino de Deus. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Receber um Profeta



Elder Loren C. Dunn

do Primeiro Quorum dos Setenta

*"Quem recebe um profeta em
qualidade de profeta, receberá
galardão de profeta.*

*(Mateus 10:41.) Gostaria de ver
essas bênçãos na vida de todo
santo dos últimos dias."*

Meus irmãos e irmãs, sou muito grato por estar aqui nesta tarde, e quero iniciar minhas palavras prestando testemunho da veracidade desta obra. Sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo, e que esta é sua obra. Sei que Joseph Smith foi um profeta de Deus e que Spencer W. Kimball é o profeta de Deus, hoje.

Gostaria de compartilhar convosco uma ou duas experiências. Quando eu era jovem, Heber J. Grant era o presidente da Igreja. Papai sempre orava pelo Presidente Grant, e o tinha em grande apreço pois já fora um dia presidente da Estaca Tooele, Utah, e meu pai na ocasião era o presidente da Estaca Tooele. O Presidente Grant adoeceu e faleceu. Recordo-me de como depois do funeral, estando ajoelhados para a oração familiar, ouvi meu pai orar com o mesmo carinho e devoção pelo profeta e presidente da Igreja que o seguiu, George Albert Smith.

Sendo jovem, isto me surpreendeu, pois nunca ouvira ninguém orar por outro profeta que não Heber J. Grant. E senti-me como que traído — como se papai estivesse dando as costas a um bom amigo. Com o passar do tempo, porém, através dessa experiência como outras, papai ensinou-me uma lição muito valiosa. Embora tivesse um grande amor e carinho pelo Presidente Grant e isso jamais mudaria, compreendi que em seu coração reservara seu maior amor e lealdade suprema a Deus; e fosse quem fosse que Deus enviasse, ele apoiaria, prestigiaria, oraria e acataria.

Não faz muito tempo, minha família e eu tivemos a oportunidade de presidir a Missão Austrália Sidnei. Tendo servido no Departamento Missionário, achava que meus pontos de vista fossem bastante conservadores. Seja como for, começando a trabalhar na Missão Austrália Sidnei tivemos modestos embora bons sucessos, e estava satisfeito com nosso desempenho — até a visita do Presidente Kimball. À sua própria maneira característica, ele disse: "Irmão Dunn, todos nós precisamos alongar nossos passos". E eu captei a mensagem.

A mensagem era que embora tivéssemos progredido, não era o bastante aos olhos do Senhor e do Profeta. Redobramos nossos esforços; crescemos mais e também encontramos mais forças e novas estacas surgiram desses esforços. Não penso que o sucesso dependeu tanto de nós como do nosso desejo de seguir o Profeta.

No último fim-de-semana eu conversava com um líder do sacerdócio. Tínhamos terminado nossa reunião de liderança de sábado à noite, que

girou em torno da obra missionária, e ele comentou: "Sabe, o senhor é realmente uma autoridade geral missionária," ao que respondi: "Não, não me considero uma autoridade missionária. Se algum dia for lembrado por alguma coisa (e espero sê-lo de alguma forma, em algum lugar), contentar-me-ia com o que meu pai me ensinou e pelo que sinto que ele era conhecido, e isto é, como alguém disposto a ser fiel e seguir o profeta de Deus. E se for este meu destino, então terei conseguido realizar o que o Senhor espera de mim."

Não é o programa, não são as atividades, mas em última análise nossa lealdade àquele a quem Deus chamou, e a oferta de nossas preces em seu favor. Há uma escritura que

diz: "Quem recebe um profeta em qualidade de profeta, receberá galardão de profeta." (Mateus 10:41.) Compreendi o sentido literal dessa promessa. Vi a realização dessas bênçãos na vida de meu pai por causa de sua lealdade. Gostaria de ter essas mesmas bênçãos para mim e minha família, e gostaria de vê-las igualmente na vida de todo santo dos últimos dias.

Gostaria de terminar como comecei. Deus vive. Jesus é o Cristo. Joseph Smith é um profeta verdadeiro e somos guiados por um profeta hoje. O profeta conta com minha lealdade e meu amor, pois como posso apoiar o Senhor se não o apoiar? Em nome de Jesus Cristo. Amém.



Elder Bernard P. Brockbank, Autoridade Geral Emérita, à esquerda, Irmã Barbara B. Smith, presidente da Junta Geral da Sociedade de Socorro, e sua primeira conselheira, Irmã Marian R. Boyer.

Imediatamente



Elder Marvin J. Ashton

do Quorum dos Doze Apóstolos

*“É urgente que todos nós
que temos conhecimento da
divindade do Salvador
atuemos de acordo sem hesitação
ou demora.”*

Algumas semanas atrás, eu conversava num país distante com um missionário desanimado. Ao perguntar-lhe:

— Quanto tempo faz que enviou a última carta para sua mãe? — ele respondeu:

— Umás três ou quatro semanas, acho eu.

Quando sugeri que lhe escrevesse imediatamente, ele quis saber:

“O que quer dizer *imediatamente*?”

Imediatamente é uma palavra de ação. Quer dizer agora, sem demora ou hesitação. *Procrastinação* seria o seu oposto. Procrastinar é adiar alguma coisa intencional e habitualmente; uma demora improdutiva. Alguém disse com muita sabedoria: “Procrastinar é coisa tola, que só traz problemas; mas posso mudar a qualquer hora — vou fazê-lo amanhã!”

“Jesus, andando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lan-

çavam as redes ao mar, porque eram pescadores.

“E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

“Então eles, deixando logo (*imediatamente*) as redes, seguiram-no.

“E, adiantando-se dali, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, num barco com seu pai Zebedeu, consertando as redes; e chamou-os.”

“Eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no.” (Mateus 4:18-22; grifo nosso.)

Minhas palavras hoje girarão em torno deste termo-chave, *imediatamente*. “Eles, deixando imediatamente o barco... seguiram-no.” Quão ilustrador, quão poderoso, quão compensador, quando devidamente aplicado à conduta humana.

Convidamos todos a servirem ao Salvador e andarem em seu caminho imediatamente. É urgente que todos nós que temos conhecimento da divindade do Salvador atuemos de acordo sem hesitação ou demora. A hora é agora.

Josué lembra-nos a importância de tomar decisões sem demora: “Escolhei hoje a quem sirvais... eu e a minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué 24:15.) Não amanhã, não quando estivermos prontos, não quando for conveniente — mas “hoje”, imediatamente escolhei a quem servireis. Aquele que nos convida a segui-lo estará sempre à nossa dianteira com seu Espírito e influência marcando o passo. Ele traçou e marcou o rumo, abriu as portas e indicou o caminho. Chamou-nos para junto dele e a melhor hora para gozarmos de sua companhia é imediatamente. O melhor meio de encontrar o caminho e manter-se nele é fazer o que Jesus



Membros do Quórum dos Doze Apóstolos: Presidente Ezra Taft Benson, à esquerda, e Elderes Mark E. Petersen, Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, e Boyd K. Packer.....

fez — comprometer-se plenamente a fazer a vontade do Pai.

Seguir o Salvador imediatamente requer esforço de nossa parte. Embora já não caminhe pela terra pessoalmente, não nos deixou abandonados. Suas diretrizes e mandamentos estarão sempre conosco desde que estudemos as escrituras. Precisamos conhecer sua vontade antes de poder cumpri-la.

A meta é um requisito prévio do “fazer”. As ações são precedidas de pensamentos e planejamento. Todos nós temos de assumir a responsabilidade por nossa própria vida. Precisamos avaliar as escolhas ao nosso dispor e depois agir positivamente de acordo com nossa própria decisão. Diz um velho provérbio: “A

jornada de mil milhas começa com o primeiro passo.”

A palavra *imediatamente* sugere a urgência de se dar esse primeiro passo em direção a qualquer meta proveitosa.

“Se desejais que eu vos dê um lugar no mundo celestial, deveis preparar-vos, fazendo as coisas que eu mandei e que exigi de vós,” diz o Senhor. (D&C 78:7.) Dar esse primeiro passo talvez requeira grande coragem; porém, tomada a decisão de agir positivamente, de alguma forma começam a aparecer imediatamente possibilidades e forças potenciais. Coragem e força insuspeitas serão dadas ao que dá o primeiro passo na direção certa.

Pedro, um humilde e rude pesca-

dor deu esse primeiro passo seguindo imediatamente a Jesus. Recebeu força sobre força. Progrediu do discípulo que chegou a negar o Mestre três vezes para o homem que homem algum conseguia intimidar. Quando ele e João foram colocados no meio de “Anás, o sumo sacerdote... e João, e Alexandre, e todos quantos havia da linhagem do sumo sacerdote”, (Atos 4:6), Pedro declarou destemidamente que a salvação está em Cristo.

“Então eles, vendo a ousadia de Pedro e João, e informados de que eram homens sem letras e indoutos, se maravilharam; e tinham conhecimento de que eles haviam estado com Jesus.” (Atos 4:13.)

O sumo sacerdote poderia ter feito muito mal a esses irmãos, mas apenas ousou proibir-lhes de falar ou ensinar no nome de Jesus.



Matthew Holland, um sacerdote, que falou na sessão do sacerdócio da conferência.

“Respondendo, porém, Pedro e João, lhes disseram: Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus?” (Atos 4:19.) Ameaçados, esses apóstolos receberam ainda mais coragem: “E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.” (Atos 4:33.)

Dando imediatamente o primeiro passo, Pedro aprendeu a ser um pescador de homens. Ele identificou suas metas e no processo de atingi-las, cresceu em força, poder e convicção.

Quão sábios e abençoados não seríamos se eliminássemos a procrastinação e decidíssemos servir o Senhor, aceitando seu convite: “Vem, e segue-me.” (Lucas 18: 22.) Depois, identificada a meta, tenhamos a coragem de agir segundo nossa decisão, confiantes de que recebemos mais força e poder de acordo com nossas necessidades ao seguirmos o Bom Pastor.

Ao planejarmos seguir o Salvador imediatamente, Satanás poderá tentar dissuadir-nos, fazendo com que a tarefa pareça impossível, lançando em nós dúvidas quanto à nossa dignidade ou capacidade. Cada pessoa é diferente; cada um tem seus próprios pontos fortes.

Pedro e André eram pescadores. Por isso o Salvador falou-lhes em termos do seu ofício: “Eu vos farei pescadores de homens.” (Mateus 4:19.) A um carpinteiro ele diria: “Farei de ti um construtor de homens”, e ao professor “Farei de ti um mestre de homens.” Ninguém possui todos os talentos.

“Pois nem a todos são dados todos os dons; pois há muitos dons e a

cada homem é dado um dom pelo Espírito de Deus.

“A alguns é dado um, a outros é dado outro, para que todos sejam assim beneficiados.” (D&C 46: 11-12.)

Desejar que as coisas fossem diferentes em nossa vida ou esperar a remoção de um obstáculo ou mudança de atitude, poderá levar-nos a marcar passo em lugar de avançarmos imediatamente. Dizia William Shakespeare: *“Nossas dúvidas são traidoras, e nos fazem muitas vezes perder o bem que poderíamos conquistar, impedindo-nos de tentar.”* (Medida por Medida, ato I, cena 4.)

Usai vossos talentos pessoais. Não procrastineis o agir enquanto ficais desejando capacidades que vos faltam. Aos que são inclinados a responder com “não agora” ou “ainda não” ao convite de seguir o Senhor,

gostaríamos de dizer com todo amor e sinceridade, que ele vos espera. Ele vos dará as boas-vindas imediatamente, independente de onde estivesdes, onde estais agora, quem sois ou que talentos possuis ou vos faltam.

Semanas atrás, depois de uma conferência de estaca, aproximou-se de mim um homem que está totalmente inativo há muitos anos e disse hesitante: — Acho que na verdade aqui não é o meu lugar. Minha vida é uma mixórdia, — ao que lhe respondi: — Que diferença faz isso? Certamente que este é o seu lugar.

Aqueles que preferem remexer continuamente as águas descobrem que estão apenas criando um redemoinho e sendo levados em círculos em lugar de progredirem em alguma direção.

Será que conseguimos ser servos



Presidente Gordon B. Hinckley, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.



Jeffrey Holland, presidente da Universidade de Brigham Young, que falou na sessão do sacerdócio da conferência.

do Mestre em lugar de criticar os que procuram servi-lo? O servo procura solucionar os problemas enquanto que o procrastinador desculpa sua inércia concentrando-se na futilidade do problema.

Aqueles cuja meta é seguir o Salvador imediatamente procuram soluções não só para os próprios problemas mas também ajudam outros a resolver as dificuldades da vida. Abrem seu coração e mente aos que estão perturbados, solitários ou cansados.

Escutando apenas com empatia, ajudamos muitas vezes outros a encontrarem suas próprias soluções. Recentemente, um presidente de estaca contou-me que um dos mais sinceros agradecimentos que já rece-

bera foi de uma jovem mãe que, com grande dificuldade, procurava criar sozinha seus dois filhos. Após uma demorada entrevista, disse simplesmente: "Obrigada por ouvir-me. Acho que agora já consigo enfrentar melhor os meus problemas."

Nosso próprio progresso se acelerará se procurarmos soluções em lugar de ficar criticando as pessoas que nos cercam e culpando as condições externas por nossa falta de progresso.

Será que conseguimos ser honestos conosco mesmos e examinar os motivos de não estarmos seguindo o Salvador imediatamente? Será que estamos sendo entravados ao criticar os atos ou atitudes de outra pessoa para conosco? Nosso orgulho foi ferido ou nosso ego ofendido? Estivemos tirando conclusões sem averiguar os fatos?

O Salvador nos admoestou: "Tende... paz uns com os outros." (Marcos 9:50.) A paz tem de brotar primeiro no interior da pessoa. Então ela flui da pessoa para o lar, a comunidade, a nação, o mundo. Essa paz só se consegue resistindo ao danoso passatempo de julgar. Nas escrituras somos admoestados a não julgar para não sermos julgados. (Ver 3 Néfi 14:1; Mateus 7:1.) Arrogar-nos a condição de juiz parece ser algo muito sedutor e intrigante.

Faz muitos anos, ouvi uma história que nunca consegui esquecer. Talvez a tenha ouvido enquanto ainda garoto de pés descalços.

Uma anciã francesa caminhava pelas margens do Rio Sena, os ombros curvos agasalhados num xale púido. De repente parou, abaixou-se e apanhou alguma coisa que cinti-

lou à luz do sol, escondendo-o debaixo do xale. Um policial que observou seu ato, correu atrás dela e abordou-a rispidamente: "Mostre-me o que está escondendo debaixo desse xale!" Tirando um caco de vidro, a anciã explicou: "É apenas um caco de vidro. Apanhei-o para que algum garoto descalço não se corte."

O policial, sem dúvida, estava cumprindo seu dever; entretanto, estava mais inclinado a fazer mau juízo do que supor um ato nobre.

Sim, fazer mau juízo de nossos semelhantes pode retardar nosso atendimento imediato do chamado de nosso Salvador. Buscando os ensinamentos de Jesus Cristo e vivendo os princípios do evangelho, conseguimos pôr de lado as mágoas e atrasos possivelmente causados pelos que nos cercam.

Finalmente, conduzir-nos e andarmos na direção certa sem demora, requer autodomínio e disciplina. Muitos vivem pela máxima de gozar agora e pagar depois. Alguns acham que se esperarem bastante, seus problemas desaparecerão. Mas não desaparecem. Eles precisam ser resolvidos. Antes, porém, de poder resolvê-los e colocar nossa vida em ordem, precisamos aceitar plena responsabilidade pelos nossos problemas.

Muitas vezes deixamos de agir com a desculpa de que nosso problema foi causado por circunstâncias ou pessoas alheias à nossa vontade. Por isso, pensamos estar livres da responsabilidade e ficamos esperando que outras pessoas ou uma mudança de condições resolvam nossas dificuldades. Contudo, nossa responsabilidade é arrepender-nos — mudar e ir avante sem demora. "Não



Elder Bruce R. McConkie do Quórum dos Doze Apóstolos.

deixeis o dia do arrependimento para o fim." (Alma 34:33.)

Quão confortavelmente alguns de nós nos aninhamos nas teias da procrastinação! É o falso abrigo repoussante dos que vivem sem propósito, compromisso ou autodisciplina.

Temos de acatar as palavras de Alma: "Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem seus labores." (Alma 34:32.)

Evitai a procrastinação. Podemos dizer com toda a certeza que a procrastinação é uma combinação deletéria de dúvida e adiamento. O Salvador costumava usar termos de ação como *perguntar*, *buscar*, *bater*, *ir*, *lançar*. Ele quer que ensinemos e vivamos seus princípios pela ação.

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela;

“E porque estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.” (Mateus 7:13-14.)

Não duvideis de vossa capacidade. Não adieis agir de acordo com vossas boas intenções. Com a ajuda de Deus, não podereis malograr. Ele vos dará a coragem para participar de mudanças significativas e uma vida com propósitos. Precisamos arrepender-nos imediatamente e confiar em sua realidade e capacidade de ajudar-nos a conhecer a vida abundante. Ele nos ajudará a sermos sensíveis às nossas próprias necessidades e às alheias.

Aqueles que temem, procrastinam.



Elder Hartman Rector Jr., do Primeiro Quórum dos Setenta.

Os que mudam, demonstram imediato progresso, tornam-se mais sábios e fortes. Precisamos desenvolver a coragem para dar imediatamente o primeiro passo. Precisamos não esquecer que a criança aprende a andar só porque alguém a incentiva a dar o primeiro passo.

Possamos partir imediatamente para o estabelecimento de metas centradas no evangelho, sabendo que se usarmos nossos talentos — se ajudarmos os outros, buscarmos a paz, evitarmos excessiva sensibilidade ou excessivo criticismo — será acrescida força sobre força à nossa capacidade e avançaremos *sem demora* para maior progresso, felicidade e alegria eterna. Nosso Mestre e Salvador nos insta a abraçarmos *imediatamente* suas verdades e a gozarmos o calor de sua companhia constante.

O homem deve crescer por esforço próprio e andar pela fé. Um de nossos maiores meios de sucesso e felicidade é fazer o certo, agora. Todos nós, filhos de Deus, precisamos aprender que o crescimento que importa tem de vir de dentro, não de fora. Assim, andaremos em seu caminho, sustentaremos o cansado e oprimido, incentivaremos nossos companheiros, desenvolvemos iniciativa pessoal para nos governar, carregar nossa cruz com dignidade e propósito, e ajudar todos a se tornarem *sem demora* pescadores de homens.

O Evangelho de Jesus Cristo é verdadeiro. Jesus Cristo é o nosso Redentor e Salvador. Felicidade e vida eterna estão ao alcance dos que o seguirem *imediatamente*. Dessas verdades testifico e presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Uma Geração Real



Elder Dean L. Larsen

da Presidência do Primeiro
Quorum dos Setenta

*Devemos entender que não é
seguro seguir o mesmo rumo
do mundo iníquo.*

Hoje, nesta reunião do sacerdócio, falaremos da importância da família. Serão abordados ainda outros assuntos importantes, mas a família merecerá atenção especial. Quanto mais aprendemos sobre o poder da influência exercida na família, tanto melhor apreciaremos o conselho, que nos vem sendo dado pelos líderes desde os primórdios da Igreja, de assegurarmos que nosso lar seja o que deveria ser. No decorrer dos anos tem-se falado muito da responsabilidade dos pais de prover aos filhos uma vida doméstica salutar. Nesta noite, recebemos encorajamento adicional nesse sentido. É vital que seja assim.

Completamos, recentemente, estudos muito amplos que confirmam o poder da influência que exercemos reciprocamente na família e no lar. A influência da família tem um efeito maior sobre o que pensamos, sentimos e fazemos com nossa vida do que todas as demais influências

somadas. Os padrões estabelecidos no lar e os valores que nele cultivamos, sejam bons ou maus, são quase impossíveis de superar.

Todos nós temos a responsabilidade de contribuir para a boa qualidade da vida no lar. Os pais dão uma grande contribuição, assim como os filhos.

Neste momento, gostaria de dirigir-me primordialmente aos rapazes do Sacerdócio Aarônico, falando sobre a responsabilidade de viverem de modo a serem uma influência boa no lar, sejam quais forem as condições nele existentes, para que possam qualificar-se para tudo o que o Senhor espera de vocês durante a vida.

Rapazes, não acredito que estejam aqui na terra, agora, por acidente. Creio sim que vocês se qualificaram na vida pré-mortal para viverem a mortalidade nesta época em que lhes seriam requeridas grandes coisas. Creio que demonstraram antes de virem para cá, que podiam merecer confiança até mesmo em condições excepcionalmente difíceis — que estariam à altura dos mais difíceis desafios. Não me entendam mal. Não estou sugerindo que sejam inerentemente melhores ou superiores a qualquer das gerações anteriores. Não estão automaticamente qualificados para mais bênçãos ou vantagens do que qualquer ser que já viveu desde a criação da terra. Vocês estão sujeitos a se perder, cometer transgressões e incorrer nos julgamentos de Deus tão prontamente quanto qualquer um que os precedeu. Na verdade, vocês vivem num meio-ambiente tão propenso a desencaminhá-los como todas as outras gerações. Mas Deus confia em que não se desqualifiquem. Confia que vocês se conservarão elegíveis para

a tarefa monumental que lhes reservou.

Vocês estão a caminho da maturidade numa época da história da terra ansiosamente antecipada pelos grandes profetas de todas as eras — o tempo de preparação final antes de a terra e seus habitantes passarem por extraordinária transformação, e o qual é chamado com razão de a “plenitude dos tempos”. (D&C 112:30.) É o período no qual o Senhor e seus servos farão o grande esforço final para levar a mensagem da verdade a todos os povos da terra e reaver os descendentes da antiga Israel que perderam sua verdadeira identidade.

O Profeta Zenos, citado por Jacó no Livro de Mórmon, compara esse esforço aos trabalhadores que podem e cultivam uma vinha e colhem seus frutos pela última vez. Zenos fala do Salvador como o dono da vinha e que diz aos seus ajudantes: “Por-

tanto, vamos e trabalhemos esta última vez com toda a força, pois eis que se aproxima o fim; e será esta a última vez que podarei minha vinha.” (Jacó 5:62.)

Vocês vieram à terra quando já haviam sido lançados os alicerces dessa grande obra. O evangelho foi restaurado pela última vez; a Igreja está estabelecida em quase todas as partes do mundo. O palco está preparado para as dramáticas cenas finais. Vocês serão os principais atores, estão entre os derradeiros trabalhadores da vinha. Esta é a responsabilidade colocada sobre seus ombros, o serviço para o qual são escolhidos.

Agora gostaria de descrever-lhes o ambiente em que executarão sua obra. O próprio Salvador disse que as condições na parte final desta dispensação seriam bastante semelhantes às existentes pouco antes do dilúvio. “Como foi nos dias de Noé”,





Elder Robert L. Backman do Primeiro Quórum dos Setenta.

diz ele, “assim também será a vinda do Filho do homem” (Mateus 24:37.)

Joel viu a época em que vivemos como um grande campo de batalha pelas almas dos homens. “Proclamai isto entre as nações, santificai uma guerra; suscitai os valentes; cheguem-se, subam todos os homens de guerra.

“Forjai espadas das vossas enxadas, e lanças das vossas foices; diga o fraco: Eu sou forte.” (Joel 3: 9-10.)

Joel viu que essa grande batalha não seria encarada de forma casual. Não haveria tempo para fraqueza nem fracós.

O Apóstolo Paulo escreveu ao seu jovem companheiro missionário, Timóteo: “Sabe porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.” (II Tim. 3:1.)

As condições desafiantes que encontramos no mundo atual não nos devem surpreender. Com a aproximação da volta do Salvador, a iniquidade aumentará cada vez mais. Haverá mais tentações em nossa vida diária, e se tornarão mais intensas. O mundo achará mais aceitável a violação das leis de Deus ou sua rejeição total. O comportamento imoral e desonesto perderá seu estigma.

É nesse ambiente difícil que devemos traçar nosso curso rumo ao alto. Conforme o Presidente Kimball nos tem advertido, não será aceitável nem seguro permanecer nos planos em que nossa conduta atual nos colocou. Poderosas forças descendentes, representadas pela crescente impiedade do mundo, só podem ser anuladas por forças correspondentes ascendentes. Nossa

vida precisa ser melhor do que tem sido. Isto significa simplesmente que cada vez nos tornaremos mais diferentes das pessoas cuja vida segue os caminhos do mundo. Não é fácil ser diferente. As pressões contrárias são intensas. Precisamos, porém, entender claramente que não é seguro seguir o mesmo rumo que o mundo persegue, ainda que retardando um pouco nossa marcha. Tal curso acabará levando-nos aos mesmos problemas e pesares. Não nos permitirá executar o trabalho que o Senhor escolheu para nós e nos desqualificaria para suas bênçãos e proteção.

Diz o Senhor que virá o tempo em que “serão completamente separados os justos dos iníquos”. (D&C 63:54.) E Néfi diz no Livro de Mórmon: “E rapidamente chegará o tempo em que o Senhor Deus fará uma grande divisão entre o povo e destruirá os malvados.” (2 Néfi 30:10.)

Considerando essas promessas, não nos esqueçamos da advertência



Elder Howard W. Hunter do Quórum dos Doze Apóstolos.

aos santos dos últimos dias: “No entanto, Sião escapará se estiver atenta no cumprimento de todas as coisas que lhe mandei.

“Mas, se não estiver atenta no cumprimento de tudo que eu tiver mandado, eu a visitarei de acordo com todas as suas obras, com aflição dolorosa, com pestilência, com pragas, com espada, com vingança, com fogo devorador.” (D&C 97: 25-26.)

Esta advertência mostra-nos que não basta ser um santo dos últimos dias apenas nominal. Não basta simplesmente declarar que somos o povo escolhido do Senhor. Precisamos fazer jus à confiança depositada em nós, qualificar-nos para suas bênçãos continuando a ser diferentes do mundo pela obediência às suas leis. Do contrário, não temos promessa alguma e nosso destino será o destino do mundo.

Um dos motivos de minha profunda preocupação com vocês, rapazes, é que hoje observamos indícios de que nossa juventude está inclinada a seguir as tendências do mundo. Nem sempre acompanhamos o ritmo de seus precursores, mas em certo sentido não ficamos muito atrás deles. Sei que existem muitas exceções que guardam fielmente os mandamentos de Deus e cuja vida continua pura e não maculada pelas coisas do mundo, mesmo em face de grande tentação e desafio. (Ver D&C 59.9.) Esses fiéis têm nosso mais profundo respeito e contam com nossa confiança. Eles estão-se mostrando dignos da confiança que o Senhor neles depositou.

Mas existe um número excessivo cuja vida está sendo contaminada pelas tendências mundanas. Isto é uma coisa séria. Aqueles que conscientemente, sabendo quem são e o

que deles se espera, condescenderem em se deixar levar pelas sendas pre-cárias da conduta mundana, não escaparão aos juízos de Deus. A esses que se encontram ao alcance da minha voz, eu digo: Tomai o caminho ascendente. "Não erreis; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Gál. 6:7.)

Anos atrás, externei estes pensamentos num artigo publicado na revista *New Era* e que são apropriados ao assunto de hoje.

"Não faz muito tempo, entrevistei um jovem que desejava sair em missão mas cometera transgressão muito séria na adolescência. Pertencia a uma família SUD ativa e ele próprio participara ativamente da Igreja mesmo durante a época das transgressões. Finalmente procurou o bispo e confessou seus erros. Agora faz mais de um ano que abandonou sua vida anterior e estava ansioso para sair em missão.

"Durante nossa conversa sobre sua situação e as decisões tomadas em tempos passados que o levaram àquela condição questionável na Igreja, ele comentou: 'Eu sabia que o que estava fazendo era errado, mas tinha certeza de que algum dia poria as coisas em ordem e sairia em missão.'

"Embora contente com o desejo daquele jovem de consertar sua vida e servir como missionário do Senhor, fiquei preocupado com a maneira aparentemente premeditada, calculada com que se desviara do caminho certo para uma conduta destruidora e imoral e, depois, como que seguindo um calendário feito por ele próprio, tomara a decisão de ser obediente.

"Houvesse sido uma experiência isolada, não valeria a pena mencio-

ná-la. Infelizmente não é. Parece existir uma crescente tendência e tentação entre a juventude de provar as coisas proibidas do mundo, não com intenção de adotá-las permanentemente, mas decididos conscientemente a uma concessão momentânea, como se fossem bastante importantes ou excitantes para tal. Essa é uma das grandes provas de nosso tempo.

"Enquanto muitos se recuperam dessas incursões em território proibido, está ocorrendo um número crescente de tragédias que arruinam e desesperam muitas vidas e têm consequências duradouras. Não existe pecado particular. Embora sua prática possa ser calculada e predeterminada, seus efeitos não podem ser regulados pela pessoa que o comete. Acreditar no contrário é crer simploriamente numa das mais insidiosas mentiras já engendradas pelo pai da mentira.

"Compareci recentemente à cerimônia de formatura num colégio local. Os estudantes convidados a falar em nome de seus colegas referiram-se aos nobres e grandes desafios que os aguardavam, agora que cruzavam o limiar da vida adulta. Os



Elder Mark E. Petersen do Quórum dos Doze Apóstolos.

oradores adultos exaltavam as virtudes e o potencial da juventude de hoje e falaram dos horizontes a conquistar nos anos vindouros, as novas fronteiras científicas à espera dos formandos, os terríveis males para os quais encontrariam cura e os progressos na diplomacia que trariam uma paz duradoura à terra. Foi uma cerimônia bonita e inspiradora.

"Enquanto ouvia aquelas mensagens tocantes, fiquei a imaginar o que eu gostaria de dizer àquele grupo de jovens. Sabia que grande parte deles eram membros da Igreja. Sabia que provinham de famílias que se orgulhavam de seus feitos. Sabia também das experiências que alguns deles haviam planejado para as horas e dias logo após a formatura. E tive vontade de dirigir-me àqueles formandos e falar-lhes não a respeito dos gloriosos e obscuros anos de um futuro distante, em que se esperava que fizessem tanto bem à humanidade, mas sobre o aqui e agora. Queria dizer-lhes: 'Não me preocupa o que farão no ano que vem ou na próxima geração; estou preocupado com o que vão fazer hoje à noite e amanhã. Quais são seus planos? Aonde pretendem ir? O que vão fazer?'

"Agora sei que naquele grupo de formandos assim como em outros semelhantes, havia alguns que, após a formatura, com calculada premeditação, desonraram a si próprios além de sua família, a Igreja e o Pai Celestial. Não pretendiam que seu comportamento se tornasse habitual. Foi apenas uma escapada divertida, uma emoção instantânea, uma temeridade. Seu efeito cumulativo, porém, é devastador. As consequências se farão sentir na vida deles e na vida daqueles que os amam e neles confiaram de maneira imprevista e trá-

gica, por tempo indefinido. A humanidade terá descido inexoravelmente a um nível inferior. Alguns jamais se recuperarão completamente e o mundo inteiro sentirá, inevitavelmente, o dano." ("Vocês Estão Prontos para o Exame Final?", *A Liahona*, abril de 1981, pp. 25-27.)

Jovens, lembrem-se de quem são. Lembrem-se do propósito de sua vinda à terra — o serviço para o qual foram escolhidos. Permaneçam fiéis à confiança divina que nosso Pai Celeste e seu Filho, Jesus Cristo, depositaram em vocês. Vocês podem contribuir em muito para o clima espiritual de seu lar, exatamente como qualquer outro membro da família, e têm a obrigação de fazê-lo. Estudem as escrituras e incentivem seus familiares a fazer o mesmo. Não se esqueçam de orar e façam o que puderem para influenciar os outros membros de sua família a orarem. Paguem o dízimo. Obedeçam à Palavra de Sabedoria. Sejam castos. Fazendo sua parte, exercerão uma influência maior do que jamais imaginaram.

Lembrem-se destas palavras de Edward W. Bok (Jornalista norte-americano. N. do T.): "Desde que nos convençamos... de que fomos colocados aqui para um propósito; que a semente de energia divina nos foi dada para a cultivarmos até sua plena floração, o caminho nos será mostrado. Nossa parte é fazer o esforço e nele colocar toda nossa força e integridade. É o moço de pouca fé quem diz: 'Não sou nada.' E o jovem conhecedor da verdade diz: 'Sou tudo', e a seguir o prova."

Rapazes, provemos pela nossa maneira de viver e servir que somos tudo o que o Senhor espera de nós, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

No Calor de Seus Braços



Jeffrey R. Holland

Presidente da Universidade
Brigham Young

"Sabemos todos que a paternidade não é encargo fácil, embora seja um dos mais imperativos.

Precisamos continuar tentando, nos esforçando, orando, escutando."

Irmãos, é-me impossível externar a esmagadora responsabilidade que sinto nesta noite. Como a mula que entrou no *Kentucky Derby* (Mais famosa corrida de cavalos dos Estados Unidos. N. do T.), sei que provavelmente eu não deveria estar aqui, mas certamente aprecio a companhia que me proporciona. Hoje incluo nessa companhia especial meu filho Matt, o qual amo de todo o coração. Oro sinceramente que o Espírito do Senhor me assista em minha designação.

Irmãos, uma pesquisa recente patrocinada pela Igreja confirmou por estatística o que nos vem sendo dito repetidamente. Isto é, o sucesso dos programas conjugados da Igreja fica severamente limitado quando o lar não proporciona instrução amorosa e inspirada, e bom exemplo. É cada vez mais patente que precisamos ensinar o evangelho a nossa família pessoalmente, viver esses ensinamen-

tos no lar, para não correr o risco de descobrirmos tarde demais que a professora da Primária, supervisor do sacerdócio ou instrutor do seminário não *puderam* fazer por nossos filhos o que nós não *quisemos* fazer.

Gostaria de oferecer algumas sugestões e incentivo com referência a essa grande responsabilidade, se me permitem. O que mais aprecio em meu relacionamento com Matt é ele ser, junto com sua mãe, irmã e irmão, meu mais íntimo e melhor amigo. Prefiro estar nesta reunião do sacerdócio com ele do que com qualquer outra pessoa do mundo. Adoro sua companhia. Nós conversamos bastante. Rimos bastante. Batemos bola juntos, jogamos tênis e pingue-pongue, embora eu me recuse a jogar golfe com ele (isto é uma piada entre nós dois). Discutimos problemas. Sou presidente de uma "pequena" universidade e ele presidente de uma "grande" classe do segundo grau. Comparamos idéias e fazemos sugestões; compartilhamos nossos desafios pessoais. Eu oro por ele e tenho chorado com ele, e sinto um orgulho imenso dele. Às vezes conversamos noite a dentro, deitados em seu colchão d'água, uma aberração do século vinte que estou convencido, vai estourar e deixar a família ensopada como parte do castigo dos últimos dias. (Outra brincadeira particular.)

Sinto que posso conversar com Matt sobre o que está achando das aulas do seminário, porque converso com ele sobre todas as outras aulas. Muitas vezes ficamos imaginando juntos como será sua missão, porque ele sabe quanto minha missão significou para mim. E ele faz perguntas sobre o casamento no templo porque sabe que sou absolutamente louco por sua mãe. Ele quer que sua futura

esposa seja como ela e os dois tenham o que nós temos.

Bem, sei que existem pais e filhos nesta reunião que sentem não ter nada disso que estou descrevendo. Sei que há pais que dariam virtualmente a própria vida para poderem achegar-se a um filho em dificuldades. Sei que temos aqui filhos que desejariam ter o pai ao lado deles, nesta ou qualquer outra noite. Fiquei imaginando como abordar o assunto designado sem parecer convencido ou ofender corações já magoados. Por isso quero dizer simplesmente a todos, jovens e velhos, nunca desistam. Continuem tentando, continuem se esforçando, continuem conversando, continuem orando — sem jamais desistir. Acima de tudo, nunca se afastem um do outro.

Poderia falar de um breve porém doloroso momento em meu próprio desempenho inadequado como pai?

Em meus primeiros anos de casamento, vivíamos na Nova Inglaterra onde eu fazia o curso de pós-graduação. Minha esposa, Pat, era a presidente da Sociedade de Socorro da ala e eu servia na presidência da estaca. Eu estudava em regime de tempo integral, além de lecionar algumas horas por dia. Tínhamos dois filhos pequenos, pouco dinheiro e uma porção de problemas. Na verdade, nossa vida não diferia da sua.

Certa noite, cheguei em casa após longas horas na escola, sentindo o proverbial peso do mundo nos ombros. Tudo parecia tão negro, difícil e desanimador. Duvidava que algum dia a coisa clareasse. Então, entrando em nosso pequeno apartamento de estudantes, percebi um silêncio incomum na sala.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Matthew quer contar-lhe uma coisa, — esclareceu Pat.

— Matt, o que você tem a me dizer?

Ele continuava brincando calado num canto da sala, procurando não me ouvir.

— Matt, — falei um pouco mais alto, — você tem alguma coisa para me contar?

O garoto parou de brincar, mas por um momento continuou de cabeça baixa. Depois dois enormes olhos castanhos, marejados de lágrimas, me encararam e com a mágoa que só um pequeno de cinco anos conhece, ele falou: “Eu não atendi mamãe hoje à noite e respondi-lhe mal”, caindo num choro convulsivo. Houvera uma falta infantil seguida de uma confissão penosa; o pequeno continuava crescendo e havia a possibilidade de uma maravilhosa reconciliação.

Tudo poderia ter sido ótimo — exceto por mim. Imaginem só que coisa idiota, eu perdi as estribeiras. Não por causa do Matt — mas por uma centena de outras coisas que me apouquentavam. Ele, porém, não sabia disso e eu não tinha o bom senso de admiti-lo. Descarreguei nele toda minha raiva.

Falei-lhe do meu desapontamento com ele e como pensara poder esperar muito mais de meu filho. Comportei-me como um péssimo pai. Então fiz o que nunca fizera antes — mandei que fosse para a cama, dizendo que não iria orar com ele nem contar-lhe a costumeira história. Reprimindo os soluços, ele obedeceu, ajoelhou-se junto à cama — sozinho — para orar. Depois molhou o travesseiro com lágrimas que seu pai deveria estar enxugando.

Se pensam que o silêncio era pesado quando cheguei, deveriam sen-

ti-lo então. Pat não disse uma palavra. Nem precisou. Eu me sentia arrasado!

Mais tarde, ajoelhados aos pés da nossa própria cama, minha débil prece em favor dos meus ressoou em meus ouvidos com sons vazios e horríveis. Tive vontade de levantar-me e ir pedir perdão ao Matt, mas ele havia muito que já pegara no sono.

O meu alívio não veio tão depressa; mas finalmente adormeci e comecei a sonhar, o que acontece raras vezes. Sonhei que Matt e eu carregávamos dois carros para nos mudarmos para outro lugar. Por alguma razão, sua mãe e irmãzinha não estavam presentes. Quando terminamos, virei-me para ele e disse: "Muito bem, Matt, você dirige um carro e eu o outro."

O garotinho de cinco anos subiu obedientemente no banco e tentou alcançar o pesado volante. Fui para

o outro carro e dei partida no motor e, começando a me afastar, dei uma olhada para ver como meu filho se arranjava. Ele tentava alcançar os pedais mas não conseguia; mexia nos botões e alavancas procurando dar a partida. Sua cabecinha mal aparecia acima do painel, mas ali estavam novamente aqueles imensos olhos castanhos, marejados de lágrimas, olhando para mim. Afastando-me, pude ouvir seu pedido: "Papai, não me deixe sozinho. Não sei o que fazer. Sou muito pequeno." E eu fui embora.

Pouco depois, rodando pela estrada deserta do sonho, percebi de repente horrorizado o que havia feito. Pisei no freio, abri a porta e saí correndo a toda, largando carro, chaves, carga e tudo. A estrada estava tão quente que queimava meus pés e lágrimas frustravam meu esforço de vislumbrar ao longe a



criança. Continuei correndo a orar e implorar perdão, esperando encontrar meu filho ileso e seguro.

Ao chegar a uma curva da estrada, quase caindo de exaustão física e emocional, vi o carro estranho que eu mandara Matt dirigir. Estava encostado na beira da estrada, e ele se divertia perto dele. Um homem de certa idade estava ali brincando com ele. Vendo-me, Matt gritou algo como: “Ôi, papai, estamos brincando.” Obviamente já perdoara e esquecera minha terrível falta para com ele.

Detestei, porém, o olhar do homem que seguia todos os meus movimentos. Tentei agradecer-lhe, mas seus olhos estavam repletos de pesar e desapontamento. Gaguejei uma desculpa desajeitada e o estranho disse simplesmente: “Não deveria tê-lo deixado só, fazendo uma coisa tão difícil. Ninguém teria pedido o mesmo a você.”

Com isso o sonho terminou e vi-me, de repente, sentado na cama. Agora o meu travesseiro estava úmido, não sei se de suor ou lágrimas. Afastei o cobertor e corri para junto da pequena enxerga onde dormia meu filho. Ajoelhado, com os olhos marejados, tomei-o nos braços e falei-lhe enquanto dormia. Disse-lhe que todo pai comete erros, mas não por querer; que tivera um dia terrível, mas isso não era culpa dele. Expliquei-lhe que quando os meninos têm cinco ou quinze anos, o pai às vezes se esquece disso e pensa que têm cinquenta. Disse-lhe que gostaria que continuasse sendo um garotinho por muito, muito tempo, pois bem depressa ele seria um homem feito e não mais estaria brincando sentado no chão quando eu chegasse em casa. Disse-lhe que o amava, assim como sua mãe e sua

irmã, acima de qualquer coisa no mundo, e fossem quais fossem os desafios da vida, nós os enfrentaríamos juntos. Assegurei-lhe que nunca mais lhe negaria meu afeto ou perdão, e (eu orava) que ele jamais me negasse. Disse-lhe que me sentia honrado em ser seu pai e que procuraria com todo meu ser mostrar-me digno de tão grande responsabilidade.

Bem, não provei ser o pai perfeito que prometi ser naquela noite, e milhares de noites antes e depois. Entretanto, continuo querendo sê-lo e acredito neste sábio conselho do Presidente Joseph F. Smith:

“Irmãos... se os (filhos) conservarem perto do coração, no calor de seus braços; se os fizerem sentir que os amam... e (os conservarem) perto de vocês, eles não se afastarão e não cometerão nenhum pecado grave. Mas é quando os afastam do lar e do seu afeto... é esse o tipo de tratamento que leva seus filhos a se afastarem de vocês...”

“Pais, se querem que seus filhos sejam ensinados nos princípios do evangelho, se querem que amem a verdade e a entendam, se querem que sejam obedientes e unidos a vocês, amem-nos! e provem-lhes que realmente os amam com todos os seus atos e palavras.” (*Doutrina do Evangelho*, pp. 256, 287.)

Irmãos, sabemos todos que a paternidade não é encargo fácil, embora seja um dos mais imperativos dados no tempo e na eternidade. Não nos devemos afastar de nossos filhos. Precisamos continuar tentando, nos esforçando, orando, escutando. Precisamos conservá-los “no calor de nossos braços”. É para isto que existem os amigos. Disto eu presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Pés Enlameados e Camisas Brancas



Matthew S. Holland

Ala Oak Hills IV Estaca
Oak Hills Provo Utah

"Que o lar seja um lugar onde filhos e filhas possam aprender, crescer e expressar-se livres de críticas e para um coração aberto e ouvido atento."

Quando eu soube que deveria falar-lhes nesta noite, estava sentado na borda da cama de meus pais conversando com eles depois de chegar tarde em casa. A cama agora se inclina num ângulo de quarenta e cinco graus e mamãe ainda anda com manchas roxas na perna esquerda. Bem, agora que me recuperei do susto, papai diz que eu sou grato por estar aqui.

De fato, *estou* muito grato de poder falar-lhes uma poucas palavras sobre a influência dos pais e da família sobre a juventude de nossa Igreja. Gostaria de ilustrar o ponto com minha própria família. Meus pais e irmãos mais novos me demonstram amor e dão-me apoio todos os dias de minha vida. Cuidam de minhas necessidades, tanto temporais como espirituais. São coisas muito importantes para mim, e minha família consegue fazê-las me-

lhor que quaisquer outros, incluindo as organizações existentes na Igreja.

Gosto muitíssimo dos programas da Igreja. Muitos santos dos últimos dias, porém, parecem achar que cabe à Igreja cuidar do crescimento espiritual dos jovens. Os pais que pensam assim estão roubando dos filhos uma das mais ricas experiências que podemos viver aqui na mortalidade.

A Primária, Escola Dominical e seminário ensinam a todos nós lições de que jamais nos esqueceremos. O programa do Sacerdócio Aarônico e o dos Rapazes ajudam-nos a honrar melhor o sacerdócio. O programa das Moças dá ensinamentos espirituais, sociais e domésticos muito importantes. Os programas do Sacerdócio de Melquisedeque e da Sociedade de Socorro mantêm na linha a geração mais velha e rebelde. Esses programas, porém, não terão sucesso se as mesmas lições não forem ensinadas no lar.

Hoje à noite se falará um pouco dos pais. Eu gostaria de mencionar também as mães. Certa manhã de verão, naquele mesmo apartamento mencionado por papai, eu disse a mamãe que ia brincar no *play-ground*. Ela concordou mas avisou-me que não entrasse correndo com pés enlameados porque estava encerrando o assoalho. Repetiu a recomendação quando saí correndo descalço e vestindo um velho calção. Devo ter brincado uma hora, e mais da metade desse tempo na lama. Então, sabendo que naquela altura mamãe devia ter acabado de encerrar o assoalho e na esperança de que leria para mim, corri alegremente para casa. Meu entusiasmo fez-me subir correndo as escadas e entrar no apartamento com os pés sujos até o meio da sala que mamãe continuava encerrando.

Sem esperar a reação e não querendo deixar minha falta pela metade, continuei em frente, entrei no quarto de meus pais e bati a porta. Não sabendo se devia pular pela janela do segundo andar ou esconder-me debaixo da cama, desandei a chorar com o pequenino corpo enroscado na cama, preparando-me para enfrentar a raiva de mamãe.

Ouvi a porta se abrindo devagarinho e dei uma espiada. Que bom, pensei, não traz na mão nada para bater. Antes de ela poder abrir a boca, gritei: — Mamãe, você não me ama.

Ao que respondeu: — Amo sim, e faço qualquer coisa para prová-lo.

Pegando meus pés imundos e sujos, os beijou. Desnecessário dizer que essa experiência me ensinou muita coisa sobre o significado do arrependimento e perdão, lições mais tarde reforçadas pela Igreja.

Obviamente não precisa haver uma grande experiência isolada para influenciar uma criança. Alma, o Filho, que teve problemas na juventude, falou ao seu filho Helamã: “Poderás, talvez, supor que tudo isso seja tolice de minha parte; mas eis que te digo que é por meio das coisas pequenas e simples que as grandes se realizarão.” (Alma 37:6.) Devemos dar-nos conta, como pais e filhos, de quantas grandes coisas podemos realizar por meio de ações aparentemente sem importância ou insignificantes à primeira vista.

Por exemplo, papai e eu costumamos ir tomar sorvete depois de cada reunião geral do sacerdócio desde que me tornei diácono. E hoje vamos também. Ora, o sorvete não é absolutamente necessário para se apreciar a reunião do sacerdócio — mas ajuda. Lembro-me também de

papai ter-me dito algumas semanas antes de ser ordenado diácono, que esperava que sempre que eu preparasse, abençoasse ou distribuísse o sacramento estivesse usando camisa branca e gravata. Estou certo de ter ouvido a mesma recomendação da professora da Escola Dominical ou tê-la lido em algum manual, mas foi só depois que papai falou comigo que resolvi fazê-lo. Atendendo a recomendação de papai, tenho demonstrado respeito pela sagrada ordenança do sacramento. E esse pequeno conselho ajudou-me também a compreender que as ordenanças do sacerdócio não são meras designações mas privilégios inestimáveis pelos quais devo ser grato.

Recentemente aprendi outra lição significativa de papai a respeito de seu afeto por mim. Semanas atrás estava sendo disputado o campeonato estadual de basquete colegial em Ogden, numa noite de sábado. Eu integrava o time de Provo que disputaria o campeonato com a Escola Secundária Mountain View. Terminado o primeiro tempo, nosso time se reuniu para combinar táticas de jogo. Quando ergui os olhos, dei com mamãe e papai sentados na primeira fila. Pode parecer insignificante para vocês, mas naquela mesma noite, em Provo dava-se um dos mais importantes acontecimentos do ano. Não era a posse de papai como presidente da Universidade Brigham Young nem as cerimônias anuais de formatura. Era o jogo de basquete entre a Universidade Brigham Young e a Universidade de Utah. (Um dos principais e mais concorridos eventos esportivos de Utah, devido à grande rivalidade entre as duas universidades. N. do T.) Mas papai, mesmo sendo anfitrião de diversas

autoridades gerais e outros dignitários, veio assistir ao meu jogo. Essa demonstração de amor significou muito para mim, não porque o meu jogo fosse mais importante, mas porque *eu* era mais importante. É de admirar que eu queira retribuir esse amor? Nós somos ligados, não apenas como pai e filho — mas também como amigos.

Por isso, pais, peço-lhes que não pensem que as únicas lições espirituais ou sacerdotais sejam ensinadas pelos programas da Igreja. Façam de seu lar um céu; que seja um lugar onde filhos e filhas possam aprender, crescer e expressar-se livres de críticas e para um coração aberto e ouvido atento.

Diz o Élder Marvin J. Ashton: "O lar deve ser uma âncora, um porto na tormenta, um refúgio, um lugar feliz para se viver... O lar

deveria ser onde se ensinam e aprendem as maiores lições da vida. Ele pode ser o centro de nossa fé terrena onde se fundem devidamente amor e responsabilidade mútua." (Marvin J. Ashton, *Ye Are My Friends*, Cidade do Lago Salgado: Deseret Book, 1982, p. 44.)

Quero prestar meu testemunho da responsabilidade que nós, irmãos do sacerdócio da Igreja, temos de ensinar e edificar espiritualmente nossos familiares. Gostaria também de agradecer publicamente o grande exemplo que meu pai tem sido para mim, pela maneira como sempre honrou o sacerdócio. Eu o amo muito. Posso dizer honestamente que somos os melhores amigos, sendo minha fervorosa esperança e prece que todos possam ter essa relação de pai para filho. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



Como Enriquecer a Vida Familiar



Elder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

Oito diretrizes para os pais aplicarem na edificação da unidade e amor familiar.

Irmãos, venho humildemente a este púlpito. Recordo-me ainda de como em minha juventude, o Presidente J. Reuben Clark recomendava sempre de novo nas reuniões gerais do sacerdócio que houvesse unidade no sacerdócio. Frequentemente citava esta mensagem do Senhor: “Eu vos digo, sede um; e se vós não sois um, não sois meus.” (D&C 38:27.)

A unidade no sacerdócio deveria refletir a união em nossos lares. A gente fica imaginando por que agora um número tão grande de lares se enfraquece e tantas famílias se desintegram. Os motivos são complexos. Sem dúvida há muito a ver com os distúrbios sociais de nossos dias. Estamos todos sujeitos às falsas propagandas tão atraentes e sedutoras. A violência se vê por toda a parte. Nossa sociedade está permeada com sugestões de que egoísmo e satisfação instantânea são aceitáveis e até mesmo respeitáveis. Os males do alcoolismo se alastraram e foram aumentados por outras formas de abuso

de drogas. A revolução sexual vem prejudicando a saúde espiritual, mental e física das famílias.

Entre os assaltos à família contam-se os ataques à nossa fé, para os quais os pais devem preparar os filhos. Alguns deles provêm de apóstatas que já tiveram testemunho e agora parecem incapazes de deixar a Igreja em paz. Um deles, reclamando da política da Igreja, comentou: “Estou furioso; se estivesse pagando o dízimo deixaria de fazê-lo.” Perseguição não é novidade para os devotos seguidores de Cristo. Nos últimos tempos, entretanto, parece que aumenta a ira e veneno de nossos inimigos. Dizia Brigham Young: “Jamais começamos a construir um templo sem que os sinos do inferno comecem a tocar.” (*Discursos de Brigham Young*, cap. XXXVI, p. 441.) Com vinte e dois templos em construção ou planejamento, parece estarem soando uma infinidade de sinos.

Quando ouço que uma família se está desfazendo, pergunto-me se naquele lar se costumava orar em família e realizar regularmente a noite familiar, e se observavam a lei do dízimo. Essa família respeitava o dia do Senhor? Os pais acaso resmungavam contra os ensinamentos e líderes da Igreja? Imagino o que poderia justificar a perda de promessas eternas feitas no templo, ou a dissolução de uma família com crianças pequenas.

Por que uma família é tão forte e outra tão vulnerável? Os problemas são infinitamente complexos. Todavia, existem soluções. Evidências abundantes mostram que a presença de um pai firme, amoroso no lar contribui bem mais para que os filhos sejam responsáveis e cumpridores da lei do que o pai ausente ou



Presidente Ezra Taft Benson, presidente do Quórum dos Doze, e Irmã Benson.

que não cumpre sua função paterna. Nos dois casos a mãe arca com peso dobrado.

Malaquias disse que o mundo inteiro sofreria maldição se o coração dos pais não se voltasse aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais. (Ver Malaquias 4:6.)

A presença do pai no lar, aliada à atividade de ambos os pais ou um deles na Igreja, além de disciplina no lar, parece produzir famílias fortes e estáveis.

Sem dúvida, o mais importante ingrediente para a felicidade familiar dos membros desta Igreja é um profundo compromisso religioso sob adequada e madura supervisão paterna. A devoção a Deus parece forjar a espiritualidade e estabilidade

que ajuda a família a resistir. Alguns talvez aleguem que isto é querer simplificar demais um problema tão complexo. No entanto, creio que a solução está no Evangelho restaurado de Cristo.

Um dos motivos do enfraquecimento das famílias é a falta de absolutos. No absoluto não existe restrição, exceção ou qualificação. É fixo e certo. Existem certas coisas que os membros da família devem procurar fazer sempre, e outras que devem evitar escrupulosamente. A honestidade deve ser um desses absolutos em toda família.

Como os pais e familiares podem dar início e promover a força familiar? Recentemente faleceu de câncer um de meus melhores amigos de infância. Sua família decidiu que ele seria mais feliz vivendo seus últimos dias em casa e por isso o tirou do hospital de veteranos onde estava internado. Sua mãe de oitenta e oito anos veio de outro estado para supervisionar o atendimento carinhoso ao enfermo. Uma irmã e um irmão deixaram diversas vezes seu lar distante a fim de ajudar em emergências. Os filhos, alguns deles também morando fora, vieram para junto dele e se revezavam na vigília de vinte e quatro horas para que nunca estivesse sozinho.

Ele faleceu meses mais tarde, devastado e emaciado, porém contente e feliz. Fora amado até a morte. A família poderia tê-lo deixado aos cuidados do governo e do hospital de veteranos, sem nenhuma despesa e inconveniência.

Gostaria de sugerir outras maneiras de enriquecer a vida familiar:

1. *Orar em família pela manhã e à noite.* Não é nenhum mistério a fonte de nossa enorme força e poten-

cial individual — é uma dádiva de Deus. Não necessitamos de consumir produtos químicos viciadores encontrados nas drogas, incluindo o álcool, para sermos capazes de enfrentar os problemas da vida. Basta nos abeberarmos constantemente na fonte de poder através da humilde oração. Às vezes os pais de uma família atarefada precisam fazer um esforço quase sobre-humano para tirar todos da cama e reuni-los para a oração familiar e estudo das escrituras. Talvez nem sempre vos sentis com vontade de orar quando finalmente estão todos reunidos, mas se perseverardes os dividendos serão excelentes.

2. *Estudar as escrituras.* Todos necessitamos da força proveniente da leitura diária das escrituras. Os pais devem conhecer as obras-padrão para ensiná-las aos filhos. A criança que recebeu ensinamentos das escrituras possui um legado inestimável. As crianças se fortalecem familiarizando-se com os personagens heróicos e histórias das escrituras, como Daniel na cova dos leões, Davi e Golias, Néfi, Helamã e os jovens guerreiros, e todos os outros.

Orar, estudar as escrituras e tomar as refeições juntos permite um tempo importante para se ouvir e conversar com pais e filhos, irmãos e irmãs.

3. *Ensinar os filhos a trabalhar.* Em toda casa existem tarefas cotidianas pelas quais as crianças podem responsabilizar-se.

4. *Ensinar disciplina e obediência.* Se os pais não disciplinam os filhos e os ensinam a obedecer, a sociedade poderá fazê-lo de uma maneira que nem os pais nem os filhos gostarão. Diz o Dr. Lee Salk, psicólogo infantil: “A tendência do ‘faça

como quiser’ vem interferindo no desenvolvimento de íntimos e saudáveis laços familiares. Sugere às pessoas que julgar-se responsável pelos sentimentos dos familiares é neurótico. As pessoas são aconselhadas a extravasar tudo que sentem, mesmo que magoem alguém.” (Special Section Families, *U.S. News and World Report*, 16 de junho de 1980, p. 60.) Isto, segundo o Dr. Salk, é definitivamente errado. Sem disciplina e obediência no lar, não pode haver unidade familiar.

5. *Dar alta prioridade à lealdade recíproca.* O dicionário define *leal* como “sincero, franco e honesto; fiel aos seus compromissos”. (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.) Se os familiares não forem leais entre si, não podem ser leais a si próprios.

6. *Ensinar princípios de autoconfiança e valor próprio.* Um dos principais problemas familiares de hoje é a crescente falta de convivência. Alguns, estando em casa, passam tempo excessivo diante da televisão, privando-se da convivência pessoal que reforça o senso de valor próprio. As horas de convivência são um tempo precioso — tempo necessário para conversar, escutar, incentivar e demonstrar como fazer as coisas. A falta de convívio pode resultar em solidão, que por sua vez poderá fazer a pessoa sentir-se desprezada, mal amada e inadequada. O senso de valor próprio é reforçado de muitas maneiras. Quando os pais dizem a um filho ou filha que está de saída, um simples: “Lembre-se de quem é”, o estão ajudando a considerar-se importante.

7. *Criar tradições familiares.* A família pode encontrar muita força

em suas próprias tradições, que podem ser inúmeras coisas: Celebrações especiais na bênção de crianças, batismos, ordenações ao sacerdócio, aniversários, noite de Natal, certas noites familiares e assim por diante. As tradições de cada família são únicas e decorrentes em grande parte da influência materna.

8. *Fazer tudo com espírito de amor.* O Élder LeGrand Richards compartilhou conosco seu terno relacionamento com o pai, dizendo: "Entreí no apartamento de meu pai quando ele tinha quase noventa anos... Ao abrir a porta, ele se levantou, veio ao meu encontro e me abraçou e beijou. Ele sempre fazia isso... Tomando-me em seus braços e chamando-me pelo apelido de criança: 'Grandy, meu rapaz, eu te amo.'" (Conference Report, outubro de 1967, pp. 111-12.)

Certos pais têm dificuldade de demonstrar seu amor, verbal ou fisicamente. Não me lembro de alguma vez meu pai ter-me dito: "Filho, eu te amo", mas demonstrava-o de mil outras maneiras mais eloquentes que palavras. Raramente perdia um treino, jogo, corrida ou qualquer atividade da qual participassem os filhos.

O toque e presença da mãe no lar torna-o cálido, confortável e gostoso. A esposa e a mãe merecem um apoio especial. Dizia o Presidente George Albert Smith, dirigindo-se aos pais e maridos:

"Alguns parecem pensar que a responsabilidade da mulher é cuidar do lar e tudo mais enquanto o homem vai a reuniões. Quero dizer-vos que vossa principal responsabilidade é para com vosso lar." (Seventies and Stake Missionary Conference, 4 de outubro de 1941, p. 8.)

Isto foi confirmado pelo Presiden-

te Harold B. Lee: "O maior trabalho do Senhor que vocês farão, irmãos, como pais, será entre as paredes de seu próprio lar." ("Sigam a Liderança da Igreja", *A Liahona*, dezembro de 1973, p. 38.)

Que não haja má vontade ou ressentimento entre pais e filhos, irmãos e irmãs, e parentes. Mágoas ou divergências devem ser resolvidas sem demora. Por que esperar que alguém esteja morrendo ou morto? Possa a rica benevolência da calorosa e amorosa vida familiar ser restaurada e prevalecer entre todos nós.

Como podem os líderes do sacerdócio, tão sobrecarregados com responsabilidades administrativas, ajudar os pais a ajudarem seus filhos? Creio que a resposta seja fundamental. Nos últimos dias de seu ministério, o Salvador disse a Pedro: "Simão, Simão, eis que Satanás te pediu para te cirandar como trigo;

"Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22:31-32.)

Há necessidade de uma conversão e fortalecimento dos pais. Isto se consegue pelo ensino, compreensão e aplicação dos princípios do evangelho. É um grande desafio aos líderes do sacerdócio conseguir que todos em nossas alas, ramos e quoruns sejam fortalecidos na compreensão do evangelho. Os líderes do sacerdócio são investidos de grande autoridade. Quando bispos e outros líderes eclesásticos são necessários por determinados motivos familiares ou pessoais, sua disponibilidade é uma grande força e conforto. Seu genuíno interesse e cuidado por nós, individualmente, é um mecanismo de apoio vital.

Bem, irmãos, concluindo, gostaria

de falar alguma coisa para promover melhor compreensão de nosso trabalho. Não julguemos que só por estarmos realizando todas as reuniões, fazendo as visitas do ensino familiar e participando de outras atividades, estamos necessariamente servindo plenamente à congregação da Igreja. É preciso que haja em nosso ministério na Igreja e nossa família todo o Espírito, bondade e misericórdia de Cristo.

Num passado distante, religião costumava ser ligada a rigoroso fanatismo e intolerância. Com a restauração do evangelho veio o santo sacerdócio de Deus, para ser exercido não com espírito de coerção e compulsão, mas respeitando o livre arbítrio, baseado no alicerce da “mansuetude e ternura, e... amor não fingido”. (D&C 121:41.) Este é o doce espírito do próprio Cristo.

Agora, esses conceitos elevados precisam ser aplicados por homens sábios. Quando se orienta na Igreja e no lar, não deve ser com espírito ditatorial e *domínio injusto*. As chaves e poderes do sacerdócio só podem ser “manipulados... pelo princípio da retidão”. (D&C 121:36.)

Através de seus profetas, Deus vem lançando ao sacerdócio, nos últimos tempos, o grande desafio de promover mundialmente a sagrada obra em que estamos envolvidos. Todos os homens dignos podem agora receber o sacerdócio. Pergunto-me se com essas inspiradas modificações houve uma melhora de atitude baseada nos princípios exaltados ensinados pelo Salvador. A responsabilidade ampliada no sacerdócio levou-nos a compreender melhor nosso trabalho? Há entre nós quem não consiga distinguir entre o pecador e o pecador?

Muitos de nós participamos de conselhos de ala e conselhos executivos do sacerdócio e outras reuniões em nível de ala. Tomamos tempo para identificar os que se desviaram do caminho. Mas nossos esforços para alcançá-los poderiam ter sido bem mais produtivos. Às vezes, mostramo-nos demasiado severos. Outras, perdemos de vista o indivíduo por nos concentrarmos no programa. Não estou criticando os programas e atividades; sou grato por eles. Eles são necessários; são inspirados e excelentes. Apenas peço maior preocupação com o indivíduo e a família, que afinal é o propósito da santa obra de Deus. “Eis que esta é a minha obra e a minha glória: Proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.)

Coloquemos em ordem nossa vida e nosso lar. Precisamos continuar fiéis aos grandes absolutos do evangelho restaurado, isto é, Jesus Cristo e este crucificado, a restauração divina do evangelho em nosso tempo, a veracidade do Livro de Mormon, o chamado divino de Joseph Smith como profeta e a revelação contínua a seus sucessores, de acordo com as necessidades da Igreja e seus membros.

Se formos unidos e seguirmos sob a liderança dos que portam as chaves do reino de Deus na terra, nosso lar será enriquecido, nossa vida purificada e as portas do inferno não prevalecerão contra nós. Sigamos o conselho de Alma, servindo de “testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar em que vos encontréis, mesmo até a morte”. (Moisés 18:9.) Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Um Apelo ao Sacerdócio: “Alimentem Minhas Ovelhas”



Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Queremos que vigieis, apascenteis, guardeis e cuideis do rebanho, e, caso algumas ovelhas se percam temporariamente, desafiemo-vos a encontrá-las.”

Meus queridos irmãos: Esta é uma visão gloriosa! Como apreciamos o serviço que prestais com tanta boa vontade ao Senhor. Sabemos que Deus vos abençoará por isso.

A todos vós, rapazes, portadores do Sacerdócio Aarônico, nós vos amamos e apreciamos. Somos muito gratos por vossa dedicação e fidelidade. De toda a minha alma eu vos incentivo a resolverdes, agora, que sereis limpos e dignos de servir ao Senhor todos os dias de vossa vida. Nisto reside a genuína felicidade.

Nesta noite, falo a todos os portadores do sacerdócio, a vós que tendes responsabilidade pelos filhos de nosso Pai. Minha mensagem é *Um Apelo ao Sacerdócio: “Apascenta as Minhas Ovelhas.”*

Quase todos nós sabemos como o Salvador descreve os membros da Igreja e seus líderes. Aos fiéis ele chama de ovelhas, e aos líderes do sacerdócio, de pastores. E lembra-

mo-nos de seu inesquecível exemplo do cuidado com que o verdadeiro pastor trata suas ovelhas:

“Se algum homem tiver com ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?

“E, se porventura a acha... que maior prazer tem por aquela do que pelas noventa e nove que se não desgarraram.” (Mateus 18:12-13.)

Na época de Jesus, o pastor palestino era conhecido pela proteção que dava a suas ovelhas. Ao contrário dos pastores modernos, sempre andava à frente do rebanho. Ele o conduzia. Conhecia suas ovelhas uma por uma, e geralmente lhes dava um nome. As ovelhas conheciam sua voz e confiavam nele, não seguindo um estranho. Assim, quando chamadas, as ovelhas vinham correndo. (Ver João 10:14,16.)

À noite, os pastores levavam as ovelhas para um curral chamado de aprisco, cercado de muros altos encimados por espinheiros para impedir a entrada de animais selvagens e ladrões.

Mesmo assim, às vezes, um animal selvagem, impelido pela fome, pulava o muro e assustava as ovelhas. Nesse caso distinguia-se o verdadeiro pastor, aquele que amava suas ovelhas do assalariado que só trabalha por dinheiro.

O verdadeiro pastor era capaz de dar a vida pelas ovelhas. Metia-se entre elas e lutava para defendê-las. O assalariado, pelo contrário, pensava mais em sua segurança que na das ovelhas e geralmente fugia do perigo.

Jesus usou essa ilustração comum em sua época para declarar que era o Bom Pastor, o Verdadeiro Pastor. Devido ao amor por seus irmãos e irmãs, dispunha-se a dar voluntariamente a vida por eles. (Ver João 10:17-18.)

E o Bom Pastor deu a vida pelas ovelhas, por vós e por mim, por todos nós.

Depois, após a ressurreição, Jesus ordenou a Pedro: ‘Apascenta os meus cordeiros... Apascenta as minhas ovelhas... Apascenta as minhas ovelhas.’ (Ver João 21:15-17.)

Três vezes repetiu esse encargo ao recém-designado chefe dos pastores.

Achais que Pedro se lembrava da parábola do bom pastor?

Achais que Pedro sabia como deveria ser um bom pastor, o que deveria fazer?

Achais que alguma vez questionou o exemplo do Senhor como excessivamente idealista?

Deve ter impressionado Pedro

profundamente, pois diz a tradição que ele também deu a vida pela causa.

O expressivo simbolismo do Bom Pastor tem um paralelo significativo na Igreja de hoje. As ovelhas precisam ser conduzidas por pastores vigilantes. São muitas no rebanho; algumas deixam-se desviar por distrações momentâneas e outras se perdem totalmente.

Ponderai cuidadosamente estas representativas amostras de várias estacas e que ilustram a magnitude de nosso problema.

— Uma estaca na região leste dos Estados Unidos tem pouco mais de trezentos portadores do Sacerdócio de Melquisedeque e número equivalente de élderes em perspectiva — ovelhas perdidas!

— Certa estaca na Cidade do Lago Salgado, tem mil e cem portadores do Sacerdócio de Melquisedeque e outro tanto de élderes em perspectiva. Onde, perguntamos, andam os pastores?



Elder L. Tom Perry do Quórum dos Doze Apóstolos, ao centro, posa junto de visitantes da conferência.

— Uma estaca na Inglaterra tem trezentos e sessenta portadores do Sacerdócio de Melquisedeque, porém mais de oitocentos élderes em perspectiva, dos quais uma percentagem pequena frequenta as reuniões. Perguntamos, como sobreviverão as ovelhas fora da segurança do aprisco e da vigilância de um amoroso pastor?

Sabemos da possibilidade de grandes resultados quando os pastores se unem num esforço conjunto e demonstram interesse.

Numa estaca do sul de Utah, conjugaram-se esforços para reativar os élderes em perspectiva. No espaço de dois anos, mais de cem homens foram ordenados ao Sacerdócio de Melquisedeque. Essas ordenações elevaram em quatorze por cento a frequência à reunião sacramental na estaca.

Uma estaca do Arizona promoveu quarenta e sete élderes em perspectiva ao Sacerdócio de Melquisedeque; outra, no estado de Washington, promoveu igual número. Ambas continuam usando os seminários de preparação para o templo.

Os distritos de certa missão na Grã-Bretanha reativaram mais de seiscentos membros com ajuda dos missionários de templo integral e de estaca.

Determinada estaca da América do Sul reativou, através de piedosos e sinceros esforços, cento e quarenta e seis élderes em perspectiva em menos de um ano. Outros quarenta e cinco estão atualmente prontos para ordenação a ofícios no Sacerdócio de Melquisedeque.

Sabemos que, como em tempos passados, algumas ovelhas se rebelaram e são “como um rebanho selvagem que foge do pastor”. (Mo-siah 8:21.) Todavia, a maioria de

nossos problemas são decorrentes da falta de carinho e vigilância.

Com os cuidados de um pastor, muitos dos membros recentes, dos recém-nascidos no evangelho, seriam alimentados com conhecimento do evangelho e novos padrões. Tal atenção asseguraria que não mais voltassem aos antigos hábitos e velhos amigos.

Com o cuidado amoroso de um pastor, muitos de nossos jovens, nossos cordeiros, não estariam desgarrados. E caso estivessem, o gancho do cajado do pastor, qual braço carinhoso, os traria de volta.

Com os cuidados de um pastor, poderão ser recuperados muitos que agora são estranhos ao rebanho. Muitos casaram-se fora da Igreja, aceitando o modo de vida de seu companheiro conjugal.

O problema, repito, é sério e muito grande.

Não oferecemos nenhuma solução *nova* para esse *velho* problema. A ordem dada a Pedro, enfatizada pela tripla repetição, é a solução comprovada: “Apascenta meus cordeiros... Apascenta minha ovelhas... Apascenta minhas ovelhas.”

A resposta, pois, é apascentar o rebanho. Em outras palavras, vigilância e carinho do sacerdócio. A real preocupação de um verdadeiro pastor; não o interesse fingido de um assalariado.

Eis algumas perguntas que todo verdadeiro pastor deveria fazer:

Pastores — mestres familiares:

Estais cuidando de vossas famílias como deveríeis?

Estais satisfazendo suas necessidades?

Cuidais do bem-estar de vossas famílias a ponto de conhecer seus interesses, vos lembrades de aniver-

sários e datas especiais e orardes continuamente por elas?

Sois os primeiros a chegar quando a família precisa de assistência?

O chefe da família recorre primeiro a vós?

Atentais para as necessidades de cada membro da família?

Quando uma das famílias a vosso encargo muda de casa, sabeis para onde vão? Esforçais-vos para conseguir o novo endereço? Verificastes junto aos vizinhos, amigos e parentes?

Pastores — presidentes de estacas, bispos, líderes de quorum:

Recebeis bem entre vós os recém-conversos?

Eles *sentem* o vosso amor e cuidado?

Os recém-conversos são convidados a visitar vosso lar?

Eles sabem o que é a noite familiar e como realizá-la?

A família se sente bem-vinda e à vontade em vosso meio?

Ordenais os membros masculinos dignos a ofícios do sacerdócio após o batismo?

Vós lhes dais designações eclesiásticas significativas?

Pastores — presidentes de estaca, bispos, líderes de quorum:



Deixais as noventa e nove a fim de buscar a perdida?

Chamais e designais supervisores e outros líderes compatíveis com os jovens impressionáveis, e capazes de se entenderem bem com eles?

O programa para os jovens está plenamente implantado e está sendo usado para preencher as necessidades deles?

Cuidais dos jovens solteiros, dos divorciados e dos que têm necessidades especiais?

Preparais cuidadosa e espiritualmente os que vão para o serviço militar?

Prestais atenção especial aos rapazes no período de transição do Sacerdócio Aarônico para o Sacerdócio de Melquisedeque?

Bispos, fazeis que sejam entregues aos cuidados de seu novo pastor, o presidente do quorum?

Providenciais oportunidades significativas de serviço na Igreja aos missionários que voltam, para que esses rapazes e moças não caiam em inatividade por não poderem servir como vinham fazendo há dezoito meses?

Utilizais professoras visitantes para aumentar o ensino familiar?

Estais ensinando aos pais seus deveres?

Realizais seminários de preparação para o templo a fim de incentivar os élderes em perspectiva a se prepararem para o Sacerdócio de Melquisedeque e ida ao templo?

Designastes os élderes em perspectiva mais idosos aos sumos sacerdotes e os convidastes a se reunirem com quem se sentirem mais à vontade?

Os élderes em perspectiva mais jovens são convidados a participar das reuniões do quorum de élderes?

Alguns líderes afirmam que certos homens são caso perdido; entretanto, conforme o anjo disse a Abraão, nada é impossível ao Senhor! (Ver Gênesis 18:14.) Certo irmão, considerado caso perdido por alguns, disse chorando a um oficiante do templo no altar de selamento: "Não sei por que esperei tanto tempo por esta bênção!"

Recentemente, numa reunião de líderes no sábado, ouvi certo irmão comentar: "O demônio realmente me está dando trabalho desde que comecei a ser ativo. Antes disso, até que me dava bem com ele."

Estamos ajudando aquele que necessita de auxílio por estar voltando à plena atividade?

Pastores — presidentes de estaca, bispos, líderes de quorum:

Estais atentos aos registros dos membros da Igreja sob vossa responsabilidade — particularmente dos que não participam convosco das reuniões?

Conseguis dos mestres familiares o novo endereço dos membros que saem de vossa jurisdição, ou apenas ficais aliviados de poder tirá-los de vossos arquivos e enviar suas fichas para o "arquivo morto"?

Pastores — pais em Israel:

Costumais realizar a oração familiar, pela manhã e à noite?

Realizais regular e consistentemente, uma edificante noite familiar semanal?

Tomais a dianteira nos assuntos espirituais?

Vosso exemplo é o que deveria ser?

Rogais e orais em favor dos vossos?

Vós os amais?

Daríeis vossa vida por eles?

Pastores — todos os portadores do sacerdócio:

Rogamo-vos solenemente que avalíeis vosso desempenho nestes pontos. Admoestamo-vos como fez Paulo aos élderes de Éfeso:

"Olhai por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, *para apascentardes a igreja de Deus*, que ele resgatou com seu próprio sangue." (Atos 20:28; grifo nosso.)

Repetimos para vós o encargo que Jesus deu a Pedro. Repetimo-lo com a mesma ênfase, com a mesma insistência: "Apascenta meus cordeiros . . . Apascenta minhas ovelhas . . . Apascenta minhas ovelhas!"

Exortamo-vos a vos aplicardes com renovada dedicação. Queremos que façais alguma coisa que ainda não vinheis fazendo. Queremos que vigíeis, alimenteis, apascenteis o rebanho e, caso algumas ovelhas estejam temporariamente transviadas, que as encontreis.

Por quê?

Porque vós amais vossos irmãos e irmãs. Quereis que tenham alegria no reino de nosso Pai.

Não existe obra mais importante no mundo que salvar almas. Trazendo almas ao Senhor tereis incomparável alegria!

Se orardes e tiverdes o sincero desejo de apascentar o rebanho dele, o Senhor vos abençoará com sucesso. Isto eu vos prometo!

Deus vos abençoe, meus irmãos do sacerdócio, todos os pastores vigilantes. Que possais conhecer o rebanho e ser por ele conhecidos. Apascentemos e projetamo-lo cuidadosamente para que continue seguro e livre de perigos. Este é o nosso desafio, nosso dever e nossa alegria: alegria que vos prometo a todos que aceitardes o desafio e cumprirdes vosso dever.

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Derrotar os Golias de Nossa Vida



Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

“Os males da cerveja, bebidas alcoólicas, fumo, drogas e pornografia são tentações que os portadores do Sacerdócio Aarônico podem derrotar triunfalmente!”

Externo meu apreço ao grande número de rapazes que se esforçam tanto para vir a estas reuniões. Para muitos deles não é fácil. Somos gratos a vocês. Gostaria de falar algumas coisas particularmente a vocês, e faço-o contando parte de uma história que já conhecem. É a história de Davi, filho de Jessé.

Conforme devem lembrar-se, o exército de Israel, sob o comando do Rei Saul, travava uma luta mortal com as tropas dos filisteus. Os dois exércitos encontravam-se cada um numa colina, separados por um vale. Os filisteus, contudo, tinham em suas fileiras um homem de estatura gigantesca, chamado Golias, de Gate. Diziam ter seis cúbitos e um palmo de altura o que, pelos meus cálculos, daria uns três metros. Que excelente jogador de basquete não seria!

Envergando sua armadura, desceu

ao vale e gritou para as tropas israelitas:

“Escolhei dentre vós um homem que desça a mim.

“Se ele puder pelejar comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer e o ferir, então sereis nossos servos e nos servireis. . .

“Hoje desafio as companhias de Israel, dizendo: Dai-me um homem, para que ambos pelejemos.” (I Samuel 17:8-10.)

Olhando aquele homem gigante e ouvindo suas palavras, Saul e seus soldados tiveram medo, pois não tinham ninguém que a ele se iguasse em tamanho.

Enquanto isso, Davi levava comida para os três irmãos que estavam no exército. Chegando ao campo de batalha, ouviu Golias repetir seu desafio. O exército de Israel tremeu. Davi, que não passava de um rapazinho, disse ao rei (vou parafrasear suas palavras): “Meu rei, por que tens tanto medo desse gigante? Eu estou pronto a lutar com ele.”

Saul respondeu: “Contra este filisteu não poderás ir para pelejar com ele; pois tu ainda és moço e ele homem de guerra desde a sua mocidade.” (I Samuel 17:33.)

Davi, porém, convenceu o rei a deixá-lo tentar. Contou-lhe como lutara com um leão e um urso para salvar as ovelhas do pai e concluiu dizendo que o Senhor o livraria das mãos do filisteu. Saul, achando, possivelmente, que mais uma vida perdida não seria tão grave diante das pesadas baixas que já haviam sofrido, respondeu: “Vai-te embora, e o Senhor seja contigo” (I Samuel 17:37), vestindo-lhe uma couraça tão pesada que o rapaz mal conseguia andar. Então Davi disse ao rei: “Não posso andar com isto” e tirou a couraça. “E tomou seu

cajado na mão, e escolheu cinco seixos do ribeiro, e pô-los no alforje de pastor... e lançou mão de sua funda.” (I Samuel 17:40.)

E lá se foi o rapaz para o vale enfrentar Golias, levando unicamente a funda e cinco seixos, e a couraça da fé.

“E, olhando o filisteu, e vendo a Davi, o desprezou, porquanto era mancebo, ruivo e de gentil aspecto.

“Disse pois o filisteu a Davi: Sou eu algum cão para tu vires a mim com paus? E o filisteu amaldiçoou a Davi pelos seus deuses.

“Disse mais o filisteu a Davi: Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas do campo.”

Davi, então, proferiu estas grandes palavras:

“Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado.

“Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão, e ferir-te-ei, e te tirarei a cabeça, e os corpos do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves do céu e às bestas da terra; e toda a terra saberá que há Deus em Israel.” (I Samuel 17: 42-46.)

Palavras realmente ousadas para um rapazinho enfrentando um gigante. Louco de raiva, Golias investiu. Davi correu ao encontro dele, mettendo “a mão no alforje, e tomou dali uma pedra e com a funda lhe atirou, e feriu o filisteu na testa, e a pedra se lhe cravou na testa e caiu sobre o rosto em terra.” (I Samuel 17:49.)

Vocês conhecem o resto da história. Gostaria de aplicá-la à vida de vocês. Existem Golias por todo o lado, gigantes maldosos decididos a destruí-los. Não são monstros de



três metros de altura, mas homens e instituições que controlam coisas atraentes mas prejudiciais, capazes de desafiar, enfraquecer e destruí-los. Entre estes estão a cerveja e outras bebidas, e o fumo. Os vendedores desses produtos gostariam de escravizá-los. Existem drogas dos mais diversos tipos que, pelo que me consta, são relativamente fáceis de encontrar em muitas escolas secundárias. Para seus vendedores, representam um negócio multimilionário, uma gigantesca teia maligna. Existe a pornografia, sedutora, interessante, convidativa, que se tornou uma indústria gigantesca produtora de revistas, filmes e outras coisas destinadas a tomar-lhes dinheiro e induzi-los a costumes capazes de destruí-los.

Os gigantes por trás desses empreendimentos são formidáveis e habilidosos, com vasta experiência ganha na guerra que estão travando. E eles gostariam muito de conquistá-los.

É praticamente impossível evitar todo contato com seus produtos. Vocês vêem tais coisas por todos os lados. Mas levando a funda da verdade na mão, não precisam temê-las. Vocês têm sido aconselhados, ensinados e avisados. Possuem os seixos

da virtude, honra e integridade para lançarem contra os inimigos que gostariam de derrotá-los. Podem, perfeitamente, feri-los “na testa”, usando uma expressão figurada. Podem triunfar sobre eles, acostumando-se a evitá-los. Podem dizer a todos eles como Davi disse a Golias: “Vens a mim com espada e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado.” (I Samuel 17:45.)

A vitória será sua. Não existe um rapaz ao alcance de minha voz obrigado a deixar-se vencer por qualquer dessas forças. Vocês contam com o sacerdócio de Deus, são apoiados pelo seu poder. Vocês têm direito aos anjos ministradores para protegê-los. Não se deixem amedrontar pelo Golias. Defendam sua posição e serão vitoriosos. Passados os anos, hão de olhar com satisfação para trás, lembrando-se das batalhas que ganharam na vida.

Quando aparecer alguma tentação, chamem o monstro maldoso de Golias e tratem-no como Davi tratou o filisteu de Gate. Que Deus os abençoe, eu oro humildemente.

Agora gostaria de, por alguns minutos, abordar outro assunto, dirigindo-me particularmente aos irmãos mais velhos.

Tenho um amigo que construiu uma bela casa, decorando-a com os melhores tapetes, móveis e equipamentos que o dinheiro pode comprar. Dentro dela guardava seus carros de luxo e valiosas jóias. Depois, temendo possíveis assaltantes, instalou dispendiosas fechaduras de segurança que o obrigavam ao uso de chaves, tanto para entrar como para sair. Guarneceu janelas e portas de grades de proteção, pa-

recendo mais um prisioneiro em seu próprio lar. Instalou um caro equipamento de alarme eletrônico, que acendia as luzes e disparava sirenes se alguém tentasse arrombar a casa. O jardim não tinha quase árvores e arbustos para nenhum ladrão poder esconder-se. Então disse a si mesmo: “Agora estou seguro.”

Esqueceu-se, porém, de que nem grades nem alarmes, luzes ou seja lá o que for, consegue deter outro tipo de invasores capazes de destruir a vida de seus filhos, espoliá-lo da felicidade matrimonial de que gozava havia muitos anos, manietá-lo com cordas de amargura e ódio contra aqueles que um dia amara, e jogá-lo no cárcere do desespero e miséria.

Irmãos, eu passo muito tempo ouvindo histórias de pessoas infelizes. Diante da congregação inteira da Igreja são em número relativamente pequeno. Entretanto, ainda assim são demais e cada caso é uma tragédia. Com poucas exceções, o marido e pai parece ser o maior culpado, de quem os invasores do pecado e egoísmo cobram o maior tributo.

Irmãos, sei tratar-se de um assunto antigo e do qual muito se tem falado. Mesmo assim, volto a repetir: *Guardai o vosso lar*. Que tolíce instalar grades, fechaduras e alarmes eletrônicos contra ladrões e visitantes indesejáveis, enquanto invasores mais insidiosos podem entrar à vontade.

Digo-vos o que disse aos rapazes — evitai a pornografia como uma praga. Lembro-me de uma designação, recebida há algum tempo, para restaurar as bênçãos de um membro excomungado da Igreja por haver pecado. Ele veio ao meu escritório com a esposa. Conversei com os

dois individualmente. Perguntei-lhe como tudo começara. Ele ocupara um cargo importante na Igreja, além de ser um profissional responsável e altamente respeitado na comunidade.

Seu problema começou, contou-me, quando pegou uma revista pornográfica para ler no avião. Aquilo o intrigou e o interessou. Passou a comprar mais dessas revistas. Depois procurou ver filmes excitantes. Sabendo que a esposa não concordaria com tal coisa, ía sozinho. Arranjou motivos para ir a outras cidades onde pudesse satisfazer mais facilmente seus desejos. Depois encontrou desculpas para ficar até mais tarde no escritório, pedindo à secretária que ficasse com ele. Uma coisa foi levando a outra até que sucumbisse.

Com lágrimas nas faces, ficou sentado diante de mim amaldiçoando o dia em que lera aquela primeira revista. Falou de seu amor à esposa que o perdoara e continuava fiel. Falou do amor aos filhos, envergonhados e embaraçados por sua conduta. Descreveu o inferno pelo qual passara nos quatro anos desde a excomunhão. Falou do amor à igreja e do desejo de novamente gozar de todas as bênçãos.

Na presença da esposa, coloquei as mãos sobre sua cabeça e, pela autoridade do santo sacerdócio, restaurei-lhe o sacerdócio, o endowment e selamento no templo e todas as demais bênçãos. Esse grande e forte homem soluçava como um bebê sob minhas mãos, enquanto a esposa, segurando sua mão, chorava qual criança.

Terminada a bênção, os dois se abraçaram e ele pediu perdão a ela, que disse que já estava perdoado e que a amava e sempre o amaria.

Saíram dali felizes, mais felizes do que vinham sendo há anos. E eu



estava feliz, também. Pensei, porém, no preço terrível pago por ele e o preço que obrigara a família a pagar com sua tolice e transgressão.

Infelizmente, nem sempre acontece um final assim feliz. Muitas vezes há o divórcio, acompanhado de amargura e rancor. O que fora amor transforma-se em ódio. A vida das crianças é prejudicada. Esperanças tornam-se em cinzas. São tantos os casos em que há só miséria, solidão e remorso.

Irmãos, reservai vossa afeição unicamente para os vossos. Considerai aquela a quem destes a mão sobre o altar na Casa do Senhor e a quem prometestes vosso amor, lealdade e afeto pelo tempo e eternidade, como o bem mais precioso aqui na terra e no além. Então vossa companheira, vossos filhos e vós próprios, conhecereis e sentireis uma segurança muito maior do que qualquer uma comprada com ferragens e equipamentos.

Deus vos abençoe, meus irmãos jovens e adultos; que o Senhor vele por vós e vos proteja; que vos conserveis junto dele e sejais merecedores de sua mão protetora, eu oro humildemente, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Um Princípio com Promessa



Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Obedecendo aos preceitos da Palavra de Sabedoria, recebemos as promessas. Do contrário haverá consequências tanto temporais como espirituais.”

Amadados irmãos e irmãs, cento e cinquenta anos atrás o Profeta Joseph Smith organizava a Escola de Profetas. Essa escola visava preparar membros escolhidos do sacerdócio para pregar o Evangelho de Jesus Cristo ao mundo inteiro.

Não havendo um templo, a primeira Escola de Profetas funcionava num pequeno cômodo da casa do Bispo Newel K. Whitney. Brigham Young foi um dos primeiros participantes desse curso e descreveu uma cena que costumava ocorrer durante as reuniões:

“Os irmãos viajavam centenas de milhas para frequentar a escola num exíguo cômodo. Reunindo-se após o desjejum, a primeira coisa que faziam era acender o cachimbo para conversarem sobre as coisas do reino enquanto fumavam... Assim que tiravam o cachimbo da boca, enfiavam nela um bom naco de fumo. Muitas vezes, quando o Pro-

feta chegava para dar instruções, via-se envolvido por uma nuvem de fumaça de tabaco. Isto, além das queixas de sua mulher obrigada a esfregar o chão, levou o Profeta a ponderar o assunto e consultar o Senhor a respeito do uso de fumo pelos élderes.” (*Journal of Discourses*, 12:158.)

Em resposta, o Senhor deu ao Profeta uma revelação na casa dos Whitney, conhecida como a Palavra de Sabedoria.

A princípio, a revelação não foi dada como mandamento, apenas como “preceito, com promessa, adaptada à capacidade dos fracos e à do mais fraco de todos os santos, que são ou podem ser chamados de santos”. (D&C 89:3.) Isso permitiu aos santos acostumar-se aos princípios contidos na revelação.

Durante minha primeira missão na Inglaterra em 1922, algumas irmãs tinham dificuldade em abster-se de chá. Depois de ler-lhes essa passagem, a maioria desistiu do chá, não querendo ser contadas entre os “mais fracos” dos que podem ser chamados de santos.

Em 1851, o Presidente Brigham Young propôs à conferência geral da Igreja que todos os santos se comprometessem formalmente a guardar a Palavra de Sabedoria. A proposta foi apoiada unanimemente pelos membros da Igreja. Desde então, a revelação é um mandamento obrigatório para todos os membros da Igreja.

A Palavra de Sabedoria é uma das características conhecidas e singulares dos membros da Igreja. De modo geral, as pessoas não pertencentes à nossa fé sabem que os membros da Igreja de boa reputação se abstêm de café, fumo, chá e bebidas alcoólicas.



Estudos científicos confirmam que entre os santos dos últimos dias é menor a incidência de problemas cardíacos, todas as formas de câncer e outras doenças, devido à observância da Palavra de Sabedoria. Esses estudos demonstram que a pessoa não só vive mais tempo, mas sua qualidade de vida é melhor.

A Palavra de Sabedoria é uma das provas do inspirado chamado profético de Joseph Smith. Vou contar-vos por quê.

Anos atrás, um pesquisador prestou testemunho de Joseph Smith, dizendo que a Palavra de Sabedoria foi a revelação que mais o atraiu a pesquisar a Igreja. “Não havia nenhuma possibilidade”, dizia ele, “de Joseph Smith saber o que nós, do mundo médico, sabemos sobre os efeitos prejudiciais do fumo, álcool, chá e café. No entanto, tudo isso foi comprovado pela ciência médica.”

Contou que foi o início de seu es-

tudo sério do evangelho, raciocinando que se Joseph Smith estava tão certo num assunto médico, comprovado mais de um século depois, os outros ensinamentos da Igreja mereciam ser estudados. Agora ele é membro da Igreja.

Um princípio do evangelho que todos os jovens da Igreja deveriam entender é: Deus, nosso Pai Celeste, governa seus filhos pela lei. Ele instituiu leis para nosso aperfeiçoamento. Se obedecermos às leis, receberemos as bênçãos correspondentes a essas leis. Se desobedecermos, sofreremos as consequências.

A Palavra de Sabedoria é uma lei — um preceito com promessa. Obedecendo a preceitos da lei, receberemos as promessas. Do contrário, haverá consequências temporais e espirituais.

Quais são os preceitos da lei conhecida como Palavra de Sabedoria?

A revelação define e recomenda abstinência de substâncias e bebidas prejudiciais nestas palavras:

“Bebidas fortes (ou, em outras palavras, bebidas alcoólicas ou prejudiciais) não são para o ventre.” (D&C 89:7.)

“Tabaco não é para o corpo... e não é bom para o homem.” (D&C 89:8.)

“Bebidas quentes (definidas como chá e café) não são para o corpo.” (D&C 89:9.)

Os alimentos benéficos ao homem são descritos assim:

“Todas as ervas salutares ordenou Deus para a constituição, natureza e uso do homem —

“Toda erva na sua estação e toda fruta na sua estação...”

“Também a carne dos animais e das aves do ar... deverá ser usada parcamente.

“Todos os cereais são ordenados para o uso do homem... como esteio da vida...”

“Todos os cereais são bons para comida do homem; assim como o fruto da videira.” (D&C 89:10-12, 14, 16.)

Nesta revelação o Senhor recomenda que a carne seja usada com parcimônia. Sinto que o Senhor nos adverte, igualmente, nesta revelação quanto à matança indiscriminada de animais, pois noutra escritura ele diz: “Ai do homem que derrama sangue ou desperdiça carne sem necessidade.” (D&C 49:21.)

O trigo é particularmente recomendado como benéfico ao homem, assim como o fruto da videira — hortaliças e todas as frutas. Eis a sabedoria no tocante à boa alimentação.

A Palavra de Sabedoria fez-nos saber que o Senhor se preocupa com a saúde de seus santos. Em sua bondade, aconselhou-nos a melhorar nossa saúde, desempenho e resistência a muitas doenças. A promessa temporal pela obediência é: Eles “receberão saúde para o umbigo e medula para os ossos; ...correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão”. (D&C 89:18, 20.)

Contudo, sinto que a maior bênção decorrente da obediência à Palavra de Sabedoria e todos os outros mandamentos é espiritual. Ouvi esta promessa espiritual:

“Todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, *obedecendo aos mandamentos*... acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos”. (D&C 89:18, 19; grifo nosso.)

Alguns acham que tal promessa se prende unicamente à guarda da

Palavra de Sabedoria. Notai, porém, que devemos obedecer a *todos* os mandamentos; então recebemos promessas espirituais específicas. Isto quer dizer que devemos obedecer à lei do dízimo, santificar o dia do Senhor, ser moralmente limpos e castos e seguir todos os demais mandamentos.

Fazendo tudo isso, a promessa é: “Acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos.” (D&C 89:19.)

Qual pai ou mãe não gostaria de inspiração do Senhor para criar os filhos. Eu testifico que podereis ter essa bênção. Certamente os pais não hão de querer que os filhos deixem de receber as bênçãos do Senhor devido à desobediência. Todo pai e mãe de Israel deve qualificar-se para essa promessa.

Viver os mandamentos de Deus é uma condição para ser admitido na Casa do Senhor, onde são dados sabedoria e “grandes tesouros de conhecimento” relacionados a felicidade nesta vida e alegrias eternas.

Irmãos, irmãs e amigos, aprendei este princípio. O Senhor aumenta nosso conhecimento, sabedoria e capacidade de obedecer quando obedecemos às leis fundamentais. É isto que o Profeta Joseph Smith quer dizer quando fala em “despertar (de) correntes de idéias” que surgem como “inteligência pura”. (Ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 147.) Isto é revelação. Nós precisamos aprender a depender do Espírito Santo a fim de usá-lo como guia em nossa vida e na da-queles pelos quais somos responsáveis.

Não acredito que um membro da Igreja possa ter um testemunho vivo, vibrante do evangelho sem guardar

os mandamentos. Testemunho é uma inspiração constante para saber que a obra é verdadeira, não algo que se recebe uma só vez. O Espírito Santo habita com quem honra e respeita as leis de Deus e obedece a elas. E é este Espírito que dá inspiração à pessoa. A realidade dessa promessa eu testifico humildemente.

Há outra parte nessa revelação que constitui uma advertência pertinente a esta geração moderna: "Devido a maldades e desígnios que existem e existirão nos corações dos homens conspiradores nos últimos dias, eu vos avisei, e de antemão vos aviso, por meio desta palavra de sabedoria, dada por revelação." (D&C 89:4.)

O Senhor previu a situação de hoje em que a ânsia pelo dinheiro levaria os homens a conspirarem para induzir outros a ingerir substâncias nocivas. A publicidade promovendo cerveja, vinho, bebidas, café, fumo e outras coisas nocivas é um bom exemplo do que o Senhor previu. O mais pernicioso exemplo de conspiração maligna de nossos tempos, contudo, é o que procura induzir nossos jovens ao uso de drogas.

Meus queridos jovens irmãos e irmãs, com todo amor advertimo-vos que Satanás e seus emissários procurarão levar-vos a usar substâncias nocivas porque sabem que assim fazendo inibirão os poderes espirituais e vós estareis sob o poder maléfico deles. Afastai-vos dos lugares ou pessoas que gostariam de fazer que desobedeçais aos mandamentos de Deus. Guardai os mandamentos de Deus e tereis sabedoria para conhecer e discernir o que é mau.

Este ano marca o centésimo quinquagésimo aniversário da Palavra de Sabedoria nesta dispensação. Come-

morando esse aniversário, a Igreja está restaurando a loja de Newel K. Whitney em Kirtland, Ohio. É uma construção bastante comum pelos padrões modernos, mas um lugar em que foram recebidas revelações de Deus. Cento e cinquenta anos confirmam cientificamente a Palavra de Sabedoria como receita de boa saúde. Cento e cinquenta anos de vivência dessa lei pelos santos confirmam que Deus cumpre suas promessas espirituais aos santos.

Possamos, como santos de Deus, guardar todos os mandamentos. Possamos ser puros e santos a fim de termos a companhia constante do Espírito Santo. Distingamo-nos como povo por nossa obediência às leis de Deus.

Um novo dia raia em Kirtland. Poucos anos atrás, dei início à construção da primeira capela desde a dedicação do primeiro templo em Kirtland, em 1836.

Recentemente dediquei um novo e belo edifício. Após a dedicação, participamos de uma recepção especial à qual compareceram cinquenta e oito não-membros descendentes dos santos primitivos de Kirtland. Alguns desses não-membros estão agora batizados e outros em fase de preparação.

Antecipamos que dentro de um ano teremos novamente uma estaca em Kirtland, exatamente onde foi organizada a primeira estaca da Igreja.

Testifico que esta é a Igreja Restaurada do Senhor hoje. Jesus Cristo vive e dirige os negócios desta Igreja e está próximo de seus servos.

Testifico ainda que a obediência a todas as leis de Deus encerra a preciosa promessa de paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro, em nome de Jesus Cristo. Amém.

“Anônimo”



Elder Thomas S. Monson
do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Serviço caridoso prestado
anonymamente pode passar
despercebido ao homem — mas
não a Deus.”*

Recentemente, dirigi-me ao balcão de informações de um grande hospital para saber o número do quarto de uma paciente que eu fora visitar. Esse hospital, como a maioria dos demais, passava por uma grande ampliação. Atrás da mesa da recepcionista havia uma placa esplêndida com agradecimentos aos benfeitores que tornaram essa ampliação possível. O nome de cada doador de cem dólares aparecia numa plaqueta de bronze presa à placa principal com uma corrente reluzente.

Esses benfeitores eram conhecidos expoentes do mundo empresarial, intelectual etc. Senti-me grato por suas generosas contribuições. Então meus olhos deram com uma plaqueta diferente — não ostentava nome algum, apenas uma palavra: “Anônimo.” Imaginei sorrindo quem teria sido esse contribuinte desconhecido. Certamente sentia uma serena alegria desconhecida dos demais.

Méus pensamentos remontaram a outros tempos — à Terra Santa;

remontaram Àquele que recordamos particularmente neste domingo de Páscoa; Àquele que redimiu da morte a humanidade e ensinou a seus discípulos a autêntica maneira de doar, recomendando-lhes: “Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles. . .

“Mas quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.” (Mateus 6:1, 3.)

Então, como que querendo incutir indelevelmente na alma deles a aplicação prática dessa sagrada verdade, desceu da montanha seguido de grande multidão. “E eis que veio um leproso e o adorou, dizendo: “Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo.”

“E Jesus, estendendo a mão, tocou-o dizendo: Quero; sê limpo. E logo ficou purificado da lepra.

“Disse-lhe Jesus: Olha, não o digas a alguém.” (Mateus 8:2-4.) O termo *anônimo* tinha então um sentido precioso, e ainda tem.

Os clássicos da literatura, bem como as santas escrituras nos ensinam a permanência do anonimato. Um de meus favoritos é “Cântico de Natal” de Charles Dickens. Visualizo perfeitamente o amedrontado Ebenezer Scrooge vendo mentalmente o retorno de seu antigo sócio, Jacob Marley, embora este estivesse morto havia já sete anos. As palavras de Marley penetram minha alma, quando lamenta: “A vida é tão breve. Não importa o tempo que temos, jamais poderemos reparar as oportunidades perdidas.” (“A Christmas Carol”, *The Best Short Stories of Charles Dickens*, Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1947, p. 435.)

Depois de uma noite agitada, durante a qual o Fantasma do Natal Passado, o Fantasma do Natal Presente e o Fantasma do Natal Futuro

mostram a Scrooge o verdadeiro sentido de viver, amar e repartir — ele acorda sentindo de novo o frescor da vida, o poder do amor e o autêntico espírito do partilhar. Lembrando-se da pobreza da família de Bob Cratchit, manda um garoto comprar um peru gigante (do tamanho de uma criança) e levar de presente aos Cratchit. Então, com extrema alegria, o novo Ebenezer Scrooge diz de si para si: “Ele não há de saber quem o mandou!” (“A Christmas Carol”, p. 481) Novamente a palavra *anônimo*.

O relógio da história não pára; contudo, a divina verdade prevalece imutável.

Quando o magnífico navio *Lusitânia* soçobrou, torpedeado, em pleno Atlântico, perderam-se muitas vidas, assim como continuam desconhecidos os atos de bravura de muitos dos que pereceram. Um homem que afundou com o *Lusitânia* deu seu salva-vidas a uma mulher, embora não soubesse nadar. Na realidade não importa que fosse Alfred Vanderbilt, o multimilionário americano. Ele deu a própria vida e não seus bens terrenos. Dizia Emerson: “Anéis e jóias não são presentes, mas pseudo-presentes. O único verdadeiro presente é uma porção de ti mesmo.” (“Gifts”, em *The Complete Writings of Ralph Waldo Emerson*, p. 286.)

No inverno passado, um moderno avião a jato teve uma pane depois da decolagem, caindo no gelado Rio Potomac. Aquele dia presenciou atos de bravura e feitos heróicos, o mais dramático deles testemunhado pelo piloto de um helicóptero de salvamento. Desceram a corda para um sobrevivente; em lugar de agarrar-se a ela, o homem amarrou-a em outra pessoa, que foi salva. Descida pela

segunda vez, mais uma pessoa foi salva. Assim foram salvas cinco pessoas das águas geladas, mas entre elas não estava o herói anônimo. Embora desconhecido, “deixou esta vida com honra”. (Stephen Spender, “I think continually of those...”, em *Masterpieces of Religious Verse*, ed. James Dalton Morrison, p. 291.)

Não é apenas morrendo que se pode demonstrar o verdadeiro doar. As oportunidades para aplicação da lição do Mestre são inúmeras. Gostaria de contar resumidamente apenas três:

(1) Numa madrugada de inverno, um pai acordou os dois filhos e sussurrou-lhes: “Nevou durante a noite. Vistam-se e vamos remover a neve da calçada de nossos vizinhos antes que amanheça.”

Os três, bem agasalhados, lá se foram no escuro retirar a neve da entrada de diversas casas. O pai só fizera uma recomendação aos rapazes: “Não façam barulho para que não saibam quem os ajudou.” Novamente, a palavra *anônimo*.

(2) Numa casa de repouso na Cidade do Lago Salgado, dois moços preparavam o sacramento, quando ouviram uma das pacientes, numa cadeira de rodas, queixar-se: “Estou com frio.” Sem hesitar um momento, um dos jovens tirou o paletó e colocou-o sobre os ombros da anciã com uma pancadinha carinhosa, voltando para a mesa do sacramento. Então os símbolos sagrados foram abençoados e distribuídos aos pacientes ali reunidos.

Terminada a reunião, eu disse ao jovem: — Eu me lembrarei muito tempo do que você fez hoje.

— Fiquei preocupado que sem o paletó não estaria devidamente vestido para abençoar o sacramento, — ao que respondi:

— Jamais esteve alguém tão bem vestido como você para tal ocasião.

Não sei o nome dele; continua anônimo.

(3) Na longínqua Europa, por trás da cortina de ferro e um muro chamado “Berlim”, visitei com alguns membros um pequeno cemitério. Estava escuro e caía uma chuva gelada o dia inteiro.

Nós viéramos visitar o túmulo de um missionário falecido havia muitos anos enquanto a serviço do Senhor. O silêncio era total quando nos reunimos em torno da sepultura. Iluminando com uma lanterna a lápide, li a inscrição:

Joseph S. Ott

Nascido: 12 de dezembro de 1870, Virgin, Utah.

Falecido: 10 de janeiro de 1896, Dresden, Alemanha.

Então a luz mostrou que sua sepultura era diferente de todas as demais. A pedra de mármore estava polida, não havia mato como em outras sepulturas; em seu lugar via-se um pequeno gramado bem cuidado e algumas lindas flores que falavam de cuidado e carinho. Perguntei: “Quem andou cuidando deste túmulo?” Minha pergunta ficou sem resposta.

Finalmente, um diácono de doze anos confessou que fora ele, sem ciência dos pais ou líderes, por querer fazer alguma coisa anonimamente. Disse que apenas queria fazer alguma coisa por um missionário que deu a vida pelo Senhor. Agradei-lhe; depois pedi a todos que guardassem o segredo dele, para que seu ato de bondade permanecesse anônimo.

Talvez nenhum dos outros autores que li tenha ilustrado esse ensinamento do Mestre tão memorável e belamente como Henry Van Dyke

em sua inolvidável “A Mansão”. Um dos personagens deste clássico, é John Weightman, homem rico, de grande influência política e cidadão ilustre. Suas próprias palavras revelam sua filosofia a respeito de doar. “Logicamente, deve-se ter cuidado ao doar, a fim de assegurar os melhores resultados — nada de doar indiscriminadamente — nada de jogar moedas no chapéu de pedintes... Procurem doar onde suas contribuições sejam notadas e façam bem a todos.” (Ver “The Mansion”, em *Unknown Quantity: A Book of Romance and Some Half-told Tales*, pp. 337, 339.)

Certa noite, sentado em sua confortável cadeira junto à mesa da biblioteca, John Weightman examinava os papéis espalhados à sua frente. Eram descrições e fotos da ala Weightman do hospital e da Cátedra Weightman de Jurisprudência Política, bem como um relatório da inauguração da Escola Primária Weightman. John Weightman estava satisfeito.

Apanhando a Bíblia da família, procurou certa passagem e leu-a para si próprio: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

“Mas ajuntai tesouros no céu.” (Mateus 6:19-20.)

O livro pareceu fugir-lhe das mãos. Inclinou-se sobre a mesa, com a cabeça apoiada nas mãos. Caiu num sono profundo.

Em sonho, John Weightman foi transportado para a Cidade Celeste, onde ele e alguns conhecidos seus foram recebidos por um guia encarregado de conduzi-los a sua morada celeste.

Parando diante de uma bela mansão, o guia disse:

“Eis sua casa, Dr. McLean, entre. Aqui não há mais doenças, nem mortes, dores ou tristezas; seus velhos inimigos estão todos derrotados. Mas todo o bem que fez aos outros, toda ajuda que prestou, todo conselho que deu, toda força e amor que distribuiu aos sofredores, estão aqui; pois os incluímos todos quando construímos esta mansão para o senhor.” (“The Mansion”, pp. 361-62.)

Ele viu que ao marido dedicado de uma mulher inválida deram uma casa encantadora, bem como à mãe, viúva desde moça, que criara uma excelente família e à moça paralítica que estivera trinta anos na cama — indefesa mas não desesperada — vivendo por um milagre de coragem sua única meta: Nunca queixar-se e sempre dar um pouco de sua alegria e paz a todos que dela se aproximassem.

Nessas alturas, John Weightman já estava impaciente, querendo ver a mansão que lhe coubera. E à medida que ele e o guia avançavam, as casas iam ficando menores, cada vez menores. Afinal chegaram a uma triste cabana erguida num descampado, que mal serviria de abrigo para um pastor. O guia disse:

— Esta é sua mansão, John Weightman.

Desesperado, John Weightman argumentou:

— Não sabes que construí uma escola, uma ala de hospital... três... igrejas?

— Espere, — advertiu o guia. — Foram boas obras, mas todas marcadas e utilizadas para promover o nome e mansão de John Weightman no mundo... Na verdade, já foste recompensado por elas. Acaso que- res recompensa dobrada?

Então um John Weightman aca-

brunhado e mais sábio indagou humildemente:

— O que conta aqui?

— Apenas o que é dado de verdade. Somente o bem feito por amor ao bem. Apenas os planos em que predomina o bem-estar alheio. Somente as obras em que o sacrifício é maior que a recompensa. Somente as dádivas em que o doador se esquece de si.” (“The Mansion”, pp. 364-68.)

John Weightman acordou com o relógio dando sete horas. Havia dormido a noite inteira. E foi-lhe concedido ainda viver, amar e doar. Ó, lembremo-nos sempre de que

Um sino não é sino até que soe,

Um canto não é canto até ser cantado,

E o amor não se destina a dormir no coração.

Amor não é amor até ser dado.

(Richard Rodgers and Oscar Hammerstein, 2.^o ed., “Sixteen Going on Seventeen.”)

Possa esta verdade guiar nossa vida. Possamos olhar para o alto enquanto servimos a Deus e aos semelhantes. E inclinemos nossos ouvidos ao Galileu, para talvez ouvirmos um eco dos ensinamentos do Salvador: “Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens.” (Mateus 6:1.) “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.” (Mateus 6:3.) E a respeito de nossas boas obras: “Não o digas a alguém.” (Mateus 8:4.) Então nosso coração sentir-se-á mais leve, nossa vida será mais luminosa e nossa alma mais rica.

Serviço caridoso prestado anonimamente pode passar despercebido ao homem — mas não a Deus. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Arrependimento



Elder F. Burton Howard

do Primeiro Quorum dos Setenta

"O arrependimento não acontece uma só vez na vida; ao contrário, leva uma vida inteira de reconhecimento contínuo e repetido de fraquezas e erros... em busca de uma vida melhor e mais elevada."

Pediria a cada um de vós que visualizasse mentalmente dois copos de cristal, de tamanho e formato diferentes. São ambos de ótima qualidade e bastante usados. Um deles ficou cuidadosamente guardado no guarda-louças. Está limpo e polido, de aparência convidativa. Cintila ao clarão da luz e está cheio de água cristalina.

O outro apresenta-se coberto de sujeira; faz muito tempo que não é lavado. Tem sido usado para fins alheios ao seu destino original. Nos últimos tempos ficou ao relento, servindo de vaso de flores. Embora a flor haja morrido, continua cheio de terra. Está opaco e feio ao clarão da luz.

Não somos todos iguais a um copo de cristal? Divergimos em tamanho e formato. Alguns irradiam um espírito especial, outros mostram-se sem brilho e pouco atraen-

tes. Alguns realizam o propósito de sua criação, outros não. Cada um de nós acumula dentro de si as experiências ou entulho de uma vida inteira.

Alguns contêm principalmente coisas boas — bons pensamentos, fé e serviço cristão. Estes têm sabedoria e paz. Outros encerram coisas negras e secretas. No decorrer do tempo acumularam maus pensamentos, egoísmo e indolência. Muitas vezes são dominados pela dúvida, oposição e intranquilidade.

Muitos sabem que não estão vivendo à altura de seu potencial, mas por vários motivos procrastinam mudar de vida. Outros almejam não sabem o que e passam a vida numa busca inútil da felicidade.

Estes, de certa forma, são como o copo de cristal que passou parte da existência cheio de terra. Sabem que há um propósito maior, passam a ficar insatisfeitos e começam a buscar esse sentido. Começam a busca fora de si próprios. Experimentam os prazeres do mundo e acabam descobrindo que chegando aonde estavam indo, não chegaram mais perto do objetivo almejado.

Finalmente, voltam os olhos para dentro de si. Na verdade, sabiam o tempo todo que era ali que encontrariam paz. O pecado não é apenas um estado de espírito. A iniquidade nunca foi e jamais será felicidade. (Ver Alma 41:10.) Descobrem que se não forem justos nunca serão felizes. (Ver 2 Néfi 2:13.) Resolvem mudar e enfrentam, então, falando em sentido figurado, o problema de como transformar o vaso coberto de sujeira em cintilante copo de cristal. Surgem as perguntas: Serei perdoado algum dia? Valerá o esforço? Por onde devo começar?

No caso do copo é fácil saber o

que fazer. Começamos achando um uso mais apropriado para o cristal e um local conveniente para jogar a sujeira. Lavamos o copo com todo esmero e um bom detergente a fim de remover as nódoas e resíduos. Depois de bem polido, volta ao seu lugar original entre as outras peças de cristal no guarda-louças. Torna a ser usado e cuidado regularmente.

Existe um processo semelhante para a purificação de homens e mulheres. Esquecendo o uso indevido que fizeram de sua vida, renovam-se e mudam. Este princípio, logicamente, é o arrependimento. Quando acompanhado do batismo autorizado, proporciona não só uma purificação inicial mas também a contínua remissão dos pecados. Participar desse processo purificador é provavelmente a coisa mais importante e emocionante que podemos fazer. Tem consequências de alcance eterno. As recompensas mais imediatas do arrependimento, porém, são paz de espírito e perdão na vida presente.

Gostaria de ilustrar isto tudo. Certa vez fui convidado a dirigir a palavra a um grupo de jovens. Não me lembro exatamente do que falei, exceto que lá pelo fim declarei que nenhum, nenhum mesmo dos presentes, havia feito alguma coisa da qual não pudesse ser perdoado.

Terminada a reunião, um dos jovens procurou-me dizendo: "Necesito de falar com o senhor." Como eu tinha outro compromisso, perguntei se poderia esperar ou conversar com outra pessoa. Replicou que já esperara tempo demais, e que era muito importante para ele.

Então, aproveitando os poucos minutos de que dispunha, entramos numa sala de aula vazia e fechamos a porta.

— O senhor estava falando a sério mesmo? — perguntou.

— Falando a sério o quê?

— Que nenhum de nós fez algo que não possa ser perdoado.

— Naturalmente que sim, — confirmei.

Contou-me sua história, chorando. Era de boa família. A vida inteira sua mãe repetira que ele iria para a missão. Antes dos dezenove anos cometeu uma transgressão grave. Não teve coragem de contar aos pais, sabendo que lhes partiria o coração. Sabia que não era digno de cumprir missão. Em seu desespero, começou a procurar uma saída. Decidiu fumar. Achava que o pai conseguiria entender isso melhor e não procuraria o verdadeiro motivo. Fumar não magoaria tanto os pais, raciocinava, como a verdade.

Entretanto, não demorou a descobrir que o bispo não se conformou com a coisa. Simplesmente mandou que largasse o fumo e saísse em missão. Para fugir do bispo, entrou no exército onde recebeu a influência de alguns bons companheiros SUD. Largou o fumo, resistiu às tentações maiores, cumpriu honrosamente seu tempo de serviço militar e voltou para casa.

Havia, contudo, um problema. Sentia-se culpado. Esquivara-se da missão. Esquivara-se do Senhor e sentia aquele persistente descontentamento dos homens que não cumprem o propósito de sua criação.

— Aí está, — concluiu. — Não voltei a pecar. Frequento as reuniões, guardo a Palavra de Sabedoria. Por que, então, a vida parece vazia? Por que sinto que de alguma forma o Senhor está descontente comigo? Como posso saber com certeza que fui perdoado?

— Diga-me o que sabe a respeito do arrependimento, — pedi.

Obviamente estivera lendo sobre o assunto. Falou de reconhecimento, remorso, reparação. Decidira nunca mais pecar.

— Vejamos como esses princípios se aplicam a você, — disse eu. — Começemos pelo reconhecimento. Qual é o melhor sinal de que alguém reconheceu que errou?

— Ele o admite.

— Perante quem? — perguntei.

— A si próprio, suponho, — respondeu pensativo.

— O homem, às vezes, tem uma imagem boa demais de si. Não seria melhor ele submeter-se à opinião de outra pessoa?

— Acho que sim.

— Quem seria essa pessoa? — insisti.

— Bem, a pessoa atingida, — respondeu, — e... e talvez o bispo.

— Já fez isto? — indaguei.

— Ainda não. Até agora não contei a ninguém além do senhor.

— Talvez seja por isso que não consegue sentir-se plenamente perdoado, — sugeri. Ele não disse nada.

— Vejamos o próximo passo. O que quer dizer remorso?

— Lamentar o erro.

— É o seu caso? — perguntei.

— Ó, sim. Sinto-me arrasado, — disse, com os olhos voltando a encher-se de lágrimas.

— Até que ponto você lamenta?

Olhou-me intrigado. — O que quer dizer com isso?

— Bem, para ser perdoado, o transgressor precisa sentir “tristeza segundo Deus”. (II Coríntios 7:10.) Precisa sentir a alma angustiada e lamentar sinceramente. Esse pesar tem de ser suficientemente profundo

e constante para motivar os processos adicionais do arrependimento, do contrário não basta. O remorso precisa ser bastante forte para modificar a pessoa. A pessoa precisa demonstrar que se modificou, fazendo coisas melhores que antes. Seu pesar tem sido suficiente? — voltei a perguntar. Ele hesitou.

— Eu mudei. Não sou mais o mesmo de antes. Guardo todos os mandamentos. Gostaria de compensar meus pais, de alguma forma. Tenho orado por perdão. Pedi perdão à pessoa ofendida. Dou-me conta da gravidade do que fiz. Talvez não tenha sido tão bom quanto deveria ser, mas não sei o que mais fazer. Mas não me confessei a ninguém.

— Penso que depois deste encontro, podemos dizer que você já o fez, — comentei.

— Mas como posso saber que o Senhor realmente me perdoou? — insisti.

— Isto é fácil. — respondi. — Quando se está plenamente arrependido, sente-se paz interior. A gente percebe que foi perdoado porque o fardo, que se vinha carregando há tanto tempo, de repente desaparece. Ele se *foi* e a gente *sabe disso*.

Ele parecia continuar duvidoso.

“Não me surpreenderia,” prossegui, “se ao sair desta sala descobrir que grande parte do fardo ficou aqui. Se está realmente arrependido, o alívio e a paz que sentirá serão tão grandes que testificarão a você que o Senhor o perdoou. Se não acontecer hoje, penso que não demorará.”

Eu já estava atrasado para minha reunião. Abri a porta e saímos sem saber se voltaríamos a nos encontrar. No domingo seguinte, à noite, recebi um telefonema desse moço.

— Irmão Howard, como é que o senhor sabia?

— Sabia o quê? — perguntei.

— Como é que sabia que eu me sentiria em paz comigo mesmo pela primeira vez em cinco anos?

— Porque o Senhor prometeu que não mais se lembraria, — repliquei. (Ver Hebreus 8:12.)

Então veio a pergunta: — O Senhor acha que a Igreja aceitaria um missionário de vinte e quatro anos? Se assim for, eu gostaria de sair em missão.

Bem, esse moço poderia ser comparado a um dos copos de que falamos. Andara pelo mundo e se enchera parcialmente com coisas impróprias. Não estava satisfeito. O pecado toldara sua visão e interferira em seu potencial. Jamais conseguiria ser o que deveria até encontrar o caminho do arrependimento. Levou tempo para mudar. Foram precisas muitas orações. Exigiu esforço e precisou de ajuda.

Meu jovem amigo descobriu que o arrependimento muitas vezes é uma luta solitária e silenciosa. Não acontece uma só vez na vida; pelo contrário, leva uma vida inteira. Conforme disse o Presidente Stephen L. Richards, “é um reconhecimento contínuo e repetido de fraquezas e erros, em busca de uma vida melhor e mais elevada”. (Conference Report, abril de 1956, p. 91.)

Esse jovem percebeu que o arrependimento não é um dom gratuito. Assim como a fé sem obras é morta (ver Tiago 2:17), o arrependimento é igualmente exigente. Não é para os pusilânimes ou indolentes. Requer afastamento total do erro e um conjunto de novas obras ou feitos que produzam um novo coração e um homem diferente. Arrependimento significa esforço. Não é simplesmente deixar de fazer alguma coisa. Não é simplesmente reconhe-

cer o erro ou saber o que fazer. Não é o “ciclo de pecar, arrepender-se e voltar a pecar”. (Hugh B. Brown, *Eternal Quest*, Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1965, p. 102.)

Não é mero remorso; antes, um princípio eterno que, devidamente aplicado durante tempo suficiente, sempre resulta em renovação, purificação e modificação.

O moço de quem falamos descobriu que quando o pecado é tão grave a ponto de colocar em perigo nossa condição de membro da Igreja, o pecador precisa estar disposto e submeter-se à jurisdição e julgamento da pessoa responsável por ele na Igreja, solicitando também seu perdão.

Acima de tudo, ele aprendeu que o arrependimento é a contraparte necessária do livre arbítrio, que dá ao homem liberdade de escolher o rumo de sua vida. O arrependimento significa que seres imperfeitos, que às vezes tomam decisões imperfeitas, podem corrigir seu rumo. Seguindo as regras do arrependimento e pela expiação de Jesus Cristo, os enganos deixam de contar. O Senhor concorda em não lembrar-se mais deles. (Ver Hebreus 8:12.) Devido ao maravilhoso dom do perdão, as transgressões são perdoadas — e esquecidas. O homem pode purificar-se e voltar ao caminho do propósito, progresso e paz.

Arrependendo-se, meu jovem amigo tornou-se uma nova pessoa. Nasceu de novo do Espírito. Veio a compreender sozinho, e isto é importante, o sentido das palavras do Salvador: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” (Mateus 11:28.) Isto eu testifico, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Encontrar a Própria Identidade



Bispo Victor L. Brown

Bispo presidente

“O reconhecimento do valor próprio só vem pelo conhecimento dos mandamentos e obediência aos mesmos.”

Recebi uma carta de um amigo, um jovem médico italiano que se está especializando em cirurgia torácica. Conheci-o em Milão há dois anos, poucos meses depois de haver-se filiado à Igreja. É um excelente moço, do tipo de que qualquer pai se orgulharia. Levava uma vida boa. Pensava não ter necessidades insatisfeitas — até encontrar o Evangelho de Jesus Cristo. Gostaria de citar de sua carta alguns pensamentos relacionados com o que sente a respeito de si próprio.

“Sem aqueles dois élderes, minha vida poderia ter sido feliz, repleta de satisfação, mas carente de todos os benefícios de amor, fé, verdade, conhecimento, liberdade, coisas vindas somente de Deus, nosso Pai Celestial, através de seu Filho, Jesus Cristo.

“Como filho de Deus, estou contente de viver na terra nesta época. Conhecedor do plano de salvação é das grandes bênçãos que posso rece-

ber sobre minha cabeça (ver Provérbios 10:6), estou tentando desincumbir-me da melhor forma possível dos encargos que nosso Pai me deu antes de me mandar para a terra.

“Estou transbordando de satisfação agora que meus pais se uniram à Igreja. Nossa vida mudou muito e estamos prontos a fazer o que nosso Pai Celeste quer que façamos.”

Esse jovem maravilhoso conseguiu agora reconhecer sua própria identidade, coisa que tanta gente, jovens e idosos, almeja. Encontrar sua própria e inerente identidade pode ser uma grande bênção na vida de todo ser humano. Não há quem não possa obtê-la, desde que reconheça que só se consegue pela luz da verdade ou, conforme explica o Salvador, a luz da vida. Em João 8:12 lemos: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarará em trevas, mas terá a luz da vida.”

Quando nos empenhamos em entender o que significa ter a luz da vida, o mais importante auxílio para encontrarmos nossa identidade, temos de necessariamente saber quem é Jesus. Pelas sagradas escrituras sabemos que ele é — o Filho de Deus, chamado de Unigênito do Pai na carne, nascido de Maria. Ele é o nosso Redentor através do qual se tornou possível o arrependimento e perdão do pecado. Foi ele quem, condenado a morrer, perdoou os algozes mesmo enquanto pendurado na cruz. É o mesmo que se levantou da tumba, rompendo as cadeias da morte para toda a humanidade, e instituiu a ressurreição. É o mesmo Jesus que dirige esta Igreja nos últimos dias, a Igreja que leva seu nome, mesmo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Através de ensinamentos diretos durante sua vida mortal e através de



instruções dadas aos profetas antigos e modernos, registradas nas sagradas escrituras, o Salvador deixou ensinamentos suficientes para que todo homem seja capaz de entender-se e encontrar sua verdadeira e própria identidade. Isto só se consegue pelo conhecimento dos mandamentos e obediência aos mesmos. Assim já não terão lugar em nossa vida pensamentos como: "Não valho nada — não sou ninguém." Por "verdadeira identidade" entendo a relação entre valor próprio e humildade, cuja busca é explicada assim num discurso de George T. Boyd:

"Ler as escrituras capacita (o homem) a ver a vida não só do ponto de vista humano, mas em parte do ponto de vista de Deus.

"Essa perspectiva satisfaz duas das mais importantes necessidades do homem — o senso do próprio valor e o senso de humildade. Nenhum dos dois se consegue sozinho. Mas como é fácil o senso do próprio valor transformar-se em intolerável egoísmo e convencimento — ou o senso de humildade tornar-se em mórbida autodepreciação.

"Nas escrituras o homem desco-

bre que pertence a um todo, do qual Deus faz parte. Pertencer a esse todo faz com que reconheça o valor de sua própria alma; porém, visto em relação a Deus, revela sua dependência e daí sua humildade. Assim, o uso piedoso das escrituras alimenta a vida espiritual com uma tranquilidade que dispersa as dúvidas e ansiedades que paralisam a humanidade." (*Views on Man and Religion*, Friends of George T. Boyd, 1979, p. 207.)

Em Salmos 9:4 faz-se a pergunta: "Quem é o homem mortal para que te lembres dele?"

Segue a resposta, bela e clara:

"Pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

"Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés." (Salmos 8:5-6.) Assim, devemos ter domínio sobre todas as outras criações de Deus. E nessa condição recebemos atributos que são exclusivos da raça humana. Entre eles:

1. Temos percepção de nossa própria personalidade e capacidade de buscar a auto-realização.

2. Temos capacidade de aumentar nosso conhecimento, de conhecer a natureza humana e das coisas que nos cercam.

3. Temos o poder do raciocínio abstrato, pelo qual podemos comparar fatos e determinar a relação entre eles e sua importância em nossa vida.

4. Temos a capacidade e o direito de escolher, um dos maiores dons de Deus para nós.

5. Temos uma vontade para dominar. Com isso podemos controlar pensamentos, emoções, apetites e paixões.

6. Temos o direito de adorar a Deus e dele buscar poder para cumprir nosso destino.

Com esta capacidade única e ênfase no valor das almas à vista de Deus, surge também a oportunidade de confusão. Vivemos num mundo materialista. Alguns ficam confusos e buscam sua identidade nas riquezas ou louvor dos homens. O Salvador deixa bem claro em seus ensinamentos que é impossível alcançar a identidade da qual falamos por esses meios. Em Lucas 18:18-25 vemos:

“E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?”

“Jesus lhe disse...”

“Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e a tua mãe.

“E disse ele: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade.

“E quando Jesus ouviu isto, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me.

“Mas, ouvindo ele isto, ficou muito triste, porque era muito rico.

“E vendo Jesus que ele ficara muito triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

“Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.”

O problema não era o homem ser rico, mas seu apego às riquezas, não querendo reparti-las com os pobres.

Lucas registra mais outro exemplo:

“E propôs-lhes uma parábola, dizendo: A herdade dum homem rico tinha produzido com abundância:

“E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos.

“E disse: Farei isto: derrubarei os meus celeiros e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens.

“E direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga.

“Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?”

“Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus.” (Lucas 12:16-21.)

Comparai estas histórias com o caso de um sacerdote de dezesseis anos que, um dia, atendendo o telefone, ouviu a voz de um conhecido locutor de uma emissora local fazendo-lhe uma pergunta. Ao dar a resposta certa, soube que ganhara um luxuoso carro esporte. Parecia a concretização do sonho de todo adolescente. O bispo ficou preocupado com o que aquele carro poderia fazer ao rapaz, pensando que poderia afastá-lo de tudo que lhe fora caro até então. Conversando com ele a respeito, mal conseguiu

acreditar quando o rapaz disse que não ia ficar com o carro, mas o trocava por um prêmio em dinheiro para custear a missão. Que extraordinário exemplo de atitude equilibrada para com a riqueza mundana e os valores cristãos.

Conheço outro moço que lutou muito para conseguir esse equilíbrio. Adquirira muita fama como atleta. Começara a nadar aos treze anos e costumava treinar até trinta horas por semana. Tornou-se campeão nacional e ganhou uma medalha de bronze nas Olimpíadas de 1968. Foi um astro dos esportes na faculdade por três anos. Depois prosseguiu estudando medicina, saindo-se muito bem.

Durante todo esse tempo privava-se de qualquer relacionamento espiritual, sentindo pouca simpatia pelas pessoas menos afortunadas ou talentosas do que ele. Lutava pelo verdadeiro senso de valor próprio. Em suas próprias palavras: "Dizia a mim mesmo: 'Você é campeão olímpico, tem boa cabeça, será um médico e terá uma boa vida.' Dizia isso a mim mesmo enquanto pensava em suicídio. Estava cheio de falso e vão orgulho."

Felizmente, no último ano da faculdade de medicina, foi viver algum tempo com um médico do interior, que compreendeu sua luta. Incentivado pelo mentor mais idoso, começou a ler as escrituras. A princípio, fazia-o com arrogância, confiante em sua capacidade intelectual de entender tudo o que lia, o que não aconteceu. Voltou a citá-lo: "Havia lido metade do Gênesis entendendo muito pouco, quando disse a mim mesmo: 'Deve haver capítulos mais fáceis de entender.' Passei a ler Números e verifiquei que entendia menos ainda."

Finalmente, começou a estudar com a atitude certa, querendo aprender e sentir. Paulatinamente, à medida que orava, estudava e orava mais um pouco, começou a dar-se conta de que era filho de um Pai Celestial amante, e como tal tinha um enorme potencial como pessoa. Aceitou o conselho do Salvador de edificar nossa vida sobre a rocha:

"Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha.

"E desceu a chuva e correram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

"E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e foi grande a sua queda." (Mateus 7:24-27.)

Meus irmãos e irmãs, tenho esperança de que possamos aceitar sempre o desafio do Salvador de nos firmarmos na rocha e não na areia, e de andarmos enquanto temos luz, "para que as trevas vos não apanhem; pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai.

"Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz." (João 12:35-36.)

Presto-vos testemunho de que só encontraremos nossa identidade individual e felicidade como filhos da luz, possuindo a luz da vida que encontramos, seguindo os ensinamentos de Jesus de Nazaré, pois foi ele quem disse: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas." (João 8:12.) Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Criador e Salvador



Elder Mark E. Petersen

do Quorum dos Doze Apóstolos

“Jesus é um Deus de luz e vida, não um símbolo de morte e dúvida. Ele vive e salvará todo aquele que estiver disposto a servi-lo.”

A primavera traz sempre a Páscoa, e a Páscoa nos faz pensar em Jesus Cristo, nosso Salvador.

Foi ele quem nasceu em Belém, o Filho de Deus, o Príncipe da Paz (Isaías 9:6), quem faz a promessa de boa vontade a toda a humanidade.

Foi ele quem nos deu o verdadeiro significado da Páscoa com sua gloriosa ressurreição, com a segurança de vida eterna. Pensai nisto! Vida eterna!

Quando nasceu, recebeu o nome de Jesus porque salvaria seu povo de seus pecados. Mas era igualmente Emanuel (Isaías 7:14), que significa “Deus é conosco”.

Que nome apropriado, pois era Deus e em verdade veio à terra para estar conosco. “Deus é conosco”! Isto era de fato. Era deidade antes de nascer na mortalidade e conservou sua identidade enquanto na terra. Ele continua sendo sempre o

Filho de Deus, nosso Redentor e Salvador.

Morreu na cruz em expiação dos pecados de todos os que estão dispostos a obedecer-lhe e quebrou as cadeias da morte a fim de que todos possam ressuscitar.

Sua expiação foi o mais importante acontecimento de todos os tempos. a criação desta terra, o estabelecimento das doze tribos de Israel e as obras dos grandes patriarcas e profetas — foram todos um prelúdio para seu grande feito no Calvário.

Nos tempos do Velho Testamento eram queimadas ofertas nos altares de Israel em antecipação simbólica do grande sacrifício daquele a quem chamavam de “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”. (Apocalipse 13:8.)

Como o Jeová da vida pré-mortal, Jesus foi a figura central no planejamento da existência mortal da raça humana.

Foi ele quem se ofereceu voluntariamente para morrer por nós. Foi ele quem deu toda a honra ao Pai Celeste. Foi ele quem se tornou o autor da salvação eterna “para todos os que lhe obedecem”. (Hebreus 5:9.)

Como diz o Apóstolo Pedro: “Em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos.” (Atos 4:12.)

Sua expiação exigiu muita preparação antecipada, mesmo antes de ele nascer na carne. Em primeiro lugar, era preciso uma terra onde nós, os filhos de Deus, pudéssemos viver durante a existência mortal.

Essa terra tinha que ser necessariamente de natureza física, pois seus habitantes seriam seres físicos, tal

como somos agora. Deveria ser também uma terra física para o Salvador poder viver sua vida mortal.

Sua existência na Palestina devia ser física, num corpo de carne e ossos semelhante ao nosso. Nesta terra ele suportaria o sofrimento físico da crucificação. Morreria fisicamente e depois — que coisa gloriosa — operaria a ressurreição física.

Portanto, uma terra física era essencial à sua missão. Nada havia de etéreo em sua obra aqui na terra. Nada seria realizado de alguma forma intangível ou mística.

Sua vida na terra foi real e física. Sua morte foi real e física, assim como sua ressurreição, acontecendo tudo neste planeta absolutamente real e físico. Isto demonstrou plenamente sua autêntica realidade como ser físico.

Quando se fizeram os planos para a expiação nos conselhos dos céus, parte desse planejamento girou em torno da criação desta terra em particular, pois exigiria um ato de divina arquitetura, seguido do processo de criação física.

Sem a terra, poderia Cristo ter nascido de Maria em Belém? Poderia morrer na cruz em Jerusalém? Ressuscitar do sepulcro?

Sem esta terra, haveria soldados romanos para pregarem-no na cruz e depois guardarem seu sepulcro?

Poderia ele ter-se manifestado fisicamente a seus discípulos como prova de sua ressurreição?

A "outra Maria" estaria no horto na manhã da primeira Páscoa (Mateus 28:1.) para ouvir o anjo dizer: *"Ele não está aqui, porque já ressuscitou"*? (Mateus 28:6.)

A criação especial desta terra era uma parte vital do plano de salvação. Teve um propósito determina-



do. Não foi uma decisão posterior. Tampouco foi um acidente em qualquer sentido, nem algum desenvolvimento espontâneo.

Foi o resultado de um planejamento prévio e deliberado, e da criação proposital. O Arquiteto Divino a projetou. O Criador Onipotente a fez e designou-lhe uma missão especial.

Esta terra não estava destinada a ser mera habitação de seres mortais. De forma alguma. Ela tem um destino maior que este. Esta terra não continuará sempre em sua atual condição; tornar-se-á imortal. Sofrerá um processo purificador que a transformará num corpo celestial, num Urim e Tumim no firmamento. (Ver D&C 130:9.) Isto exigirá outros atos de divina criação e, é lógico, o bom senso nos diz que nenhum acidente espontâneo poderia produzir tal mudança.

O Salvador residirá aqui quando a terra for celestializada, e seu Pai o visitará de tempos em tempos. Então será o lar eterno dos que alcançarem a glória celestial no reino de Deus.

Este é o destino final da terra. Este foi o propósito de Deus ao criá-la, pois assim o quis desde o começo.

Será que apreciamos o que esta

terra realmente significa para nós? Compreendemos por que foi criada? Entendemos seu propósito? Compreendemos que não houve nada de accidental ou espontâneo em sua origem? Vemos que sua criação foi literal e verdadeiramente, total e exclusivamente um ato de Deus?

E quem foi o Criador?

Nosso Pai Celeste declara que foi seu Filho Amado quem realizou essa imensa tarefa.

“Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez,” diz o Apóstolo João. (João 1:3.)

“Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele.

“E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.” (Colossenses 1:16-17.) Assim diz o Apóstolo Paulo.

O Onipotente afirmou-o quando disse a Moisés: “Criei mundos sem número, e também os criei para o meu próprio intento; e *por meio do Filho, que é o meu Unigênito, eu os criei.*” (Moisés 1:33; grifo nosso.)

O próprio Cristo ensinou ser o Criador, dizendo ao Profeta Joseph Smith: “Eis que eu sou Jesus Cristo... que criou os céus e a terra.” (D&C 14:9.)

Uma das mais tocantes e impressionantes revelações do Salvador está registrada no Livro de Éter, quando o Senhor se mostra ao irmão de Jared. Disse o Salvador ao irmão de Jared:

“Eis que sou aquele que foi preparado desde a fundação do mundo para redimir meu povo. Eis que sou Jesus Cristo...

“E nunca me mostrei a homem algum dos que criei, pois nunca hou-

ve um homem crente em mim como tu és. Vês que foste criado segundo minha própria imagem? Sim, todos os homens foram criados, no começo, à minha própria imagem.

“...este corpo que agora vês é o corpo do meu espírito; e *o homem foi por mim criado* segundo o corpo do meu espírito; e assim como te apareço em espírito, aparecerei a meu povo na carne.” (Éter 3:14-16; grifo nosso.)

Aqui a temos em suas próprias palavras! A gloriosa, irrefutável verdade! Cristo é o Criador! E não havemos de preferir suas palavras às teorias não inspiradas de homens?

Provavelmente o maior obstáculo para se crer em Cristo hoje em dia seja a negação cada vez mais difundida de sua condição de Criador, vinda de homens dispostos a substituir a verdade revelada pela teoria muito frágil e questionável da origem misteriosa, espontânea, accidental de todo o universo e forma de vida.

Negar que é o Criador é negar também que seja o Cristo.

Negar que é o Criador é negar que seja capaz de nos salvar dos pecados.

Negar que é o Criador é negar que quebrou as cadeias da morte. É rejeitar sua ressurreição.

Negar que é o Criador é negar que obrou a expiação no Calvário.

Negar que é o Criador é rejeitar seu evangelho e a verdadeira religião cristã.

Mas ele é o Criador! É o Redentor! É o Salvador do mundo! Obrou a expiação no Calvário e operou a ressurreição. Isto nós sabemos pela revelação de Deus! Seu evangelho é verdadeiro e nós o amamos, assim como amamos a ele e consideramos um privilégio servi-lo!

Poderá alguém querer definição mais clara e simples da criação e do propósito da vida que a dada nas escrituras? Temos até mesmo a palavra de nosso Pai Celeste. Ele testificou que Jesus Cristo é seu Filho amado, além de declarar que nele se compraz. (Ver Mateus 3:17.)

Não só afirma que Cristo criou os mundos como, após cada etapa da criação, não diz que está bem feito?

Quando as águas e o firmamento foram postos em seu lugar, “viu Deus que era bom”. Quando foi colocada vida na terra, “viu Deus que era bom”. E terminada a criação, “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que *era muito bom*”. (Ver Gênesis 1:30-31; grifo nosso.)

O Pai é um Deus de verdade e ele disse que o Salvador é “cheio de graça e verdade”. (Moisés 1:6.) Como então ousamos descrever dele ou rejeitar suas palavras? O Salvador realizou a obra de criação e o Pai se agradou do que fez! Então quem somos nós para não aceitá-lo e servi-lo?

O Pai externou repetidamente sua satisfação com o ministério do Filho. Não o disse no batismo de Cristo? “Este é meu Filho amado, *em quem me comprazo*.” (Mateus 3:17; grifo nosso.)

Não apresentou o Salvador aos nefitas com idênticas palavras? “Eis aqui meu Filho bem amado, *no qual me alegro*.” (3 Néfi 11:7; grifo nosso.)

E quando apareceu ao jovem Joseph Smith, não deu novo endosso ao seu Filho bem amado?

O testemunho de nosso Eterno Pai Celeste não basta para eliminar toda dúvida da mente humana? É ele quem declara que Jesus é seu Filho e que tudo que fez é bom.

Então, qual é nossa fé?

Que Deus é o nosso Pai Celestial e que através do evangelho podemos tornar-nos como ele é e viver com ele.

Que Jesus de Nazaré é seu Filho e nosso Salvador.

Que o Salvador foi de fato o Criador dos céus e da terra, e é o Modelo Divino pelo qual devemos pautar nossa vida.

Portanto, sigamo-lo e adoremo-lo em espírito e verdade. Ele nos faz um caloroso convite, dizendo: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

“Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:28-30.)

Quando ele nasceu, os anjos cantaram.

Quando morreu, os céus choraram.

Quando quebrou as cadeias da morte, havia anjos ali para saudá-lo, assim como Maria. Ela o conhecia e reconheceu-o como o Cristo.

Alguns, porém, duvidaram.

Seremos como Maria, crendo e aceitando-o? Ou nos juntaremos aos céticos e nos envolveremos no negrão da descrença?

Jesus é um Deus de luz e vida, não um símbolo de morte e dúvida. Ele vive e salvará todo aquele que estiver disposto a servi-lo. Ele é o nosso divino Redentor e nosso eterno Criador. É a ressurreição e a vida. Este é o nosso testemunho ao mundo.

Sim, hoje é a Páscoa, e para nós Páscoa significa Cristo — o Cristo ressurreto, o Filho de Deus, nosso Criador e nosso Redentor. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Auto-Suficiência Individual



Elder Boyd K. Packer

do Quorum dos Doze Apóstolos

“Não existe verdadeira liberdade sem responsabilidade, e nem liberdade permanente sem conhecimento da verdade.”

Tenho, para os pais, uma mensagem sobre a educação dos filhos. Recebi em meu gabinete um general de quatro estrelas e sua esposa, um esplêndido casal que admira a Igreja por causa do comportamento de sua juventude. A esposa do general falou dos filhos, dos quais se orgulha justificadamente. Mas externou profunda preocupação: “Diga-me, como conseguem controlar seus jovens e formar pessoas de caráter como temos visto em seus rapazes?”

Interessou-me sua aplicação da palavra “controle”. Respondi que a resposta se encontra nas doutrinas do evangelho. Como se mostraram interessados, falei brevemente a respeito da doutrina do arbítrio. Disse que desenvolvemos o *controle* ensinando *liberdade*. A princípio, provavelmente, acharam que partimos do ponto errado. Um general de quatro estrelas não pode deixar de ser um disciplinador. Mas quando se entende o evangelho, torna-se claro que

o melhor controle é o autocontrole.

Pode parecer estranho, a princípio, promover o *autocontrole* concentrando-se no *livre arbítrio*, mas é uma abordagem doutrinária absolutamente válida.

Embora os dois possam ser ensinados separadamente e à primeira vista pareçam ser opostos, na verdade são partes do mesmo assunto.

Aqueles que não compreendem o lado doutrinário não percebem de pronto a relação entre obediência e arbítrio, além de verem a obediência tão-somente como restrição. Então resistem justamente àquilo capaz de lhes proporcionar a genuína liberdade. Não existe verdadeira liberdade sem responsabilidade, e nem liberdade permanente sem conhecimento da verdade. Diz o Senhor: “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (João 8:31-32.)

O general entendeu imediatamente essa verdade que mesmo alguns da Igreja não percebem. Os santos dos últimos dias não são obedientes por serem compelidos a obedecer. Obedecem por conhecerem certas verdades espirituais e terem resolvido, como expressão de seu livre arbítrio individual, obedecer aos mandamentos de Deus.

Somos filhos e filhas de Deus, seguidores e discípulos voluntários do Senhor Jesus Cristo, “sob (cuja) chefia (somos) feitos livres”. (Moisés 5:8.)

Aqueles que falam de obediência cega talvez conheçam muita coisa, mas não entendem as doutrinas do evangelho. Existe uma obediência nascida do conhecimento e que transcende qualquer forma de controle externo. Não somos obedientes por

cegueira; somos obedientes por enxergar. O melhor controle, repito, é o autocontrole.

Assim, o general soube por que ensinamos aos nossos filhos as doutrinas do Evangelho de Jesus Cristo e por que eles passam a defender intransigentemente a liberdade individual.

A responsabilidade de ensinar as doutrinas cabe aos pais.

“A glória de Deus é inteligência ou, em outras palavras, luz e verdade. Luz e verdade renunciam ao ser perverso. . . (Eu) *vos* mandei que criásseis os *vossos filhos* em luz e verdade.” (D&C 93:36-27,40; grifo nosso.)

Se tudo o que *vossos filhos* sabem a respeito do evangelho é o que aprenderam em casa, até que ponto estão seguros? Rejeitarão o mal por vontade própria?

Enquanto fazia o serviço militar, visitei o antigo santuário de Nikko Kanko no Japão. Na fachada de um dos edifícios, estão esculpidos os três macacos, um tapando com as mãos os ouvidos, outro os olhos e o terceiro, a boca. Não ouvir o mal; não ver o mal; não falar mal! Isto é mais fácil de dizer do que fazer! Não é nada fácil promover o autocontrole quando o mundo ensina a indulgência.

Felizmente, os pais contam com uma ajuda substancial. Infelizmente, alguns deles não lhe dão valor.

Anos atrás, estive numa reunião de diplomação do seminário no Havaí, no qual estava sendo homenageado um simpático e jovem atleta havaiano. Abençoado com um corpo bem constituído, destacara-se em diversos esportes. E como costuma acontecer com atletas, era bastante conhecido dentro e fora da Igreja. Seus treinadores haviam

cuidado principalmente do desenvolvimento e coordenação de seus poderes físicos, com um pouco de atenção para as virtudes da determinação e coragem.

Dizia ele que não teve dificuldades em destacar-se no atletismo. Se treinasse e respeitasse as regras de treinamento, seus músculos correspondiam conforme esperava em termos de coordenação e controle.

A seguir falou do controle que não se adquire tão facilmente: “Achei mais fácil controlar a musculatura de meus braços e pernas que a da língua. Achei mais fácil controlar meus olhos no campo que nas ruas. Não é fácil controlar o que ouço. E, principalmente, não é fácil controlar meus pensamentos.” Então externou sua gratidão ao programa do seminário e prestou tributo aos professores deste. Foram eles os treinadores que lhe ensinaram controlar o pensamento.

Não leva muito tempo para que a capacidade de lançar uma bola, transpor um obstáculo ou levantar um peso perca sua importância na vida. A capacidade física diminui, enquanto que a força moral e espiritual pode aumentar à medida que aquela se esvai com a idade.

Se quereis que *vossos filhos* cresçam espiritualmente, ensinaí-lhes as doutrinas do evangelho.

Se quereis que *vosso filho* toque piano, convém que entre em contato com a música. Isto lhe dará o gosto pela música e ajudá-lo-á muito em seu aprendizado. Porém, isto não basta. Resta ainda estudar, memorizar e praticar, praticar, praticar antes que consiga tocar bem.

Se quereis que *vossa filha* aprenda outra língua, colocai-a entre pessoas que falem essa língua. Além

de aprender a gostar do idioma, talvez até aprenda uma porção de palavras. Mas só isto não basta. Ela precisa aprender a gramática e vocabulário. Precisa praticar a pronúncia e seguir uma rotina de estudo sem o que jamais falará ou escreverá dita língua fluentemente.

O mesmo se dá com o evangelho. Tão-somente apreciá-lo não basta. Chega uma hora em que é preciso *aprender* a doutrina seguindo a mesma rotina de estudar, praticar, memorizar, ler, ouvir, discutir — todos eles passos essenciais. Não existe um caminho mais fácil.

A Igreja pode ajudar os pais porque esse tipo de ensino se presta a ser dado em sala de aula. Por isso temos seminário, instituto, aulas de religião, além das aulas do sacerdócio, Escola Dominical e auxiliares. O currículo de todos eles está centralizado nas escrituras e história da Igreja. O desenvolvimento espiritual está intimamente ligado ao conhecimento das escrituras, nas quais se encontram as doutrinas.

Uma biblioteca escolar pode conter um mundo de conhecimento. Contudo, se o aluno não conhecer o sistema de catalogamento, a busca tornar-se-á cansativa, uma verdadeira provação. Esses sistemas não são difíceis de compreender e então todo o conhecimento contido em todos os livros fica ao seu alcance. A pesquisa torna-se facilíma, mas ainda assim é preciso fazê-la e ler os livros. É preciso *conquistar* o conhecimento.

O mesmo acontece com as escrituras. Elas contêm a plenitude do evangelho eterno, uma eternidade de conhecimento. Mas é preciso aprender a usá-las para que a pesquisa não se torne desconcertante. Novamente, existe um sistema. Aprender

a lidar com concordâncias, notas de rodapé, guia de assuntos; memorizar os livros da Bíblia e Livro de Mórmon. Então as escrituras desvendam seus tesouros. Isto tudo se ensina nas aulas do seminário e instituto; os professores de ambos são homens dignos e bem capacitados. Entretanto, nada podem fazer se os estudantes não se matriculam.

O progresso está sendo revolucionado; o computador mudou nosso futuro. Passamos da era industrial para a era da informática e as escolas estão tendo dificuldade em enfrentar o desafio. Os requisitos de graduação no segundo grau e ingresso no ensino superior estão mais rigorosos. Está-se reduzindo o número dos cursos facultativos que devem merecer uma cuidadosa escolha.

Sem orientação, vosso filho estudante talvez opte por outra matéria facultativa em lugar do seminário, ou outro curso em vez do instituto. Isto seria, sem dúvida, um erro. Seria como acrescentar mais um tijolo à casa do conhecimento sem a necessária argamassa para firmá-lo. Pais, incentivai e insisti mesmo que vossos filhos se inscrevam no seminário ou instituto. Presidentes, bispos, líderes dos jovens, todos vós tendes a responsabilidade de incentivar todo jovem, sem exceção, a neles inscrever-se. Poucas coisas serão tão benéficas para eles.

Estudantes, se vossos valores estão certos, não hesiteis em sacrificar um curso facultativo que talvez adorne vossa vida em troca da instrução capaz de cimentar seus alicerces. Depois de inscritos, sede assíduos, estudai — e aprendei. Convençei vossos amigos a fazer o mesmo. Jamais vos arrependereis de tê-lo feito — isto eu vos prometo.

Pais, vós deveis muito aos professores e eles merecem o vosso apoio. São muito raros os professores que não o merecem. Quando surge algum problema, é muito freqüente que os pais imediatamente tomem o partido do filho contra o professor. Baseados na experiência, nossos filhos aprenderam que desrespeitar um professor na escola ou na Igreja, significa problemas em casa. Neste ano, duzentos mil jovens estão inscritos no seminário e mais de cento e vinte mil nos institutos de religião, oferecidos em dezoito idiomas e sessenta e seis países. Os cursos são idênticos seja qual for o sistema — regular, matinal ou supervisionado do lar. Todos estão centralizados nas escrituras e ensinam a doutrina e história da Igreja.

Algumas classes são de fato muito humildes. Certa vez, o Presidente Kimball e eu participamos de uma aula do seminário no Dakota do Norte. Os alunos não se reuniram numa bela sala com quadro-negro, projetor e cadeiras confortáveis, mas num quarto de dormir minúsculo de uma casa minúscula. A professora, a Irmã Two Dogs (Dois Cães), sentou-se na beirada da cama enquanto que os alunos se acomodaram no chão. Mesmo assim era uma classe idêntica à reunida num belo prédio. O ingrediente mais importante, o Espírito do Senhor, estava ali presente. Por ocasião de uma formatura do seminário em Omaha, Nebraska, o jovem orador contou esta experiência:

“Todas as manhãs eu acordava com a meiga voz de mamãe me chamando: ‘John, John, é hora de arrumar-se para o seminário!’ O ano foi passando e as manhãs tornaram-se frias, chuvosas e escuras; mesmo

assim, a voz alegre de mamãe se fazia ouvir: ‘John, John, é hora de arrumar-se para o seminário!’” A seguir acrescentou: “Aprendi a odiar essas palavras!”

Mas depois, lutando contra as lágrimas, agradeceu o que a mãe fizera por ele. E penso que só mais tarde se deu conta de que ela teve de levantar-se primeiro que ele todas as manhãs.

As tentações que vossos filhos enfrentarão não virão em casa ou nas aulas do seminário, mas posteriormente quando estiverem longe dos pais e professores. Um dia tereis de dar-lhes a liberdade. E quando este dia chegar, até que ponto serão *livres* e até que ponto estarão *seguros*? Dependerá de quanta verdade aprenderam. Conheço um jovem missionário que teve de enfrentar a prova que se apresenta a todo moço, no outro lado do mundo, longe de seus pais e professores. Ali, longe do controle de ambos, ele tomou sua decisão, da qual dizia mais tarde: “Estou tão contente de ter ficado, pois neste último mês encontrei uma coisa — encontrei a mim mesmo!”

Sou grato a Deus pelos professores da Igreja, vós que escolhestes e fostes escolhidos para a melhor parte. Nas horas desanimadoras diante de alunos imaturos, desinteressados e às vezes insolentes, que possais ouvir também aquela voz suave e mansa de inspiração sussurrando: “Ensinai diligentemente e a minha graça vos atenderá.” (D&C 88:78.)

O Senhor foi um mestre, um professor. Presto-vos testemunho dele e oro que ele abençoe todos os que seguem seus passos ensinando o Evangelho de Jesus Cristo. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Ensino - Não Há Maior Chamado



Elder M. Russell Ballard
da Presidência do Primeiro
Quorum dos Setenta

*“Toda alma humana está a
cada minuto ensinando alguma
coisa a alguém aqui na
mortalidade.”*

Como diretor executivo do Departamento de Currículo da Igreja, fiquei abismado ao ver o esforço necessário para elaborar um único curso. Agora valorizo bem mais os materiais de ensino aprovados na Igreja.

Vou dar um exemplo. O atual suplemento do professor do curso *Doutrina do Evangelho*, elaborado para ajudar os professores a ensinarem o Novo Testamento, foi escrito por um comitê de fiéis e capacitados autores da Igreja, chamados e designados para esse serviço por uma autoridade geral. Eles começaram a trabalhar nos primeiros meses de 1980, depois da aprovação do esboço pela autoridade geral. Os membros do comitê gastaram milhares de horas pesquisando, redigindo e reunindo-se duas vezes por semana, quando o comitê inteiro examinava cuidadosamente e criticava cada lição, sugerindo modificações proveitosas. O trabalho do comitê de reda-

ção foi então revisto pelos diretores administrativos (Autoridades Gerais) do Departamento do Sacerdócio e Currículo, a presidência e junta geral da Escola Dominical, e Departamento Editorial da Igreja e de Correlação da Igreja. Antes de ser aprovado para uso na Escola Dominical, o referido livro de lições foi cuidadosamente examinado em diversos níveis. Todos os materiais didáticos da Igreja obedecem a esse mesmo processo de elaboração.

Os professores fariam bem em estudar cuidadosamente as escrituras e seus livros de lições antes de lançarem mão de materiais suplementares. Um número muito grande de professores parece afastar-se dos materiais curriculares aprovados por não os examinar devidamente. Se um professor sente necessidade de usar material suplementar além das escrituras e livro de lições na apresentação de uma aula, deve primeiro recorrer às revistas da Igreja.

Os professores podem pisar terreno seguro usando as obras-padrão, os livros de lições e escritos das Autoridades Gerais. Dizia o Élder Hyrum M. Smith: “Aprendemos mais em cinco minutos lendo as Sagradas Escrituras, mais dignas de serem retidas na memória, o que nos será proveitoso se for lembrado e obedecido, do que conseguimos lendo os melhores seis *best sellers* todos os meses do ano.” (*Conference Report*, outubro de 1917, p. 38.)

Acredito não existir na Igreja maior chamado que o de ser um bom professor. Ensinar proveitosamente pelo Espírito é capaz de suscitar na alma dos homens o desejo de viver melhor os princípios do Evangelho de Jesus Cristo.

Em cada cenário de ensino, seja numa noite familiar, sala de aula,

reunião sacramental ou conferência geral ou de estaca, o professor deve procurar criar nos ouvintes o desejo sincero de viver de forma a merecer a vida eterna com o Pai Celestial.

Com relação à necessidade de bom ensino na Igreja, recomenda o Presidente Kimball: "Por favor, tenham um particular interesse em fortalecer e aprimorar a qualidade do ensino na Igreja... Temo que muitas vezes, muitos de nossos membros vêm à Igreja, assistem a uma aula ou reunião e voltam para casa sem terem aprendido grande coisa... Todos nós precisamos de ser tocados e alimentados pelo Espírito, e o ensino eficiente é um dos mais importantes meios de consegui-lo." (ENSIGN, maio de 1981, p. 45.)

O Apóstolo Paulo dá grande prioridade aos professores na Igreja, colocando-os abaixo apenas dos apóstolos e profetas, quando diz: "E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores..." (I Coríntios 12:28.)

O Presidente Brigham Young usava esta história para ilustrar a influência potencial dos professores: "Um viajante de um país do Oriente, alcançou na estrada um senhor de idade que se dirigia para uma cidade, e perguntou-lhe:

— Quem é o chefe na cidadezinha? Quem é seu líder? Quem governa e controla esse lugarejo?

"O ancião replicou: — Eu sou o rei da cidade.

— É mesmo? — indaga o viajante.

— Sim senhor, sou o rei desse lugar e governo como rei.

— Como consegue isso? É rico?

— Não, sou pobre; mas na cidadezinha há muitas crianças e todas elas freqüentam a minha escola. Eu

governo as crianças, elas governam os pais e isso me torna rei." (*Journal of Discourses*, 9:39.)

Dizia o Presidente David O. McKay: "Nenhum homem pode ter maior responsabilidade do que ser professor dos filhos de Deus." (*Conference Report*, outubro de 1916, p. 57.)

Gostaria de pedir aos líderes do sacerdócio que, ao chamarem professores e escolherem quem vai lecionar nas estacas, alas e quoruns, o façam com cuidado e espírito de oração. Visitem ocasionalmente as salas de aula e se interessem sinceramente pela grande causa do ensino. Por favor, não deixem desassistido esse trabalho de suma importância.

O Senhor deu o exemplo mandando Paulo à casa de Ananias. O Senhor não o abandonou em sua recém-encontrada fé, mas providenciou que recebesse instrução específica a fim de tornar-se um poderoso mestre do evangelho e apóstolo.

Não deveria todo cenário de ensino dentro da Igreja ser um fórum de fé, onde o professor fortalece a espiritualidade e promove a fé na vida dos que ensina?

As instruções do Presidente J. Reuben Clark a um grupo de professores profissionais se aplicam igualmente a todos os professores da Igreja: "Vosso dever essencial e único é ensinar o Evangelho de Jesus Cristo... Deveis ensinar este evangelho usando como fontes e autoridade as obras-padrão da Igreja, e as palavras daqueles chamados por Deus para dirigir seu povo nos últimos dias. Não deveis... introduzir em vosso trabalho vossa filosofia particular, não importa de onde venha ou quão agradável ou racional vos possa parecer." ("The



Charted Course of the Church in Education”, discurso proferido na Escola de Verão da Universidade Brigham Young em Aspen Grove, Utah, 8 de agosto de 1938, p. 9.)

Jesus reprovou os saduceus por seus ensinamentos incorretos, dizendo: “Errais, não conhecendo as escrituras, nem o poder de Deus.” (Mateus 22:29.) O Senhor ressalta a necessidade de os professores se prepararem piedosamente, conforme lemos em Doutrina e Convênios: “E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e, se não receberdes o Espírito, não deveis ensinar.” (D&C 42:14.)

Dizia um dos grandes mestres em minha vida, o Presidente N. Eldon Tanner: “Em minha opinião, ninguém pode receber um chamado maior que o de professor em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. De alguma forma, todos somos professores, tenhamos sido chamados e designados como

tal ou não.” (“Teaching Children of God”, *Ensign*, 1980, p. 2.)

Sem dúvida, na Igreja não existe professor mais importante que os pais e mães. Nenhuma sala de aula é mais importante que o lar. Os pais receberam o mandamento de ensinar o evangelho aos filhos. (Ver D&C 68:25.)

Irmãos e irmãs, acredito que toda alma humana está a cada minuto ensinando alguma coisa a alguém aqui na mortalidade. Consideremos com grande reverência o encargo que o Senhor nos confiou de ensinar a doutrina do reino uns aos outros. (Ver D&C 88:77.)

Gostaria de incentivar cada membro da Igreja, quando estiver servindo como professor, a lembrar-se de que toda alma humana é preciosa aos olhos do Pai Celeste, pois somos todos filhos seus. Os filhos de Deus têm direito que se lhes ensine as verdades do evangelho em termos claros e compreensíveis, para que o Espírito possa confirmar-lhes sua veracidade.

Meu apelo aos professores da Igreja é que estudem, ponderem e orem por orientação ao se prepararem. Usem as escrituras e materiais didáticos aprovados, ensinando com o objetivo de abençoar e inspirar a vida dos que ensinam. Lembremo-nos também de que um trabalho de ativação muito eficaz é realizado pelos professores que estendem a mão aos inativos, amando e ensinando-os até que voltem a se integrar plenamente aos santos.

Ao mestre dos mestres, o Senhor Jesus Cristo, cuja ressurreição comemoramos nesta Páscoa, eu digo: Agradeço-te, ó Senhor, por nos ensinar que não há maior chamado que o de ser um bom professor. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Perdoar É Divino



Élder Theodore M. Burton
do Primeiro Quorum dos Setenta

“A pessoa com a atitude de não perdoar dificilmente poderá ser chamada de seguidora de Jesus Cristo.”

Gostaria hoje, de restringir meus comentários ao princípio do perdão no tocante à pessoa desassociada ou excomungada. Aplicando esse princípio, podemos socorrer os fracos, erguer as mãos que pendem e fortalecer os joelhos enfraquecidos. (Ver D&C 81:5.) Às vezes, a ação mais caridosa da Igreja é desassociar ou excomungar a pessoa. Isto pode parecer incongruente a alguém que não compreenda o verdadeiro caráter do arrependimento e perdão. E mesmo dentro da Igreja, os membros às vezes não sabem como tratar uma pessoa nessas condições.

Devo limitar meu relacionamento para proteger-me caso o pecado seja contagioso? Devo demonstrar desgosto por ela ter cometido uma transgressão tão séria, transferindo meu interesse e amizade para alguém mais? Devo fazer de conta que não houve nada ou interessar-me mais por ela, demonstrando meu amor e preocupação? São perguntas impor-



tantes que merecem uma resposta autêntica.

Eu me preocupo com isso porque qualquer ação tem sérias consequências, tanto para o transgressor como para seus conhecidos bem intencionados mas, às vezes, mal informados e que podem ser membros de boa reputação da Igreja. Estou ainda mais preocupado com a atitude das vítimas de transgressão — as pessoas prejudicadas pelos atos do transgressor.

Vejo, por exemplo, a conduta de meus próprios netos. Ocasionalmente eles se desentendem ou discutem entre si. Mas fico admirado e contente quando observo quão depressa a vítima de uma palavra dura ou ato ofensivo perdoa e esquece. Alegro-me que o ofensor seja logo recebido de volta no círculo de amor por seus irmãos. Pai e mãe ensinam o filho culpado a não repetir o erro. E assim a família cresce em afeição.

Se queremos ensinar a nossos filhos o princípio do perdão, precisamos começar por nós mesmos, dando bom exemplo aos filhos. Nós magoamos os familiares ou amigos quando somos egoístas ou agimos impensadamente. Mas se passamos a evitar magoá-los, é mais fácil sermos perdoados. O arrependimento é

uma mudança de conduta que atraia o perdão. Se pai e mãe se perdoam prontamente um ao outro e a seguir demonstram mais amor e consideração entre si, os filhos logo aprenderão a imitá-los. Arrependimento e perdão tornam-se a regra naquela família.

Se aprendemos a perdoar-nos mutuamente dentro da família, seremos capazes de perdoar mais prontamente na Igreja e comunidade. Como tantas outras coisas boas, o perdão começa no lar. Não devemos esquecer de ensinar aos filhos que mesmo quando outros falham quanto à bondade e consideração, devemos ser tardios em condenar e prontos no perdoar. Não precisamos ser tolerantes com o pecado, mas tolerantes e clementes com o pecador. Jesus Cristo deu a vida para nos reconciliar com Deus, para que através da sua expiação pudéssemos arrepender-nos e ser perdoados dos pecados.

Temos uma dívida imensa com o Salvador. Parte dessa dívida é a obrigação de perdoarmos uns aos outros.

Ao ensinar os nefitas, Jesus lhes disse: “Porque, se aos homens perdoardes as suas ofensas, vosso Pai Celestial também vos perdoará.

“Mas se aos homens não perdoardes as suas ofensas, tampouco vos perdoará vosso Pai as vossas.” (3 Néfi 13:14-15.) O perdão do Pai Celestial é tão completo e abrangente que o Senhor nem mesmo se lembrar de nossos pecados. Porém, existe uma condição para tal perdão:

“Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará.” (D&C 58:43.)

Ao implorar misericórdia, precisamos demonstrar misericórdia pelo

próximo. A injúria sofrida pode parecer-nos, no momento, muito grande. Entretanto, assim como o tempo cura as feridas do corpo, também cura as feridas da alma. Assim como usamos desinfetantes para apressar a cicatrização das feridas físicas, precisamos usar amor e compreensão para desinfetar as feridas da alma. Nós podemos esperar ser perdoados na mesma medida em que perdoamos os outros. Tudo faz parte do processo do arrependimento.

Meu encargo especial como autoridade geral, é auxiliar a Primeira Presidência a trazer de volta para a Igreja pessoas que hajam cometido pecados graves. Eu recebo, organizo e condenso as informações para que a Primeira Presidência possa tomar uma decisão. Sou obrigado a ler todo o material pertinente para assegurar que eles disponham de todas as informações necessárias. Lendo o profundo sofrimento nas cartas das pessoas que imploram perdão, comprovo a veracidade das palavras de Alma: “Eis que te digo que a iniquidade nunca foi felicidade.” (Alma 41:10.) Meu coração se entenece para com esses sofrendores no espírito de perdão. E em lugar de me ater à iniquidade e sofrimento dos que pecaram, regozijo-me ao ver quantos abandonaram seus costumes pe-



camposos, voltando ao caminho da retidão e felicidade. As pessoas podem mudar e realmente mudam.

Quando se desassocia ou excomunga alguém da Igreja, não é para punir mas para ajudar. A disciplina eclesiástica exige essa ação. Contudo, é bom lembrar que a palavra *disciplina* tem a mesma raiz que *discípulo*. Discípulo é um estudante ou seguidor — alguém que está aprendendo. A disciplina eclesiástica, pois, tem de ser um processo de ensino. Quando a pessoa é disciplinada, ela não deve ser expulsa e abandonada por seus companheiros. É precisamente nessa hora que ela precisa de maior demonstração de afeto, para ensinar-lhe e mostrar-lhe o caminho de volta a Deus. É iníquo rejeitar um filho de Deus só por ter cometido um erro. Precisamos ensinar-lhe a começar de novo, a mudar uma conduta errada em conduta certa, transformando sua vida. Pelo arrependimento através do serviço a outros, ele pode ser reintegrado na congregação ou lavado e purificado nas águas do batismo, voltando para a família de Deus.

Ensinar pessoas a vencer o pecado e mudar para uma vida melhor é a essência do serviço cristão.



Devemos fazer tudo ao nosso alcance para ajudar o pecador a emendar-se. Do contrário, conforme nos advertem as escrituras, teremos que arcar com os pecados dele. Nossa obrigação é ensinar e ajudá-lo; e a obrigação do pecador é escutar e aprender. Se se recusar terá de arcar sozinho com o fardo do pecado. Entretanto, independente de sua atitude atual, jamais devemos abandoná-lo ou pensar que é um caso perdido. Sempre existe esperança e nunca devemos deixar de tentar ajudá-lo a entender que pela expiação de Cristo podem ser perdoados não só os pecados da humanidade em geral, mas também seus pecados pessoais.

Uma coisa me preocupa muito ao ler cartas de pessoas que foram injuriadas. Preocupa-me o ressentimento e ódio que certas pessoas demonstram contra o cônjuge que as traiu ou maltratou. Ocasionalmente, uma esposa, por exemplo, pode tentar vingar-se do marido, cometendo o mesmo pecado. Mas tudo que consegue com esse ato trágico é destruir-se a si própria. Certas pessoas expressam tamanho ressentimento contra um ex-cônjuge, que escrevem que não há *nada* que ele possa fazer para remediar seu erro. Insistem que *jamais* conseguirão perdoar a dor e sofrimento que esse cônjuge lhes causou.

A pessoa com essa atitude de não perdoar dificilmente poderá ser chamada de seguidora de Jesus Cristo. Até mesmo pelos que foram iníquos a ponto de crucificá-lo, o Salvador pediu: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lucas 23:34.) Assim, quando Pedro indagou ao Senhor quantas vezes deveria perdoar uma pessoa, Jesus respondeu: “Não te digo que sete, mas até setenta vezes sete.” (Mateus 18:



Presidente Ezra Taft Benson, Presidente do Quórum dos Doze, e Elder Mark E. Petersen, membro do mesmo Quórum.

21-22.) As pessoas podem mudar e mudam; nosso dever é ajudar e perdoá-las.

Muitas pessoas sofrem problemas e dificuldades por sua atitude implacável. Por isso, Jesus Cristo revelou nos tempos modernos esta grande verdade:

‘Portanto, digo-vos que deveis vos perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior.’ (D&C 64:9.) Eu o interpreto assim: É pecado mais grave recusar-se a perdoar uma pessoa do que cometer o pecado pelo

qual essa pessoa foi desassociada ou excomungada. E o Senhor prossegue dizendo: “Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens.” (D&C 64:10.) Temos de estar dispostos a perdoar tanto aos outros como a nós próprios.

Ao lutarmos para alcançar a perfeição que Jesus Cristo nos oferece, demos ênfase ao perdão. Cultivemos esta faceta do nosso caráter e regozijemo-nos no espírito do perdão, a confortante mensagem da expiação. Oro que todos nós possamos cultivar esse espírito, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Profanidade e Blasfêmia



Élder Ted E. Brewerton
do Primeiro Quorum dos Setenta

*“Se não tivermos muito cuidado
com o que pensamos e falamos
nossas palavras se voltarão
contra nós.”*

Qual dos Dez Mandamentos do Senhor é violado com mais frequência? Acredito que seja tomar em vão o nome de Deus. (Êxodo 20:7.)

Falarei hoje do importante assunto da profanidade e blasfêmia.

De acordo com o dicionário de sinônimos, *profanidade*, *blasfêmia*, *praguejar*, *obscenidade*, *amaldiçoar* e *vulgaridade* têm todos a ver com linguagem grosseira ou suja. Profanidade e blasfêmia estão geralmente ligadas ao uso impróprio do nome da Deidade.

Dizia Sócrates a um jovem que lhe era apresentado: “Fale para que eu possa vê-lo.” (*Communication of Ideas*, p. 72.) Nós revelamos nosso eu pela linguagem. Recomendava Shakespeare na peça *Rei Lear*: “Emendai vosso falar para que não prejudique vossa fortuna.” (Ato I, cena 1, linha 96.) Se tivermos errado, lembremo-nos das palavras de Confúcio: “O homem que não cor-

rige o erro cometido está cometendo novo erro.” (*Vital Quotations*, sel. Emerson Roy West, Salt Lake City: Bookcraft, 1968, p. 228.)

Desejo ler-vos muitas palavras que o Senhor deu através de seus profetas no decorrer dos anos, a fim de que entendamos e pensemos como ele considera o uso de palavras impróprias.

“Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.” (Êxodo 20:7.)

“Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca.” (Col. 3:8.)

Já nos perguntamos alguma vez qual é o resultado ou prejuízo da blasfêmia? Jeremias expressa o que pensa a respeito assim:

“A terra chora por causa da maldição; os pastos do deserto se secam.” (Jeremias 23:10.)

O Presidente McKay é claro quanto à linguagem profana: “Nenhum pai que profana o nome da Deidade pode ensinar consistentemente fé em Cristo. É coisa que jamais se escuta num lar bem ordenado. Praguejar é um vício que denota má educação. Exclamações blasfemas afastam qualquer espírito de reverência.” (*Gospel Ideals*, Salt Lake City: Improvement Era, 1953, p. 420.)

Judith Martin, do *Washington Post* diz em sua coluna “Miss Manners”, publicada em mais setenta e cinco jornais, a respeito do linguajar grosseiro:

“Como se lida com uma pessoa grosseira? Polidamente. Não acredito em pagar grosseria com grosseria, seja quando e como for.

“Como se consegue? Com um sorriso ou olhar fixo. Não recomendo a resposta espirituosa ou mordaz.”

(*People Magazine*, agosto de 1982, p. 38.)

Com polidez se consegue muito mais do que pagando grosseria com grosseria. “Sê paciente nas aflições, não injuries aos que te injuriarem.” (D&C 31:9; grifo nosso.)

O Senhor, falando através de seus profetas, não deixa dúvidas. Declara o Profeta Joseph Fielding Smith: “Profanidade é sordidez. Pode-se conhecer uma pessoa tanto por sua linguagem como pelos companheiros com quem anda. . . Qualquer forma de sordidez é degradante e destrutiva para a alma, devendo ser evitada.” (*Doutrinas de Salvação*, 1:14.)

Se não tivermos muito cuidado com o que pensamos e falamos, nossas palavras se voltarão contra nós. A linguagem tem sua própria ética e aquele que comunica a verdade é como uma luz brilhante nas trevas. Precisamos cultivar a linguagem assim.

Como é interessante ouvir não-membros dizer o que sentem a respeito de linguagem imprópria. Aprecio muito o título e comentários de Bob Greene do *Field Newspaper Syndicate* falando a respeito da linguagem profana. Ele usou o título “*Ouvir Poluição*”.

“A linguagem obscena, cujo uso generalizado costumava ser a marca da classe social inferior, tornou-se aceitável nas conversas diárias das pessoas em geral.

“No entanto, isso me ofende — não por senso moral ou puritanismo — mas porque o linguajar sujo empregado casualmente em público aproxima-se da violação da privacidade. Sei que existem pessoas por aí que se sentem assaltadas ouvindo-o. Escolhi o termo com todo cuidado; certo linguajar é um assalto aos sentidos.

“Os que discordam de mim, estão provavelmente dizendo: ‘Afinal, são só palavras’. Mas as palavras são veículos que transmitem mensagens. E para algumas pessoas, a mensagem profana é uma mensagem feia e agressiva, e um desrespeito ao comportamento civilizado.

“Obscenidades de sanitários e sexuais ouvem-se agora em certas canções populares no rádio, e até mesmo alguns jornais e revistas começaram a usar uma linguagem que seria inconcebível uns cinco anos atrás. Esta prática costuma ser rotulada de ‘liberdade’. Mas, liberdade de quem? Se o linguajar impróprio se integrar de tal maneira em nossa sociedade que é impossível escapar-lhe, seja onde for, então quem é livre e quem não é?”

Esses assaltos aos sentidos, e as mensagens que transmitem, não elevam, mas rebaixam as pessoas.

Nesta Igreja como em qualquer de nossas famílias não há lugar para pessimismo ou negativismo. Devemos ser otimistas incuráveis.

Independente de suas condições, a pessoa cínica, pessimista ou negativa tem o menor progresso, felicidade e prosperidade. Por outro lado, o otimista com fé no Senhor, positivo, elevado e edificante, dentro e fora da Igreja, é que tem maior progresso, felicidade e prosperidade. Diz o Senhor:

“Portanto, em todas as tuas orações, em todas as tuas exortações e em todas as tuas ações, fortalece a teus irmãos.” (D&C 108:7.)

Nós devemos:

- iluminar
- edificar
- elevar
- motivar
- incentivar

em todas as nossas conversas e ações.



Agora, atentai para as palavras que vou ler a respeito de incentivar, elevar e edificar:

“Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem.” (Efésios 4:29.)

“Cessai de contender uns com os outros; cessai de falar mal uns dos outros.

“...em vossas palavras procurai edificar-vos uns aos outros.” (D&C 136:23-24.)

Na revista *Success Unlimited*, de dezembro de 1982, Dwight Chapin chama nossa atenção para um aspecto decisivo do criar somente emoções positivas:

“Toda vez que um negócio na indústria da prestação de serviços cria uma emoção negativa na mente de um freguês ou cliente, essa pessoa transmitirá sua insatisfação a uma média de dez outras pessoas antes que sua emoção se dissipe.

“A mesma pesquisa mostra que a pessoa satisfeita com um serviço, transmitirá essa emoção positiva a apenas três pessoas, na melhor das hipóteses. Diante disso, é óbvio por que as notícias negativas se espalham mais depressa e mais longe que as positivas.”

Isto nos dá mais um motivo para sermos edificantes e positivos. Palavras profanas *nunca* edificam.

Tem algum valor esta frase de autor desconhecido: “Voltarei, porque gosto mais de mim quando estou com você.”

Pedro e os companheiros do Salvador eram *melhores por causa* do Salvador. Ele os *edificava*, elevava e tratava como se fossem o que deveriam ser.

Os companheiros de Joseph Smith eram *melhores por causa* de Joseph Smith. Ele os *elevava e fortalecia*. Assim tem sido com todos os presidentes da Igreja — os homens são melhores por causa deles.

Os líderes da Igreja *não* gastam tempo desabonando pessoas ou instituições. Proclamam a sua verdade e permitem que outros externem o que pensam.

Os Irmãos da Primeira Presidência carregam sobre os ombros fardos e responsabilidades mais pesados que qualquer outro mortal — no entanto nunca estão deprimidos; todo aquele que entra no escritório deles sai de lá uma pessoa melhor.

O conselho do Senhor é muito claro: “Inclinai os ouvidos e ouvi a minha voz; atendei bem e ouvi o meu discurso.” (Isaías 28:23.)

Será que realmente *ouvimos* ao ler as escrituras? Realmente ouvimos sua voz, atentamos e fazemos a sua vontade? Há muitos que *de fato* ouvem e o seguem. Eis alguns bons

exemplos de como ouvir e seguir o conselho do Senhor:

Em 1974, havia somente uns oito ou dez brasileiros cumprindo missão. Então o Presidente Kimball pediu mais missionários. Em meados em 1979, havia mais de quinhentos missionários locais servindo no Brasil, e mais de setecentos no México.

Eles ouviram seu conselho, não é?

Quando eu era presidente de missão na América Central, anos atrás, dois dos élderes trouxeram ao meu escritório um monge beneditino. Este observara a *natureza edificante* da Igreja durante um estudo aprofundado que ele e mais outros monges haviam sido encarregados de fazer a respeito de duzentas e quarenta e três igrejas. Esse estudo fora ordenado pela Igreja Católica com boa intenção; queriam conhecer as semelhanças existentes nessas igrejas a fim de avaliar a possibilidade de maior união e fraternidade.

Após uma pesquisa de mais de cinco anos, eles chegaram a duas conclusões, pelo menos:

1. Havia apenas duas igrejas com elevados valores morais; uma delas, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

2. Havia apenas uma igreja que seguia *todos* os pronunciamentos proféticos antigos — em outras palavras, aceitava e seguia *todo* o Velho e Novo Testamento — os mórmons.

Esse monge aceitou o desafio de estudar o Livro de Mórmon e orar em busca da confirmação divina de sua veracidade. Com isso, acabou aceitando o Salvador e sendo batizado na Igreja. Atualmente é um ativo professor num quorum de sumo sacerdotes na América Central.

Pesquisando, ele percebeu a influência edificante e motivadora da Igreja, e atendeu à voz do Senhor.

Um senhor conceituado que há anos não visitava certa escola de segundo grau no norte de Utah, ficou escandalizado e abismado com a escalada da linguagem profana e suja que ouviu num programa esportivo.

Pais, estamos admirados de onde nossos familiares e filhos aprendem palavras obscenas, grosseiras e sujas? Certamente *nunca* em nossos lares, pois eles vêm logo abaixo do templo em santidade. São um refúgio edificante no qual ensinamos aos filhos o que o Senhor espera de nós.

O autodomínio é um atributo positivo que nos eleva acima da multidão; as memórias de uma pessoa que se domina serão sempre agradáveis. Jamais devemos rebaixar nosso padrão rebaixando nosso linguajar. Jamais devemos repetir um comentário torpe de outra pessoa. No livro *Ensino — Não Há Maior Chamado* lemos isto a respeito do autodomínio:

“O tamanho do sucesso de um homem é medido por seu autodomínio; a profundidade de seu fracasso, por seu descontrole. Não existe outra limitação em ambos os sentidos. E esta lei é a expressão da justiça eterna.

“Aquele que não consegue dominar a si próprio não terá domínio sobre outros; aquele que se domina, será rei.” (Conforme citação de Spencer W. Kimball, *Improvement Era*, junho de 1966, p. 525.)

Não deveríamos todos ter autodomínio sobre nossa língua e nossas palavras o tempo *todo*, a fim de só elevar e edificar?

Estamos na presença e sendo dirigidos por profetas vivos. Isto é uma verdade absoluta. O Senhor dirige pessoalmente esta sua única igreja viva e verdadeira, e disto eu testifico em nome de Jesus Cristo, o Mestre. Amém.

Conquistar Maior Espiritualidade



Elder Jacob de Jager
do Primeiro Quorum dos Setenta

Problemas como impaciência, criticismo, frieza, orgulho, ganância e frustração são obstáculos à nossa conquista de maior espiritualidade.

Estou muito satisfeito e grato pela oportunidade de falar aos santos neste local histórico e em outros lugares nos quais tenho estado, por designação, em recentes conferências — em Hurricane, Utah, e Wendell, Idaho, onde tenho muitos amigos. É de fato um privilégio poder compartilhar meu testemunho nesta tarde e transmitir-vos o que me vai no coração.

Desde os primórdios da história escrita, o homem se maravilha com os mistérios do firmamento e sente o desejo de escapar dos laços da gravidade.

No entanto, a primeira subida de balão não-tripulado de que se tem registro, foi realizada pelos irmãos Montgolfier em Lyon, França, no ano de 1783, seguida pouco mais tarde pelo primeiro vôo tripulado saído de Bois de Boulogne, em Paris.

Qual será a situação em 1983, dois séculos depois?

O homem chegou à lua e enviou espaçonaves a planetas distantes. Quase três mil satélites foram colocados em órbita a trinta e cinco mil quilômetros acima do equador, destinados a ampliar as comunicações de televisão e telex, como também para estudar e prever as condições meteorológicas. Ontem, nas sessões diurnas e na sessão do sacerdócio, à noite, podemos alcançar mais de meio milhão de portadores do sacerdócio via satélite.

Não nos esqueçamos, porém, que todas essas inovações têm sua origem nos vôos de balão, que deram à humanidade a primeira perspectiva aérea do seu planeta, além da elevação física e espiritual voando silenciosamente.

Experimentei, embora apenas uma vez, a emoção hilariante de um verdadeiro vôo de balão. Foi durante os tempos alegres logo após a II Guerra Mundial, quando na Holanda, minha terra natal, houve muitos festejos públicos para celebrar a nova liberdade após cinco anos de guerra. Havia enormes desfiles, festivais locais de dança e, em algumas cidades, vôos tripulados de balão destinados a atrair público para outras festividades.

Um amigo ensinou-me uma porção de coisas sobre vôos de balão, preparando-me para um vôo para o qual fora convidado sem data certa, para quando as condições de tempo fossem favoráveis.

Aprendi que subiríamos num balão da classe A cheio de gás de carvão, o qual ascenderia até seu peso estar em equilíbrio com a atmosfera.

Aprendi também que na barquinha de vime debaixo dele, levava instrumentos de navegação, mapas e lastro em forma de sacos de areia,



que poderiam ser esvaziados para fazê-lo subir mais.

Além disso, soube que quando se solta o gás do balão por meio de uma válvula, ele desce. Mas ainda não era tudo! Meu amigo contou-me muitas histórias divertidas sobre vôos anteriores. Certa ocasião, conforme consta, devido ao surgimento repentino de nuvens, os dois tripulantes na barquinha não faziam a mínima idéia de onde se encontravam. Decidiram descer um pouco e de repente viram um homem andando sozinho por uma solitária estradinha rural. Quando conseguiram chamar a atenção dele, um dos tripulantes gritou: "Onde estamos?" Então o caminhar solitário, colocando as mãos em concha na boca, berrou: "Num balão!"

Querendo transmitir sua urgente necessidade de orientação, o tripulante voltou a gritar: "Onde está você?" E o homem respondeu, gri-

tando a plenos pulmões: "Eu estou no chão!"

Desacorçoados, os tripulantes do balão descarregaram parte do lastro e voltaram para o meio das nuvens, enquanto um deles comentava: "Aquele tem de ser um burocrata." Suas respostas foram perfeitamente verdadeiras, mas absolutamente inúteis.

Depois do que vos contei até aqui, concluí ser possível traçar um paralelo entre a subida de um balão e *nossa* ascensão espiritual.

Assim como é preciso encher um balão de gás para fazê-lo subir, o indivíduo necessita estar repleto de motivação íntima para elevar-se. Assim como o balão sobe mais descarregando lastro, a pessoa precisa estar disposta a desfazer-se de coisas desnecessárias para elevar sua espiritualidade.

Naquele meu vôo de balão, estranhamente não tive a sensação de

estar subindo. Tive a impressão de estar como que estacionado enquanto o mundo se afastava silenciosamente de mim.

Mais tarde, quando me uni à Igreja através da obra missionária, obtive a sensação tranqüila de encontrar-me no ambiente seguro da verdadeira vivência do evangelho e de que a Babilônia é que se afastava de mim. Como dizia um dos primeiros tripulantes de balão europeu: "Senti como se deixasse para trás todos os cuidados e paixões que molestem a humanidade."

Testifico que todos nós podemos sentir essa paz mental desde que nos disponhamos a largar o lastro que nos impede de subir a novas alturas espirituais. Isto facilitará nossa ascensão ao amoroso Pai Celeste que, no devido tempo, aguardará nossa volta após a jornada por esta vida.

Livremo-nos, portanto, do nosso lastro de impaciência e aprendamos a ser mais pacientes com nosso cônjuge, filhos, amigos e vizinhos, pois o Senhor nos aconselha: "...continuei com paciência até que sejais aperfeiçoados"! (D&C 67:13.)

E àqueles que ainda não conhecem o significado real da palavra *paciência*, ofereço esta definição simples: Paciência é aprender a ocultar nossa impaciência.

E quantos de nós continuamos pela vida afora, carregando o lastro chamado criticismo? Em lugar de criticar, deveríamos elogiar mais sempre que possível, pois nos foi dito inúmeras vezes: "Cessai de achar falta uns nos outros." (D&C 88:124.) E lembremo-nos também de que as falhas e imperfeições que vemos nos membros de nossa ala ou ramo são muito menos importantes para nós que a menor de nossas falhas.

Além disso, será que ainda carregamos conosco o saco de areia de frieza, apesar de o Salvador nos recomendar que sejamos gentis e amorosos? Diz ele: "Vós sois os que o Pai me deu; sois meus amigos." (D&C 84:63.)

Durante nosso vôo espiritual, livremo-nos completamente do nosso lastro de orgulho e sejamos mais humildes em todas as coisas, lembrando-nos sempre da gloriosa promessa do Salvador a todos: "E sendo que vos tendes humilhado diante de mim, as bênçãos do reino são vossas. (D&C 61:37.)

E será que conseguiremos subir no nosso balão espiritual se não estivermos preparados para jogar fora nosso lastro de ganância? Os profetas vivos vêm-nos recomendando que paguemos honestamente o dízimo e sejamos generosos nas ofertas de jejum; além do mais, as escrituras revelam de forma muito franca: "Ai de vós... que não dais dos vossos bens aos pobres." (D&C 56:16.) Infelizmente, certas pessoas se julgam generosas dando tantos conselhos!

Finalmente, precisamos livrar-nos do pesado lastro da frustração, que todos nós descobriremos na barquinha de nosso balão espiritual — frustrações contra as quais devemos estar sempre em guarda, porque nos foi revelado e nesta conferência já foi mencionado duas vezes: "As obras, os desígnios e os propósitos de Deus não podem ser frustrados, nem podem fracassar... lembra-te de que não é a obra de Deus que se frustra, mas a dos homens." (D&C 3:1,3.)

A única maneira de elevar-nos de nosso atual nível de espiritualidade para outro mais alto é livrar-nos do

lastro que no-lo impede. Temos de aprender a viver os mandamentos, não apenas para o nosso próprio bem, mas também para o bem alheio, pois guardando os mandamentos de Deus e vivendo os ensinamentos da Igreja, estaremos reformando inconscientemente outras pessoas. Esta é outra maneira de fazer a obra missionária e elevar a espiritualidade daqueles que nos cercam.

Portanto, iniciemos hoje o vôo. Se ainda estivermos no chão, cortemos as amarras e comecemos a subir imediatamente! Todavia, mesmo isso não garantirá uma ascensão espiritual contínua. Nosso balão subirá somente até certa altura.

Então precisamos investigar de qual lastro nos precisamos livrar a fim de retomar a subida. Se tendes dificuldade em cortar as amarras, achareis bem mais duro ainda livrar-vos dos sacos de lastro diminuindo vossa carga.

A subida de nosso balão espiri-



tual é uma aventura nem sempre fácil, às vezes bastante árdua mesmo; somente a pessoa verdadeiramente perseverante chegará à esfera mais elevada!

Concluindo, depois de falar de voar, planar e subir, gostaria de dar-vos algumas diretrizes práticas.

Àqueles que me ouvem hoje e que já se encontram na barquinha de vime do seu balão espiritual pelo batismo no reino de Deus, mas que continuam simplesmente sentados esperando calmamente que as coisas aconteçam, digo que cortem as amarras que os impedem de partir.

Aos que continuam tranqüilamente voando na mesma altura sem se importarem em subir um pouco mais, recomendo que examinem o lastro que os impede de ascender, e tomem a decisão de livrar-se do peso que restringe seu vôo espiritual.

Prometo-vos solenemente que se assim fizerdes, sentireis a euforia espiritual de estar elevando-vos.

Testifico-vos — como alguém que se batizou no reino de Deus em Toronto, Canadá, há vinte e três anos — que meu vôo desde o batismo tem sido magnífico, desvendando-me cenas e paisagens espirituais indescritíveis e com o conhecimento seguro de que o plano de vôo diário é colocado à minha disposição por um Pai Celestial amoroso e clemente.

O mesmo se aplica a todos nós! Como sei disso? Porque sei de todo meu coração que Deus vive e que Jesus é o Cristo, o Salvador da humanidade, o grande Mediador da salvação e exaltação de todos os filhos do Pai Celeste, desde que queiram seguir seu plano de vôo traçado. Isto eu testifico hoje com gratidão e alegria, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Instrui ao Menino



Elder L. Tom Perry

do Quorum dos Doze Apóstolos

*“O maior atributo íntimo
que se pode instilar numa criança
é a fé em Deus; o ato mais
importante que uma criança
pode aprender é obedecer; o mais
poderoso instrumento que se
tem para ensinar uma criança
é o amor.”*

“Instrui ao menino no caminho em que deve andar”, diz o autor de Provérbios, “e até quando envelhecer não se desviará dele.” (Provérbios 22:6.)

Lembrei-me desta admoestação recentemente ao ler um artigo sobre a infância abandonada. Dizia o artigo que a maioria dessas crianças “anda bem vestida e é bem alimentada, mas falta alguma coisa na vida de inúmeras crianças”. Muitas delas “precisam de mais atenção dos pais”, que se encontram submersos nas pressões do dia-a-dia. Diz o tal artigo:

“Numa nação que professa orgulhar-se de seus jovens... as mudanças sociais estão infligindo danos — físicos e psicológicos — a milhões de crianças. Para estas, criar-se na América está-se tornando uma provação em vez de alegria.

“Enquanto os pais andam às voltas com divórcio, ausência de um dos cônjuges e dois empregos, além de uma economia problemática, um grande número das mais de quarenta e sete milhões de crianças com menos de quatorze anos pagam o preço que vai da simples negligência ao inequívoco abuso...”

“Os pais vêem-se esmagados pelos valores conflitantes,” ressalta o artigo, citando Edward Weaver. “Valorizam as crianças, mas dão valor também a outras coisas, como tempo para si mesmos, bens materiais, condição social e profissão. Por causa desses conflitos, às vezes negligenciam as crianças ou não lhes dão um justo quinhão.” (*U.S. News & World Report*, 9 de agosto de 1982, p. 54.)

Viajando pelo exterior, vejo esses mesmos problemas avolumando-se por toda a parte. São um sinal de perigo para nossos filhos. Vemos mais mães com empregos, mais lares com um só cônjuge e um aumento enorme de filhos nascidos fora do casamento. Essas crescentes mudanças sociais causam cada vez maiores dificuldades às crianças em nossa sociedade de hoje.

Artigos como o que acabei de citar preocupam-me profundamente, pois tive uma infância tão gostosa, feliz. O prazer de ser pai foi sempre uma coisa especial para mim. Impossível descrever o amor que tenho aos meus filhos e netos.

Maravilha-me o milagre do nascimento de uma criança. Ainda recentemente tivemos essa experiência em nossa família. Chama o telefone e lá está a voz ansiosa do genro comunicando: “Estou saindo para o hospital com Linda Gay.” Fica-se então sentado ansioso o dia inteiro, à espera de notícias. Finalmente chega, é

um menino! A gente larga tudo e sai correndo para o hospital. E lá se encontra o bendito milagre — sua própria filha, agora aconchegando nos braços cálidos e amorosos um novo ser; e um genro profundamente emocionado, afirmando que o bebê tem o nariz da mãe. Talvez a boca e o queixo lembrem o dele. Depois, examinando as mãozinhas, diz: “Sem dúvida, estas vêm da família Perry. Olhe só o tamanho delas!”

Um amor profundo jorra dentro da gente ao testemunhar tão bendito acontecimento, dando-nos conta da alegria e felicidade que esses novos pais sentirão ao se repetir esse processo em sua vida.

Não sou certamente uma autoridade em criação de crianças. Enfrentei desafios exatamente como muitos outros pais. Entretanto, depois de haver lido o mencionado artigo, fui

encaminhado para as palavras dos profetas, passados e presentes, ressaltando a importância da responsabilidade dos pais de educarem os filhos.

No Velho Testamento, o Senhor dá instruções a Moisés pouco antes de entregar-lhe os Dez Mandamentos e que dizem:

“O Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade;

“Que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade e a transgressão, e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até a terceira e quarta geração.” (Êxodo 34:6-7.)

Em o Novo Testamento, Paulo, escrevendo aos efésios, recomenda-lhes:



Presidente Gordon B. Hinckley, à esquerda, ajuda, sorridente, ao Presidente Ezra Taft Benson, Presidente do Quórum dos Doze.

“E vós pais, não provoqueis a ira a vossos filhos; mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.” (Efésios 6:4.)

O Livro de Mórmon começa com um filho reconhecendo a boa educação recebida dos pais:

“Eu, Néfi, tendo nascido de boa família, fui, portanto, instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai.” (1 Néfi 1:1.)

As instruções aos membros da Igreja de hoje, através do Profeta Joseph Smith, são explícitas quanto às responsabilidades dos pais para com os filhos:

“E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.” (D&C 68:25.)

Quando vim a ser pai, presidia a Igreja o Presidente David O. McKay, cujo conselho com respeito à nossa responsabilidade para com os filhos era claro e direto. Ensinava-nos que a dádiva mais preciosa que um homem e uma mulher podem receber é ter um filho de Deus, e que educar uma criança é básica, fundamental e exclusivamente um processo *espiritual*.

Ele nos dirigia para os princípios básicos necessários para ensinar uma criança. O maior atributo íntimo que se pode instilar numa criança é a *fé em Deus*; o ato mais importante que uma criança pode aprender é *obedecer*; o mais poderoso instrumento que se tem para ensinar uma criança é o *amor*. (Vide *Instructor*, vol. 84, dezembro de 1949, p. 620.)

Examinemos juntos estes três princípios básicos. O Presidente Brigham Young instruía os pais dizendo:

“Se cada um de nós que for pai refletir sobre a responsabilidade que nos cabe, chegaremos à conclusão de que jamais devemos fazer nada que não estejamos dispostos a ver nossos filhos fazerem. Devemos dar-lhes o exemplo que gostaríamos de vê-los imitar.” (*Journal of Discourses*, 14:192.)

Se quisermos instilar fé em nossos filhos, eles precisam ver demonstrações da nossa vida quando jovens. Precisam ver-nos de joelhos diariamente, rogando ao Senhor suas bênçãos e externando-lhe nossa gratidão. Precisam ver-nos utilizando nosso sacerdócio ao administrar aos necessitados e abençoar nossos filhos. Precisam ver-nos adorar reverentemente nas reuniões sacramentais. Precisam ver-nos dedicar alegremente e de boa vontade nosso tempo e talentos à edificação do reino do Senhor aqui na terra. Precisam ver-nos provar nossa fé, pagando o dízimo e ofertas a Deus. Precisam ver-nos estudando diligentemente e debatendo as escrituras a fim de aumentar nossa fé e discernimento.

Recentemente, li um artigo destinado especificamente aos santos dos últimos dias, a respeito de um estudo sobre os benefícios da leitura para crianças. Dizia que quando um pai ou mãe lê consistentemente para os filhos, estes entram na escola com capacidade bem maior e se destacam na leitura nos primeiros anos. Se existe correlação entre a instrução recebida dos pais nos primeiros anos de vida e a rapidez com que a criança aprende, quão importante não é lermos para nossos filhos o Evangelho de Jesus Cristo, a fim de imbuir

e instilar-lhes desde cedo fé no Evangelho de nosso Senhor e Salvador?

O segundo princípio indicado pelo Presidente McKay é a *obediência*. Diz o Presidente Joseph Fielding Smith: "Naturalmente, deve haver oração, fé, amor e obediência a Deus no lar. É dever dos pais ensinar estes princípios salvadores do Evangelho de Jesus Cristo aos filhos, para que saibam por que são batizados e lhes seja incutido no coração o desejo de continuar guardando os mandamentos de Deus depois de serem batizados, a fim de que possam retornar à sua presença. Meus bons irmãos e irmãs, quereis vossa família, vossos filhos; quereis ser selados a vossos pais e vossas mães que vos precederam? . . . Se assim for, tereis de começar a ensiná-los desde o berço. Deveis ensinar pelo exemplo bem como por preceito." (Conference Report, outubro de 1948, p. 153.)

Lembro-me de quando, certa vez, fiquei impressionado com a necessidade de ensinar obediência. Trabalhava então longas horas num novo emprego e suponho que estava negligenciando um pouco minha família. Meu filho parecia ter fome de mais tempo e atenção, procurando por todos os meios fazer-se notar. Um dia, chegando em casa, sua mãe fê-lo levar-me ao subsolo para mostrar sua mais recente façanha. Depois de descermos a escada, conduziu-me envergonhado para a despensa, onde vi que usara os mantimentos estocados para praticar tiro ao alvo. Ele sem dúvida conseguiu minha atenção e fez-me compreender que procurava os limites e regras que deveria respeitar em nosso governo familiar. Uma vez estabelecidos estes e depois que passei a dar-lhe a devida atenção, ele foi muito obediente. Como

é importante que ensinemos obediência desde cedo aos nossos filhos, particularmente os mandamentos do Senhor!

Finalmente, o Presidente McKay ensinava-nos a necessidade do *amor*. Sempre me impressionou o fato de que, ao ensinar seus discípulos nas horas finais do seu ministério terreno, quando reunidos para a Última Ceia, depois de ensiná-los a servir lavando-lhes os pés, logo em seguida o Senhor deu instruções quanto ao amor.

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis." (João 13:34.)

Apreciei muito um recente artigo nas *Seleções do Reader's Digest* a respeito dos valores permanentes. Dizia que "o clima de nossos tempos tende a apoiar a idéia de que o amor é uma ventania periódica. Chega soprando com toda força, depois passa. Isto é lamentável, pois a criança necessita do tipo de amor em que pode confiar como no nascer do sol. Se a criança deve tornar-se um legítimo participante da raça humana, precisa saber como manter vivo o amor.

"A criança deveria aprender não somente a amar, mas ser uma pessoa amorosa para fazer do amor sua postura no mundo. O 'amor' talvez nasça e morra, mas a pessoa amorosa, como o próprio sol, jamais perderá seu calor." (*Reader's Digest*, junho de 1981, p. 164.)

Lembro de haver lido, tempos atrás, a respeito de uma experiência com galinhas. Não me lembro onde. As franguinhas recebiam todo alimento de que precisavam sem esforço algum de sua parte. Depois,

quando adultas, eram soltas no galinheiro onde deviam procurar o alimento ciscando. A galinha que nunca aprendeu a ciscar quando nova, acabava literalmente morrendo de fome, mesmo que logo abaixo da superfície do chão houvesse todo alimento de que precisava.

O artigo então comparava o exemplo com uma criança à qual não se ensinara a amar quando pequena. Provavelmente, segundo o artigo, ela não seria capaz de desenvolver esse atributo desejável quando fosse adulta. Que tragédia se uma criança fosse privada da capacidade de amar!

Hoje, gostaria que parásseis, ponderásseis e pensásseis no valor da alma imortal, particularmente daquela confiada a vós. Onde estão vossas prioridades? Estais dispostos a gastar o tempo suficiente para educar vossos filhos?

Na reunião anual do Conselho Nacional de Relações Familiares, o Dr. Nick Stinnett, da Universidade de Nebraska, fez uma interessante palestra intitulada: Características das Famílias Fortes. Nela ressaltava seis pontos:

1. A família forte passa bastante tempo junta brincando, trabalhando, comendo ou divertindo-se. Embora todos os membros tenham outros interesses, encontram tempo para conviver.

2. Na família forte todos os membros são bastante dedicados entre si, conforme mostra não só o tempo que passam juntos, como também a capacidade de trabalharem para uma causa comum.

3. Na família forte existe um bom padrão de comunicação, conforme indica o tempo gasto em ouvir e conversar um com o outro.



4. Na família forte existe alto grau de orientação religiosa.

5. A família forte tem capacidade de enfrentar crises de maneira positiva por costumar conviver, ter dedicação um para com o outro e saber comunicar-se.

6. Os membros da família forte costumam elogiar-se freqüentemente de maneira sincera e não superficial." (Ver "In Search of Strong Families", *Building Family Strengths: Blueprints for Action*, ed. Nick Stinnett, et al., 1979, pp. 23-30.)

Nós, que abraçamos o Evangelho de Jesus Cristo, devemos ter a devoção e a determinação necessárias para formar fortes unidades familiares. Que Deus nos abençoe para que sejamos capazes de "organizar e preparar todas as coisas necessárias, e estabelecer uma casa" (D&C 109:8) para os que amamos, digna de ser uma unidade familiar eterna, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



*Aspectos Gerais
da 153.^a conferên-
da*

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS
DIAS

“Não Tenhais Receio de Praticar o Bem”



Presidente Gordon B. Hinckley

Segundo conselheiro
na Primeira Presidência

*“Somos aconselhados a ler
um capítulo por dia dos
Evangelhos — Mateus, Marcos,
Lucas, João — e de 3 Néfi
no Livro de Mórmon.”*

Meus irmãos e irmãs, usualmente o Presidente Spencer W. Kimball estaria ocupando meu lugar. Soube que muitos de vós estais seriamente desapontados por não poder vê-lo e ouvi-lo falar nesta oportunidade. Conforme disse ontem de manhã, ele está sofrendo as consequências da idade avançada e vida rigorosa que levou. Entretanto, levanta-se da cama todos os dias e se veste, e nós o consultamos frequentemente. Na ausência do Presidente Kimball, quem deveria estar aqui é o Presidente Romney. Mas ele também está ausente. E como observou o Presidente Romney na reunião do sacerdócio de outubro passado: “Parece que ficou a cargo dos garotos.”

Agora estais prestes a voltar para casa. Muitos de vós estareis voltando para vários países da Europa, África e muitas nações da América do Sul. Outros retornarão para a Austrália,

Nova Zelândia e ilhas do Pacífico, para o México e América Central, e para países da Ásia. Outros voltarão para seus lares no Canadá e espalhados pelos Estados Unidos. O milagre desta obra derramando-se pela terra está sempre presente em mim. Tive ocasião aqui de expor o testemunho de Joseph Smith concernente às palavras ditas a ele quando contava dezessete anos de idade. Conta ele a respeito da visita de Moroni durante a noite: “Ele (Moroni) me chamou pelo nome e me disse que era um mensageiro enviado da presença de Deus e que se chamava Moroni; que Deus tinha uma obra a ser feita por mim; e que meu nome seria conhecido por bem ou por mal entre todas as nações, famílias e línguas, ou que seria citado por bem ou por mal, entre todos os povos.” Joseph Smith 2:33.)

Vemos nesta congregação, hoje, o cumprimento destas extraordinárias palavras proféticas. Esta tornou-se uma grande igreja, cosmopolita. Regozijamo-nos com o enorme progresso da obra pelo mundo afora. Somos gratos por vossa grande fé e fidelidade. Todos nos consideramos irmãos e irmãs, independente do país que temos por pátria. Pertencemos ao que poderíamos chamar de maior sociedade de amigos da face da terra.

Quando o imperador do Japão esteve nos Estados Unidos anos atrás, participei de um almoço oferecido a ele em San Francisco, no qual estivemos sentados numa mesa com três outros casais que tinham grande vivência no Japão, onde moraram temporariamente a serviço do governo, negócios ou educação. Um desses senhores comentou: “Jamais vi alguma coisa parecida com seu povo. Enquanto vivemos no Japão

apareciam por lá grande número de americanos, muitos dos quais enfrentaram sérios problemas de adaptação cultural, além de solidão e saudades. Mas sempre que chegava uma família mórmon, imediatamente tinha um monte de amigos. Os membros de sua Igreja no Japão pareciam saber sempre quando eram esperados e onde recebê-los. A família inteira sentia-se imediatamente integrada não só na comunidade religiosa como também socialmente. Parecia não haver nenhum choque cultural nem solidão. Minha esposa e eu conversamos a respeito muitas vezes.”

É assim que deve ser. Precisamos ser amigos. Precisamos amar, honrar e respeitar-nos, e ajudar-nos uns aos outros. Onde quer que seja, os santos dos últimos dias são bem recebidos, pois são todos eles crentes na divindade do Senhor Jesus Cristo e envolvidos nesta grande causa.

Falamos da integração e amizade entre os santos. Isto é e tem de ser uma coisa muito concreta. Jamais devemos permitir que enfraqueça esse espírito de fraternidade e irmandade. É preciso cultivá-lo constantemente. É um aspecto importante do evangelho.

Bem, irmãos e irmãs, tivemos uma conferência maravilhosa. Todos os oradores falaram inspirados pelo Santo Espírito. A música foi soberba. Somos profundamente gratos a todos os que dela participaram — aos oradores, aos que proferiram as preces e aos que elevaram nossa alma com música.

Voltando para casa, meditemos nas coisas que ouvimos. Partamos com a decisão e determinação de viver mais plenamente o evangelho. “Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens;

na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Cremos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.” (13.^a Regra de Fé.)

Esta Regra de Fé é uma das declarações fundamentais de nossa teologia. Nesta grande conferência, fomos lembrados de muitas virtudes citadas nesta declaração. Devemos meditar a respeito delas continuamente. Desejaria que toda família da Igreja escrevesse esta Regra de Fé e a colocasse num espelho onde fosse vista diariamente por todos os membros. Então, sempre que fôssemos tentados a ser negligentes, desonestos ou imorais, nos viria à mente com certa força esta grande e abrangente declaração ética de nossa conduta. Haveria menos racionalização a respeito de certos aspectos de nossa conduta pessoal que procuramos justificar com esta ou aquela desculpa.

Alguns querem fazer-nos acreditar que o espaço entre bem e mal é geralmente cinzento, tornando difícil determinar o que é certo e o que é errado. A todos que acham isso recomendo este belo pronunciamento de Moroni, no Livro de Mórmon: “Porque eis que o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau; portanto, eu vos estou ensinando o modo de julgar; porque tudo o que incita à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo; por conseguinte, podeis perfeitamente saber que é de Deus.” (Moroni 7:16.)

Estabeleçamos o hábito de ler as coisas que fortalecem nossa fé no



Senhor Jesus Cristo, o Salvador do mundo. Ele é a figura central da nossa teologia e de nossa fé. Todo santo dos últimos dias tem a responsabilidade de saber por si próprio, sem sombra de dúvida, que Jesus é o Filho vivo, ressurreto, do Deus vivo. Os Irmãos do Conselho dos Doze recomendam que leiamos um capítulo por dia dos Evangelhos — Mateus, Marcos, Lucas, João — e de 3 Néfi no Livro de Mórmon, especialmente a partir do capítulo onze, onde encontramos o relato da visita de Cristo aos nefitas neste hemisfério. Gostaria de endossar esse programa, recomendá-lo e instar-vos a segui-lo.

Irmãos e irmãs, não temos nada a temer se continuarmos do lado do Senhor. Se orarmos sempre, buscando a sabedoria de Deus, que é a fonte de toda genuína sabedoria; se cultivarmos o espírito de amor, paz e harmonia no lar; se cumprirmos nossas obrigações na Igreja com en-

tusiasmo e fidelidade; se estendermos a mão aos vizinhos e outros com espírito de amor cristão e apreço, ajudando onde for preciso; se formos honestos com o Senhor no dízimo e ofertas, seremos abençoados conforme Deus prometeu. Nosso Pai fez convênios explícitos com seu povo. Ele está em posição de cumprí-los, e testifico que o faz.

Gostaria de ler-vos para concluir, palavras confortantes do Senhor ao seu povo muito tempo atrás: “Não tendes receio de praticar o bem, meus filhos, pois o que semeardes, isso colhereis...”

“Não temais, pequeno rebanho; fazei o bem; deixai que a terra e o inferno se unam contra vós, pois se estiverdes estabelecidos sobre a minha rocha, eles não poderão prevalecer...”

“Buscai-me em todo pensamento; não duvideis, não temais.” (D&C 6:33-34, 36.)

Concluindo, deixo-vos o amor e bênção do Presidente Spencer W. Kimball, de seu conselheiro, o Presidente Marion G. Romney e dos demais irmãos das Autoridades Gerais, acrescentando meu próprio apreço pela vossa influência sustentadora, devotados serviços e expressões de fé. O Senhor vos abençoe tão generosamente como o fará se andardes na fé. Por isto oro humildemente, ao deixar-vos o testemunho de que sei que Deus, nosso Pai Eterno, vive, que Jesus é o Cristo, o Salvador ressurreto da humanidade, e de que esta Igreja na qual temos a honra de servir é a Igreja restaurada dele na terra para o bem dos filhos do Pai que ouvem sua mensagem. Deus vos abençoe e esteja convosco em todas as coisas, a toda hora, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



*Aspectos Gerais
da 153.^a conferên-
da*

IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS
DIAS



Praça do Templo vista do edifício dos escritórios da Igreja.

Auto-Suficiência Individual e Familiar. Destaques na Sessão de Liderança

Durante a sessão de liderança da conferência geral de abril, houve uma reafirmação dos princípios básicos de bem-estar da Igreja. Estiveram presente autoridades gerais, representantes regionais e presidentes de estaca ou seus conselheiros de todas as partes da Igreja.

As instruções apresentadas aos líderes do sacerdócio ressaltaram a urgência de modificações destinadas a incrementar a auto-suficiência pessoal e familiar, o crescimento espiritual e serviço cristão. Foi lembrada a necessidade crescente de os membros da Igreja tornarem-se mais in-

dependentes e autoconfiantes, a fim de enfrentarem os atuais desafios econômicos e espirituais.

Os quoruns do sacerdócio, alas e estacas foram incentivados a se concentrarem mais no esforço de ajudar as pessoas e famílias a adquirirem estabilidade financeira, terem uma reserva alimentar para um ano e desenvolverem a produção doméstica. Solicitou-se igualmente aos líderes do sacerdócio que ressaltassem, por preceito e exemplo, a importância da lei do jejum, a qual engloba "generosas ofertas voluntárias" para o fundo de assistência aos membros necessitados.

Os membros da Igreja são tradicionalmente incentivados a jejuar, ou abster-se de alimento e bebida por duas refeições consecutivas durante o mês, contribuindo para o fundo de assistência pelo menos o custo das refeições, ou muito mais, se possível.

As modificações anunciadas foram “as mais significativas e amplas” com relação aos serviços de bem-estar, “desde 1936, quando o Presidente Heber J. Grant fez seu conhecido discurso sobre os propósitos primordiais do programa,” disse o Élder Thomas S. Monson, do Quorum dos Doze Apóstolos.

Mesmo assim, “o propósito permanece igual e inalterado”, diz o Élder Monson. “Entretanto, os métodos com que alcançamos o propósito são afetados pela mudança dos tempos e revelação contínua.”

Falando da extensão dos serviços de bem-estar proporcionados em toda a história da Igreja, dizia o Élder Monson: “Em cada período, o propósito era tornar o indivíduo auto-suficiente. Com as mudanças operadas no programa de bem-estar desde seu princípio, pode-se apreciar melhor que as modificações anunciadas pelo Presidente Hinckley são parte de uma corrente contínua.”

O programa de bem-estar foi instituído por Deus pela inspiração aos profetas. Tem sido assim desde o princípio. Às vezes, aproveitamos experiências passadas para satisfazer necessidades presentes e enfrentar os desafios do amanhã,” comentou o Élder Monson.

Ressaltando que os membros têm obrigação de serem auto-suficientes,

disse o Bispo Brown: “Temos recebido relatórios indicando que o acúmulo de recursos na preparação da Igreja está criando um falso senso de segurança em grande número de pessoas.

“É essencial que todos entendam claramente que os recursos institucionais da Igreja só poderão atender uma percentagem muito pequena da população. Eles são para os pobres e necessitados que sempre teremos, incapazes de se sustentarem — não para os que não querem sustentar-se,” afirmou.

O Bispo Brown observou que confiar nas generosas ofertas de jejum por parte dos membros “pode ser um bom meio de verificar até que ponto estamos preparados para viver a lei da consagração, caso o Senhor no-la requeresse”.

Em seus comentários, o Élder J. Thomas Fyans, da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, disse que o novo anúncio “destina-se a encorajar os membros da Igreja a utilizarem seus próprios dotes e habilidades, seus recursos financeiros e pessoais para se tornarem temporalmente independentes e depois ajudarem outros a conseguirem a mesma auto-suficiência.

“Precisamos esforçar-nos para ter auto-suficiência física, emocional, financeira e, acima de tudo, espiritual,” disse ele.

O Élder Fyans destacou que os pais e chefes de família aprenderão a pôr em prática princípios de bem-estar “no estudo individual das escrituras, orações, busca da vontade do Senhor na própria família e também nos quoruns do sacerdócio, So-

cidade de Socorro e outras auxiliares da Igreja”.

O conceito do quorum do sacerdócio como “fraternidade operante” foi então apresentado pelo Élder Fyans. Falando de como os membros do quorum podem ajudar-se mutuamente, o Élder Fyans mencionou quatro providências que tomaria se fosse um líder local do sacerdócio: (1) Envergar seu próprio “salva-vidas temporal”; (2) fazer uma lista de recursos de cada membro do quorum e avaliar sua capacidade; (3) determinar as necessidades dos membros do quorum; e (4) ensinar e ajudar os membros do quorum a se tornarem auto-suficientes.

Disse a Irmã Barbara B. Smith, presidente geral da Sociedade de Socorro: “As mulheres desempenharão um papel vital tanto na Igreja como no lar ajudando os líderes do sacerdócio a garantir o sucesso desta nova fase do programa de bem-estar.

“Ensinando na Sociedade de Socorro e no ambiente familiar, a mulher pode promover o domínio de certos princípios fundamentais que são a base do viver caridoso. As mulheres querem fazer sua parte nesta obra maravilhosa,” disse ela. Após a apresentação e discussão desses assuntos de bem-estar, o Élder Neal A. Maxwell falou sobre como os líderes do sacerdócio poderiam ser “homens poderosos na fé do Senhor”.

“Em vosso ensino e liderança, dedicais o tempo necessário para explicar aos membros o que se espera deles. Ajudar nossos membros a en-

tenderem como os propósitos fundamentais da obra do Senhor estão vinculados ao viver cotidiano é uma grande necessidade atual para nosso povo.

“A simplicidade dos princípios do Evangelho de Jesus Cristo deve ser igualada pela simplicidade em nossos programas e administração da Igreja”, disse ele.

O Élder Maxwell incentivou os líderes a delegarem responsabilidades, “não só em vosso próprio benefício mas para o bem do povo — para que não se consumam, também.” Encorajou os líderes a encontrar tempo para descansar, renovar-se, meditar e ponderar. Enfatizou ainda o princípio do amor como principal diretriz do sacerdócio. “A história nos ensina que longanimidade, persuasão, amor, gentileza e bondade são os únicos meios de mudar o comportamento humano livre e irrevogavelmente”, explicou.

No mesmo dia, mais cedo, foi realizado o Seminário para Representantes Regionais no Edifício dos Escritórios da Igreja, dirigido pelo Presidente Ezra Taft Benson, do Quorum dos Doze.

O Presidente Gordon B. Hinckley foi o orador principal. Em seu discurso, abordou a crescente pressão para que o governo legalize a jogatina e disse: “A sofística dos promotores da jogatina, assim como a sofística dos promotores de outras imoralidades e vícios, é capciosa e muito falha.”

Comentou como a jogatina provou ser um meio ineficaz de levantar dinheiro, além de ser imoral.

O Presidente Hinckley observou que estava falando em lugar do Presidente Spencer W. Kimball, impossibilitado por problemas de saúde, e que se estivesse presente, “certamente nos aconselharia a intensificar e ampliar a obra missionária da Igreja”. Com relação à abertura de outros países, disse o Presidente Hinckley: “Tenho confiança de que o Senhor abrirá o o caminho quando estivermos preparados para tirar proveito disso.”

Ressaltou a necessidade de mais missionários, as bênçãos da obra missionária e que, o que talvez consideramos um sacrifício deve ser encarado como um investimento produtor de excelentes dividendos vitalícios, estendendo-se mesmo para as eternidades.

“A obra de um missionário tem conseqüências eternas. Aceitar o evangelho conduzido pela mão de um sincero e dedicado mestre, afeta não só o aprendiz como gerações depois dele.”

O Presidente Hinckley abordou ainda a obra do templo, notando que nos próximos meses serão dedicados cinco templos, abençoando a vida de muita gente.

Falando da necessidade de líderes, disse o Presidente Hinckley: “Suponho que o mais importante atributo de liderança seja a atitude.” Disse que os líderes precisam estar dispostos a aprender e procurar conhecer o que deles se espera. Que os líderes precisam cultivar as qualidades que geram confiança. Liderança “envolve igualmente um sincero interesse pessoal pelos problemas e interesses dos liderados e, acima de tudo, disposição para

ajoelhar-se buscando mais força do que se possui naturalmente”.

Disse o Presidente Hinckley que os líderes da Igreja devem ensinar o povo a obedecer aos mandamentos do Senhor para que sejam dignos de receber as bênçãos decorrentes dessa obediência.

“Sua vida será enriquecida e serão felizes andando na luz e verdade.”

Discutiu ainda uma declaração do Presidente Heber J. Grant, de outubro de 1939. “Ele falava como profeta e eu o ouço como profeta quando leio estas palavras: ‘Prometo-vos, como servo do Deus vivo, que todo homem e mulher que obedecer aos mandamentos de Deus há de prosperar, que toda promessa feita por Deus se cumprirá sobre suas cabeças, e crescerão e progredirão em sabedoria, luz, conhecimento, inteligência e, sobretudo, em testemunho do Senhor Jesus Cristo. Que Deus nos ajude a todos que temos conhecimento do evangelho a vivê-lo, para que nossa vida possa pregar suas verdades.”

Após o discurso do Presidente Hinckley, o Élder Carlos Asay e Élder Dean L. Larsen, da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, fizeram uma apresentação sobre “Preparação da Juventude para o Serviço na Igreja”, ressaltando o papel vital das orações em família e individuais, da noite familiar e estudo das escrituras no seu fortalecimento face aos desafios de hoje.

O Élder David B. Haight, do Quorum dos Doze, falou sobre a ativação dos membros da Igreja, e a seguir o Élder Tom Perry, sobre os conselhos da Igreja.



Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência



Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro



Presidente Spencer W. Kimball



Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo Conselheiro

O Quorum dos Doze



Ezra Taft Benson



Mark E. Petersen



Howard W. Hunter



Thomas S. Monson



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



Bruce M. McConkie



J. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust



Neal A. Maxwell



Franklin D. Richards



J. Thomas Fyans



Carlos E. Asay



M. Russell Ballard



Dean L. Larsen



Royder G. Derrick



G. Homer Durham

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



Marion D. Hankins



A. Theodore Tuttle



Theodore M. Burton



Paul H. Dunn



Hartman Rector Jr.



Loren C. Dunn



Robert L. Simpson



Rex D. Pinegar



W. Grant Bergerter



Robert G. Haes



Arney Y. Komatsu



Joseph B. Wirthin



Gene R. Cook



Charles Didier



William R. Bradford



George P. Lee



John H. Gruberg



Jacob de Jager



Vaughn J. Featherstone



Robert E. Weiss



James M. Paramore



Richard G. Sord



Hugh W. Pinnock



F. Enzo Busche



Yoshinori Kikuchi



Ronald E. Poelman



Derek A. Cuthbert



Robert L. Backman



Rex C. Reeve, Sr.



F. Burton Howard



Teddy E. Brewerton



Jack H. Gosling, Jr.



Angel Abrea

O Bispo Presidente



R. Burke Peterson
Primeiro Conselheiro



Victor L. Brown
Presidente do Bispoato



J. Richard Clarke
Segundo Conselheiro

Autoridades Gerais Eméritas

Patrícia Eméril

Membros Eméritos do Primeiro Quorum dos Setenta



Edwin G. Smith



Sterling W. Sill



Henry G. Taylor



Bernard P. Brinkman



James A. Cullimore



Joseph Anderson



John H. Vandenberg



O. Leslie Stone

ATENÇÃO, EX-MISSIONÁRIOS DA MISSÃO BRASIL PORTO ALEGRE — JULHO/79 A JULHO/82

Preparem-se para a conferência com o Presidente Walter Guedes de Queiroz, dia 30 de julho próximo!

A programação será a seguinte:

8:00 horas — sessão no templo.

12:00 horas — almoço na capela da Ala São Paulo 2, Estaca São Paulo Oeste, à rua Ibituruna n.º 82, São Judas Tadeu.

14:00 horas — Conferência com o Presidente Queiroz.

16:00 horas — Esportes. Tragam suas roupas apropriadas para os jogos.

19:00 horas — Baile dos Ex-Missionários.

Todos os(as) ex-missionários(as) e seus(suas) acompanhantes estão convidados. Os que desejarem maiores informações poderão obtê-las através dos telefones (011) 276.4895 com Ernane Ichi ou (011) 814.2277 ramal 118 com Brandão (este, no horário das 7:30 às 11:30 e das 12:30 às 16:40 horas), ou ainda escrever para rua Carlos Tiago Pereira, 278, São Paulo-Capital, CEP 04150.

Até lá, companheiros!



